



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ISABEL CRISTINA ABREU CUNHA

**O paradigma da mesa comum: educar para a
solidariedade e partilha cristã**
**Contributo da unidade letiva *A Partilha do Pão* do
programa de Educação Moral e Religiosa Católica do
6º ano**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2019**

RESUMO

O ato de alimentar-se configura-se, desde o princípio da humanidade, como uma ação que vai além da simples mecânica física ou biológica, pautando-se por uma série de sentidos e rituais. Uma das características intrínsecas da alimentação humana é a comensalidade, isto é, o ato social de comer com outros. No entanto, a mesa pode assumir-se tanto como lugar de encontro e partilha salutar, capaz de forjar e fortalecer laços sociais e interpessoais, como lugar de rutura e segregação, assente em distinções económicas, religiosas ou sociais.

Pela lente do Novo Testamento, vemos Jesus Cristo edificar o paradigma da mesa comum, onde, à semelhança do Reino de Deus, todos têm lugar. Esse paradigma vê-se hoje especialmente ameaçado pelos desafios éticos e sociais que as desigualdades alimentares e a problemática ambiental representam. Nesse contexto, a Igreja e também a disciplina de EMRC têm o dever de propor continuamente novos caminhos e dinâmicas que eduquem para a vivência da solidariedade e da partilha cristã.

É a partir do enquadramento enunciado, que se apresenta, neste trabalho, o contributo da unidade letiva *A Partilha do Pão* do programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano de escolaridade com o intuito de despertar consciências para a urgência de habitar o mundo de forma mais sóbria, sustentável e fraterna.

Palavras-chave: alimentação; comensalidade; mesa; segregação; desigualdades; solidariedade; partilha; sobriedade; sustentabilidade; fraternidade.

ABSTRACT

Since the beginning of the humanity, the act of feeding it is configured as an action that goes beyond simple physical or biological mechanics, guided by a series of meanings and rituals. One of the intrinsic characteristics of human feeding is commensality, the social act of eating with others. However, table can be assumed as a place for meeting and healthy sharing, capable to forge and strengthen interpersonal and social ties, but also as a place of rupture and segregation, settled in economical, religious and social distinctions.

Through the New Testament lens, we see the common table paradigm being built by Jesus Christ, where, like in the Kingdom of God, we all have a place. That paradigm is specially threatened today by ethical and social challenges that food inequalities and environmental problems represent. In this context, Church, and also EMRC school course, has the duty to continually propose new paths and dynamics that educate to the experience of solidarity and Christian sharing.

It is through the mentioned framework that we present, in this work, the contribution of “The Sharing of the Bread” teaching unit, from the 6th grade Catholic Moral and Religious Education curriculum, in order to raise awareness to the urgency of inhabiting the world in a more sober, sustainable and fraternal way.

Keywords: food, commensality, table, segregation, inequalities, solidarity, sharing, sobriety, sustainability, fraternity.

INDÍCE

INTRODUÇÃO	5
CAPITULO I – COMENSALIDADE E CONVIVIALIDADE: DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA E BÍBLICA.....	9
1. A comensalidade como aspeto cultural e social	9
1.1. <i>A centralidade da mesa.....</i>	<i>10</i>
1.2. <i>A comensalidade através dos tempos.....</i>	<i>12</i>
2. A comensalidade como paradigma bíblico.....	20
2.1. <i>A mesa judaica.....</i>	<i>21</i>
2.2. <i>Jesus à mesa.....</i>	<i>26</i>
CAPÍTULO II – PRÁTICAS E DESAFIOS DA COMENSALIDADE ATUAL	33
1. As práticas comensais modernas.....	33
1.1. <i>Momento charneira: a Revolução Industrial.....</i>	<i>34</i>
1.2. <i>Retrato atual da comensalidade.....</i>	<i>37</i>
1.2.1. <i>A globalização dos alimentos e o fenómeno fast-food.....</i>	<i>37</i>
1.2.2. <i>A questão estética</i>	<i>40</i>
1.2.3. <i>As refeições familiares.....</i>	<i>42</i>
2. Desafios sociais e éticos	45
2.1. <i>A desigualdade alimentar e o problema ambiental</i>	<i>46</i>
2.2. <i>O paradigma da mesa comum: a proposta cristã.....</i>	<i>50</i>
CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIA LETIVA NO CONTEXTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	61

1. Contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada.....	62
1.1. <i>O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e a EB 2/3 de Nogueira</i>	<i>62</i>
1.2. <i>A turma do 6°F.....</i>	<i>64</i>
2. Fundamentos e contextualização da unidade letiva	68
3. Planos de aulas da unidade letiva <i>A Partilha do Pão</i>.....	75
3.1. <i>Aula 1 – A alimentação: dimensão biológica e cultural.....</i>	<i>76</i>
3.2. <i>Aula 2 – A refeição: experiência de encontro e partilha.....</i>	<i>82</i>
3.3. <i>Aula 3 – A dimensão simbólico-religiosa dos alimentos</i>	<i>89</i>
3.4. <i>Aula 4 – A (in)justiça na produção e comércio dos alimentos</i>	<i>94</i>
3.5. <i>Aula 5 – A fome e a injusta distribuição dos bens</i>	<i>102</i>
3.6. <i>Aula 6 – O valor da partilha, da solidariedade e do serviço.....</i>	<i>108</i>
4. Atividade “A Mesa da Partilha”	113
5. Reflexão crítica sobre a Prática de Ensino Supervisionada	115
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA	127
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

«Os servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos aqueles que encontraram, maus e bons, e a sala do banquete encheu-se de convidados.» (Mt 22,10)

Estas palavras, retiradas da parábola do grande banquete e proferidas por Jesus Cristo, prefiguram o paradigma da mesa do Reino de Deus, para a qual todos, sem aceção de pessoas, são convidados.

A simbologia do banquete, que surge recorrentemente na Sagrada Escritura, exprime a relação de comunhão e intimidade estabelecida entre Deus e o ser humano, mas também designa a harmonia e a união que deviam pautar todas as relações sociais e humanas. De facto, a parábola assume a função de provocar o leitor, reportando-o à sua vida concreta e às suas ações diárias, e levando-o a questionar-se sobre os laços que tem criado e fortalecido à volta da mesa.

Sabemos que a refeição, mais do que a simples mecanicidade biológica em termos da ingestão de alimentos, transporta em si um conjunto de ritualizações e significados, que muito dizem sobre o contexto em esta se realiza. A mesa, em particular, adquiriu ao longo dos tempos uma centralidade evidente, ainda que nem sempre reconhecida, nas vidas diárias dos indivíduos, quer seja do ponto de vista funcional e prático, quer seja ao nível da sociabilidade. Neste campo, observamos como a convivialidade à mesa acompanha tantas etapas do crescimento e desenvolvimento humano e é ocasião de celebração das relações familiares, sociais e até profissionais.

Porém, percebemos também que, em diversas situações, a mesa reveste-se de um sentido diferente, podendo ser sinal de segregação, discriminação ou limitação de hierarquias e distinções sociais. Isto acontece seja nos princípios da humanidade, no mundo antigo, na cultura judaica, espelhada na Bíblia, ou nas sociedades modernas e pós-modernas, que continuam a ser palco de profundas desigualdades alimentares.

Hoje, mais do que nunca, é necessário repropor e edificar o paradigma da mesa comum, característica da mensagem cristã. No atual contexto escolar, onde muitas vezes se privilegia uma lógica de competição e sucesso individual, e no âmago de uma cultura consumista e do descartável, onde os alunos se desenvolvem, parece-nos pertinente despertar e educar para a solidariedade e para a partilha. No fundo, trata-se de educar para a humanidade, na medida em que exige o reconhecimento do outro como um companheiro que divide e come do mesmo pão (*cum panem*), portanto, alguém semelhante, merecedor das mesmas justas e equilibradas oportunidades e condições de vida. É neste sentido e com esse objetivo que se desenvolve o presente relatório, que reflete o trabalho realizado ao longo do ano letivo, centrado na lecionação da unidade *A Partilha do Pão* e no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

Por conseguinte, propõe-se um itinerário estruturado em três capítulos, sendo que os dois primeiros dizem respeito ao referencial teórico do tema em estudo e o terceiro à prática letiva que a partir dali se construiu e executou.

Posto isto, o primeiro capítulo reflete sobre a dimensão antropológica e bíblica da comensalidade e da convivialidade. Aponta-se para a centralidade e importância da mesa no quotidiano, bem como para os hábitos e significações a ela associados no mundo antigo, particularmente nas culturas helénica e romana. Em seguida, faz-se menção do papel e simbolismo dos alimentos na Sagrada Escritura: em primeiro lugar, as conceções associadas à mesa judaica e a forma como esta se constituía como elemento de segregação relativamente aos que estavam à margem das normas de pureza legais; e em segundo lugar, a ação de Jesus à mesa e a sua edificação do paradigma de uma mesa comum, alicerçada nos valores do Reino, para a qual todos eram convidados a tomar parte, independentemente do grupo social, nacionalidade, religião ou classe económica.

O retrato da comensalidade no mundo e na cultura atuais são objeto de estudo e reflexão no segundo capítulo deste trabalho. Aí são apresentados alguns dos desafios relacionados com a alimentação e a comensalidade, fruto das profundas alterações ocorridas com a Revolução Industrial nas famílias e nas sociedades ocidentais contemporâneas, nomeadamente a globalização e o fenómeno da *fast-food*, a questão estética e as refeições familiares. Além destes, apresentam-se ainda dois grandes desafios sociais e éticos, de amplitude global: as desigualdades alimentares e económicas do mundo e as problemáticas relacionadas com a exploração e poluição dos recursos terrestres. A partir deste complexo panorama e tendo como horizonte último as temáticas a trabalhar com os alunos nas aulas no âmbito da PES, procura-se então sinalizar e identificar a proposta que a Igreja faz no sentido de colmatar e responder a estes desafios, recorrendo a diferentes documentos do Magistério da Igreja a partir do Concílio Ecuménico Vaticano II. Dessa forma, alcança-se uma concretização atual daquele paradigma da mesa comum instaurado por Jesus Cristo e apela-se a uma vivência da solidariedade e da partilha cristã que inspire novas formas de ser e de estar no mundo, pautadas pela sobriedade, pela sustentabilidade e pela fraternidade.

O terceiro capítulo centra-se então na prática letiva desenvolvida no âmbito da PES, enquadrando o processo ensino-aprendizagem que se pretendeu desenvolver com a lecionação da unidade *A Partilha do Pão* na turma 6ºF da Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Nogueira. Assim, o capítulo inicia com a caracterização do contexto escolar da PES, nomeadamente o Agrupamento de Escolas, a Escola e a turma onde esta decorreu. Segue-se a fundamentação e a contextualização da própria unidade letiva, tendo em conta o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), as Aprendizagens Essenciais e o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Procede-se, de seguida, à apresentação dos planos de aula propostos para a unidade letiva

e, num ponto posterior, à explanação da atividade “A Mesa da Partilha”, dinamizada pelo núcleo de estágio e realizada na EB 2/3 de Nogueira, sendo que os recursos utilizados na prática pedagógica se encontram anexados na parte final do relatório. O capítulo encerrará com uma reflexão crítica sobre a operacionalização da Prática de Ensino Supervisionada.

CAPITULO I – COMENSALIDADE E CONVIVIALIDADE: DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA E BÍBLICA

O ato de alimentar-se é dos mais básicos na estrutura biológica de qualquer ser vivo, mas é o significado que o ser humano dá a esse ato que o distingue dos restantes animais. De facto, mais do que alimentar o corpo, a refeição configura-se como momento único de exercício das relações interpessoais, de reflexo do ambiente social e cultural e de acompanhamento das várias etapas do viver humano.

Por outro lado, na dimensão religiosa, especificamente na cultura bíblica, a refeição e os alimentos assumem-se como símbolo de comunhão com o divino e o transcendente e funcionam como paradigma do Reino, mesa comum, onde todos, sem aceção nem segregação, têm lugar.

Nessa linha, inicia-se este capítulo com uma abordagem à dimensão antropológica e aos aspetos sociais e culturais da comensalidade e convivialidade, com especial incidência na centralidade da mesa e nos hábitos e significações alimentares das culturas helénica e romana, ainda hoje pilares da sociedade ocidental. De seguida, destaca-se a dimensão bíblica da comensalidade, tanto no contexto judaico, como no ministério e vida pública de Jesus Cristo e o seu influxo nas primitivas comunidades cristãs.

1. A comensalidade como aspeto cultural e social

Enquanto ser biológico, o ser humano tem a necessidade de alimentar-se, como forma de auto preservação. Este ato «é, provavelmente, o mais primordial e mais humano dos comportamentos, na medida em que a supressão deste agir é incompatível com a

vida»¹. Desde os alvares da humanidade que esta ação surge associada a um conjunto de sentidos e rituais que vão muito para além da simples mecânica física.

Este primeiro ponto foca-se na mesa e na comensalidade nas suas vertentes cultural e social, concretamente a herança antropológica e civilizacional helénico-romana, pilares do mundo ocidental contemporâneo.

Antes de se analisar os códigos alimentares e sociais em torno da mesa na Idade Antiga, interessa proceder a uma breve abordagem sobre a mesa e a centralidade da mesma enquanto lugar plural e multifuncional.

1.1. *A centralidade da mesa*

Ao longo dos tempos, a mesa foi-se configurando como um espaço central de encontro e convivialidade para as sociedades humanas. Mesmo no nosso quotidiano, nem sempre reconhecemos o seu devido valor e importância e muito menos o simbolismo que lhe está associado, relegando-a apenas à sua condição de simples objeto.

Este estudo pretende refletir especificamente a mesa como lugar de convivialidade e comensalidade; no entanto, importa, previamente, reconhecer e registar outros sentidos ou usos que o vocábulo tem. Etimologicamente derivada do termo latino *mensa, ae*, a definição mais comum e veiculada é precisamente a de móvel. Efetivamente, no âmbito mais doméstico e habitacional, podemos encontrar vários tipos de mesas, sejam elas de refeição, de cabeceira, de bar, de apoio, de escritório ou de centro. Todas estas peças entram na categoria de móvel, ou seja, são uma «construção humana que serve para as pessoas realizarem ações relativas às suas vidas quotidianas» ou um qualquer «elemento existente no interior das casas humanas destinado a tornar a vida quotidiana mais fácil e

¹ Paula Barata Dias, «A linguagem dos alimentos nos textos bíblicos. Sentidos para a fome e para a abundância», *Humanitas* 60 (2008): 162.

cómoda»². De acordo com a sua função ou utilidade, a mesa pode assumir uma grande pluralidade de materiais, formas, tamanhos, finalidades e significados nos mais variadíssimos campos, tanto a nível secular como a nível religioso.

No que concerne ao campo secular, a mesa surge associada aos mais diversos ambientes e momentos. Por exemplo, dentro da puericultura e dos brinquedos infantis encontramos-la como local de muda-fraldas ou de atividades, sendo útil para o desenvolvimento psicomotor dos bebés; no âmbito da recreação e lazer podemos encontrá-la com diversas finalidades, quer seja como mesa flexora, mesa de *gaming*, xadrez, pingue-pongue, matraquilhos, póquer ou bilhar. No âmbito técnico-profissional, a mesa surge muito ligada a funções concretas, próprias e identificativas de cada profissão, como é o caso da mesa de luz e som, de mistura, gráfica/digitalizadora, de costura, cirúrgica, ginecológica, elevatória/hidráulica ou fresadora.

Já no que concerne à *res publica* constatamos a importância e a centralidade conferida à mesa, sobretudo no que respeita ao seu simbolismo, uma vez que encontramos termos como mesa de voto, de júri ou da assembleia geral. Mais do que o móvel em sentido clássico ou o objeto em si, mesa refere-se aqui ao coletivo ou instituição representada.

Na dimensão simbólico-religiosa cristã, é também comum o uso dos termos mesa da Palavra e mesa da Eucaristia, aplicados às celebrações e espaços litúrgicos, para indicar o ambão e o momento da liturgia da Palavra e o altar e a liturgia eucarística, respetivamente.

Num sentido mais figurativo, o vocábulo *mesa* também se aplica para referir iguarias, pratos ou a refeição bem como os convidados ou hóspedes.³ Assim, a

² Jesús Vicente Patiño Puente, «Introducción a la historia del mueble», *Revista de Claseshistoria* 11 (2010): 2, <http://www.claseshistoria.com/revista/2010/articulos/patino-mueble-introduccion.pdf>.

³ Cf. António Rodrigues de Almeida (coord.), «mensa, ae», in *Dicionário de Latim-Português* (Porto: Porto Editora, 2008), 413.

comensalidade é entendida como a partilha dos alimentos, isto é, mais do que a sua ingestão ou composição biológica diz respeito a como e com quem se come, o que nos transporta para a dimensão mais social e cultural da alimentação e da mesa. Efetivamente, o estar à mesa com outros a partilhar alimentos favorece as interações sociais, de tal modo que o que se come e como se come chega a ser uma marca identitária cultural: diz muito daquele povo e daquela cultura.

A partilha de alimentos é um «traço distintivamente humano com um grande significado social»⁴: habitualmente os animais comem sozinhos, e quando o fazem em conjunto, ocorrem muitas vezes disputas sobre a presa ou a melhor parte da refeição; pelo contrário, os seres humanos estão familiarizados e têm como prática comum a partilha à mesa, muitas vezes de forma organizada, hierarquizada e quase sempre associado a momentos prazerosos e de divertimento social. Desta forma, a comensalidade configura-se como «a partilha de comida e bebida, forja vínculos de identidade grupal»⁵ e ajuda a criar e a fortalecer laços de intimidade social.

1.2. *A comensalidade através dos tempos*

Desde o início das grandes civilizações que a convivialidade e a mesa surgem como ponto de convergência social e familiar, sendo também formas de expressão de «sentimentos, condutas e modos de vida»⁶. Curiosamente, o sociólogo francês Claude Lévi-Strauss, numa obra onde trabalha alguns conceitos humanos a partir da linguagem mitológica, associa o alimento cru à natureza biológica humana e, em contrapartida, o alimento cozinhado à dimensão social.⁷ A partir do momento em que o ser humano

⁴ Jeffrey M. Pilcher, *Food in World History* (New York: Routledge, 2017), 2.

⁵ Pilcher, *Food in World History*, 2.

⁶ Luís Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia* (Lisboa: Alêtheia Editores, 2017), 6.

⁷ Cf. Claude Lévi-Strauss, *Mythologiques: Le Cru et le Cuit* (Paris: Librarie Plon, 1964), 342.

primitivo passou a “dar-se ao trabalho” de confeccionar os alimentos de forma mais elaborada, indo um passo mais além da simples recolção e ingestão instantânea, abre-se uma nova dimensão onde a alimentação não é mais somente um ato biológico e de sobrevivência, mas tem um carácter de sociabilidade. Um outro indicador do significado simbólico que era atribuído aos alimentos desde as civilizações mais primitivas é o da oferenda destes num contexto de cerimónias religiosas: aí, a comensalidade assume também um significado religioso, de ligação entre o humano e o divino⁸, como teremos oportunidade de explorar mais adiante neste trabalho.

No Mundo Antigo, a confeção e partilha de alimentos era uma marca que distinguia as sociedades civilizadas dos bárbaros: «a vida dos indivíduos ou dos agregados humanos encontrou no espaço da refeição um momento privilegiado da sua construção»⁹. Nas grandes civilizações, os alimentos assumem uma função social importante, já que fazem a diferenciação entre os vários povos e ajudam no estabelecimento de uma hierarquia.¹⁰ A antropologia e a gastronomia andam muitas vezes de mãos dadas, uma vez que a forma como se está à mesa, com quem se come e como se come, diz muito de determinada sociedade ou grupo étnico, permite-nos conhecer a «estrutura interna, valores e hierarquias de um determinado grupo humano, bem como dos limites que esse estabelece com o mundo que o rodeia»¹¹. Nesta lógica, a mesa, além de lugar de encontro, também pode tornar-se um lugar de conflito¹², espelhando discriminação, violência e exibição de riqueza, sendo uma forma de afirmar estatuto e poder sobre outras classes ou grupos assim considerados inferiores.

⁸ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 2.

⁹ José Tolentino Mendonça, «O espaço social da refeição. Perspectivas cristãs», *Communio* XXI (2004/4): 447.

¹⁰ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 9.

¹¹ Mendonça, «O espaço social da refeição», 448.

¹² Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 5.

Efetivamente, «nas regras à mesa refletem-se as tradições, as hierarquias e estratificações de uma sociedade»¹³. Essas regras expressam a ordem social e simbólica de forma bastante proeminente e consistente, sendo um prolongamento dos hábitos e relações sociais que se estabelecem no quotidiano de um determinado grupo.

É também à mesa que os grupos humanos assinalam, desde tempos imemoriais, os momentos mais importantes das suas vidas, as situações fundamentais do viver humano, a saber: os nascimentos, os ritos de passagem ou a união de famílias.¹⁴ A mesa acompanha a vida, espelho do crescimento humano e do fortalecimento dos laços e relações fraternais e o estar à mesa é oportunidade de celebração da vida e dos acontecimentos fundadores.

No âmbito comercial e diplomático, sabemos que a mesa ocupava e ainda ocupa um lugar importante, favorecendo acordos, negócios e trocas. Os banquetes, muito comuns na Idade Antiga, nas cortes e grandes famílias, serviam para celebrar a compra de terrenos, mercadorias, embarcações, bem como para resolver diversos conflitos familiares, sociais ou bélicos – aí se reuniam os altos representantes estatais, se discutiam alianças e se fazia a paz ou a guerra.

A nível sócio religioso, a refeição era vista como um momento especial e de enorme simbolismo. Nos banquetes festejavam-se as conquistas de cidades, vitórias nas batalhas, as festividades associadas ao líder e as festas da própria cidade. No campo religioso, o banquete era espaço privilegiado de encontro com o divino, tal como é exemplo a civilização egípcia para quem «os banquetes preparavam-se também com o propósito de estabelecer contacto com as divindades e com os antepassados mortos»¹⁵.

¹³ Rafael Aguirre, *La mesa compartida. Estudios del NT desde las ciencias sociales* (Bilbao: Sal Terrae, 1994), 32.

¹⁴ Cf. Mendonça, «O espaço social da refeição», 447.

¹⁵ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 8.

Na sociedade grega, apesar da mesa coletiva ter a mesma centralidade já referida, fisicamente não se configurava da mesma forma como a conhecemos hoje, móvel em volta do qual se reuniam as pessoas para tomar os alimentos. Tradicionalmente, o conviva helénico comia reclinado sobre o κλίνη (klinē)¹⁶ e a refeição era transportada em tampos.¹⁷ O momento da refeição era encarado como uma manifestação da civilidade e das boas maneiras, daí que envergar um traje digno era de sobeja importância. A própria refeição grega era sumptuosa, obedecia a uma série de protocolos e momentos bem definidos, compartimentados e tripartidos, a saber: sacrifício, refeição e simpósio. Nesta cultura, o comer e o beber realizavam-se em momentos separados: após a recepção inicial aos convidados no pátio, tinha lugar, primeiro, a refeição, que se realizava em silêncio, e depois o simpósio, o momento apropriado para beber e conversar entre a animação musical, que acontecia muitas vezes num espaço diferente, separado do local onde era servido o banquete ou a ceia. Desta forma, o ato de beber surgia no âmbito do convívio e do prazer, e não no da alimentação, considerando-se assim um sinal de prosperidade e de superioridade cultural. Curiosamente, o vinho não se servia em estado puro, mas era misturado com água, normalmente em partes iguais.¹⁸

No que respeita à gastronomia e aos hábitos de comensalidade na Roma Antiga, podemos afirmar que esta sofreu também grandes influências helénicas. De entre os vários tipos de refeição romana podemos distinguir: o *prandium* (refeição leve do quotidiano), a *cena* (jantar formal, realizado em ambiente festivo familiar, profissional ou

¹⁶ Peça de mobiliário usada na Grécia e Roma Antigas nos seus banquetes, semelhante a um sofá com apenas um braço, coberto por almofadas, onde os comensais se reclinavam sob o lado esquerdo enquanto eram servidos pelos escravos domésticos [Cf. Mark Stansbury-O'Donnell, *A History of Greek Art* (Chichester: John Wiley & Sons, 2015), 118-119]. Note-se que a tradução deste termo grego é precisamente «cama, caminha, sofá» [Isidro Pereira, «κλίνη, ης», in *Dicionário Grego-Português e Português-Grego* (Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998), 323].

¹⁷ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 10.

¹⁸ Sobre este tema do simpósio, pode ver-se: Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 10-11; Stansbury-O'Donnell, *A History of Greek Art*, 119.

amigável), o *convivium* (o mesmo que a *cena*, mas em proporções bem maiores) e, por fim, o *epulum* (festim ritual).¹⁹

A partir do século II, assiste-se a uma procura muita acentuada de produtos importados, como condimentos, especiarias, padaria e pastelaria diversas, mel ou vinhos preparados, fruto da expansão das fronteiras imperiais e, conseqüentemente, comerciais. O exotismo e a sofisticação passaram a ser marcas da alimentação romana, mas apenas das classes superiores, conduzindo assim a um distanciamento cada vez maior entre os hábitos alimentares das diferentes classes sociais.²⁰ John F. Donahue, especialista em Estudos Clássicos, fala mesmo numa «comensalidade segregada»²¹, onde através da partilha de uma refeição se definiam ou restauravam grupos, limitando a sua pertença a certos indivíduos, como acontecia por exemplo com os *collegia* – grupos de grande exclusividade dentro da sociedade antiga romana, que mesmo internamente apresentavam regras e hierarquias bem diferenciadas e demarcadas. Efetivamente, «a definição de ‘o outro’ via-se pelo regime alimentar»²², e a participação, o comportamento e os alimentos consumidos à mesa tinham para os romanos um grande valor antropológico.

A sumptuosidade e extravagância da comensalidade das classes superiores eram também espelhadas na baixela dos serviços de mesa utilizados, nos detalhes e riqueza das toalhas e dos guardanapos, na exuberante e refinada decoração, arranjos florais e perfumes e até nos trajes usados pelos escravos.²³ Porém, esta sumptuosidade e mordomia ocorria apenas nos banquetes civis ou festins – os *convivium* – e não nas refeições diárias. A alimentação romana do quotidiano marcava-se até por uma certa frugalidade²⁴: comiam

¹⁹ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 11-12; John F. Donahue, «Toward a typology of roman public feasting», *American Journal of Philology* 124, 3 (2003): 423-441, <http://sites.middlebury.edu/feastsandfestivals/files/2015/09/roman-public-feasting.pdf>.

²⁰ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 11.

²¹ Donahue, «Toward a typology of roman public feasting», 432.

²² Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 12.

²³ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 12.

²⁴ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 12-13.

apenas o indispensável, sem formalidades nem ritualismos, muitas vezes sozinhos e de pé em qualquer lugar de forma fugaz.

Os romanos também eram consumidores de carne, em especial da carne dos sacrifícios religiosos, uma vez que a mesma continha uma força simbólica. À semelhança dos gregos, eles utilizavam a matança dos animais para expiação das faltas, doando parte da carne para a divindade e repartindo a restante. De acordo com a perspectiva romana, o alimentar-se de carne de animais sem primeiramente os sacrificar e oferecer uma parte à divindade era considerado um hábito bárbaro, não admissível, longe dos padrões de uma sociedade civilizada.²⁵

Neste contexto, «por definição, um banquete envolvia o consumo de carne sacrificial»²⁶, mas esta estava apenas reservada aos ricos. E aqui se apresenta também uma das grandes diferenças entre os banquetes romanos e o *symposium* grego, dado que se servia e consumia em simultâneo a carne e o vinho.²⁷ Vinho esse, no entanto, que era consumido de forma idêntica à grega, ou seja, misturado com água. Foram os romanos que transformaram o vinho em bebida de consumo ordinário, porém, não no seu estado puro, já que para eles, o vinho nessa condição era considerado a bebida dos deuses.²⁸ Por outro lado, «os bárbaros, porque desconheciam as sementes da civilização e porque não sabiam dominar os seus instintos, bebiam-no puro, até à saciedade»²⁹, de acordo com a mentalidade antiga. O consumo do vinho, tal como o da carne, assumia-se assim como mais uma forma de distinção entre povos civilizados e bárbaros.

²⁵ Cf. Carlos A. Brochado de Almeida, «O vinho e a pretensa barbárie dos povos galaicos», *Douro – Estudos & Documentos* 11 (2001): 75.

²⁶ Pilcher, *Food in World History*, 12.

²⁷ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 13.

²⁸ Cf. Almeida, «O vinho e a pretensa barbárie dos povos galaicos», 68.

²⁹ Almeida, «O vinho e a pretensa barbárie dos povos galaicos», 77.

Outra das principais diferenças entre a comensalidade e convivialidade grega e a romana é a possibilidade da presença de ambos os sexos nos banquetes.³⁰ Mesmo assim, a posição e a distribuição dos convivas romanos pelo espaço da refeição obedeciam a certas regras e hierarquias: os homens teriam de se reclinar e as mulheres, quando presentes, deveriam comer sentadas; depois, o conviva mais importante, de maior estatuto ou poderio ficava ao fundo da sala, juntamente com os seus convidados de honra; à sua direita, colocavam-se os de importância média e à esquerda aqueles considerados de menor importância.³¹

Podemos concluir que, no Mundo Romano Antigo, o estar à mesa é oportunidade de demonstração e troca de estima social e a «comida desempenhava um proeminente papel neste processo social, dado que permite simultaneamente a participação comunitária e a separação social»³². Para os romanos, aqueles que partilhavam a mesma mesa e que tomavam o pão em comum, tornavam-se verdadeiros companheiros (*cum panem*)³³, ou seja, o ato de se sentarem à mesa com alguém significava que reconheciam o outro como um par, ainda que mesmo aí pudessem estar refletidos diferentes níveis ou hierarquias.

No entanto, será curioso notar que tanto na civilização romana, como noutras antigas ou mesmo modernas, este companheirismo serviu muitas vezes como pretexto para a traição. «A história testemunha as muitas destruições do outro indesejável através da mesa»³⁴, nomeadamente pelo envenenamento dos alimentos. Era até costume que a comida ou bebida servida antigamente aos grandes senhores e nobres, fosse previamente provada publicamente pelo chefe de mesa ou provador oficial das cortes; e mesmo nas

³⁰ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 12.

³¹ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 13.

³² Donahue, «Toward a typology of roman public feasting», 438.

³³ Cf. António Teixeira Fernandes, «Ritualização da Comensalidade», *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 7 (1997): 13.

³⁴ Fernandes, «Ritualização da Comensalidade», 13.

cerimónias litúrgicas celebradas pelos bispos se encontram relatos de o cerimoniário ter de provar o vinho utilizado no rito eucarístico.³⁵

Uma outra evidência da herança, ainda presente nos tempos hodiernos, da cultura da comensalidade prende-se com o campo etimológico. Veja-se, a título de exemplo, os inúmeros adágios, ditados e provérbios populares em torno deste imaginário da comida e da mesa: «quem dá o pão, dá a educação»; «cada um puxa a brasa à sua sardinha»; «comer o pão que o diabo amassou»; «diz-me o que comes, dir-te-ei quem és»; «não há fome que não dê em fartura» ou «sem ovos não se fazem omeletas». Também o termo *salário* é uma prova da influência e do enraizamento desta cultura da comensalidade. A palavra tem a sua origem no sal, que se apresentava como forma de pagamento aos legionários romanos, por ser um bem alimentar precioso que servia tanto para temperar como para preservar a comida. Curiosamente, além desta utilidade económica, a partilha do sal era símbolo de fraternidade, tal como sucedia na época neossiríaca, onde «o sal espalhado sobre as mesas constituía elemento de unidade, tornando-se central no fortalecimento de laços»³⁶. Na Roma Antiga, o sal estava também associado a um simbolismo religioso, já que se tinha por costume espalhar o sal sobre a mesa e deixar o saleiro sobre ela durante toda a refeição, como forma de honrar os deuses.³⁷

Daqui se depreende a ambivalência e polaridade que caracterizou a mesa ao longo da história da humanidade. E muitas destas características aqui abordadas ou apresentadas continuam hoje, ainda que em formatos e níveis diferentes, muito presentes nas nossas mesas. As desigualdades e diferenciações, os limites e as hierarquias sociais continuam hoje a refletir-se nas mesas e na alimentação dos diferentes povos, culturas e classes

³⁵ Cf. Fernandes, «Ritualização da Comensalidade», 13.

³⁶ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 6.

³⁷ Cf. Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 11.

sociais. Apesar disso, culturalmente, têm prevalecido o companheirismo, o convívio e os afetos como prato principal que se reconhece e serve à mesa.

2. A comensalidade como paradigma bíblico

Como já fomos percebendo, do ponto de vista antropológico, aquilo que se come, como se come e com quem se come, é uma das melhores formas de se compreender uma sociedade. «O consumo dos alimentos está regulado por usos e costumes muito profundos e de grande carga simbólica»³⁸, e no âmbito bíblico e da tradição judaico-cristã, isso não é menos verdade. Aliás, no que toca ao judaísmo bíblico verificamos inegavelmente uma estreita relação entre as regras e normas relativas às refeições, aos alimentos e à participação à mesa e os limites territoriais e sociais estabelecidos por aquele povo.

Efetivamente, o texto bíblico faz uso de inúmeras referências alimentares que, muito além de um simples utilitarismo, pretende salientar o seu carácter simbólico, espiritual e mistagógico. Aí, fica em evidência o papel e o significado da mesa e da comensalidade como meio, não só social e de exercício ou espelho das relações, limites e hierarquias sociais, mas como símbolo de comunhão com o divino e o transcendente. Para os autores bíblicos, a questão alimentar funciona como paradigma da mensagem ou do simbolismo que desejam transmitir.

São diversas as referências alimentares que podemos encontrar na Sagrada Escritura, desde o Antigo ao Novo Testamento, como por exemplo o episódio do fruto da árvore do jardim no livro do Génesis (Gn 3,1-6), a oferta de Sara e Abraão aos três visitantes misteriosos (Gn 18,1-8), a cedência da primogenitura de Esaú por um prato de lentilhas (Gn 25,29-34) e o engodo de Jacob a seu pai Isaac com um guisado (Gn 27,1-29), a fome que leva a família de José ao Egipto (Gn 41,53 – 42,5), a promessa de uma

³⁸ Aguirre, *La mesa compartida*, 34.

Terra onde corre leite e mel (Ex 3,8.17; 13,5; 33,3; Lv 20,24; Nm 13,27; 14,8; Dt 6,3; 11,9; Js 5,6), a refeição da Páscoa celebrada pelos hebreus antes da saída do Egito (Ex 12,1-28), a dinâmica alimentar acordada entre Deus e o povo durante o período de errância no deserto (Ex 15,22 – 17,7), todos os preceitos e códigos dietéticos prescritos no Levítico, a refeição providenciada pela viúva de Sarepta a Elias (1 Rs 17,8-16), as Bodas de Caná (Jo 2,1-10), a multiplicação milagrosa dos pães e dos peixes (Jo 6,1-13), as inúmeras parábolas sobre o Reino (p.e., banquete nupcial: Mt 22,2-14; fermento: Lc 13,20-21; o rico e Lázaro: Lc 16,19-31), a Última Ceia (Mc 14,22-25) ou a fração do pão realizada pelas comunidades primitivas descritas nos Atos dos Apóstolos (Act 2,42.46). Estes e outros exemplos, no fundo, procuram que o leitor reflita sobre o simbólico e as «metáforas socioculturais, religiosas e sagradas»³⁹.

É sobre esta problemática que vamos refletir, concretamente sobre as transformações profundas e significativas introduzidas pelas ações e palavras de Jesus Cristo na estrutura social hebraica através da mesa.

2.1. *A mesa judaica*

Tal como para as sociedades helénica e romana, também no caso da cultura israelita, como retratada na Sagrada Escritura, a mesa ocupa um lugar central. Mais do que a dimensão nutricional, a mesa e os alimentos estão carregados «de sentimentos e sentidos a partir dos quais se edificam, constroem e fortalecem as relações familiares, sociais e nacionais»⁴⁰. O comer à mesa com alguém significa, na cultura vetero-testamentária, o tomar parte com aquela pessoa e a sua família ou comunidade e com os

³⁹ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 14.

⁴⁰ Hernando Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete: de la Primera a la Segunda Alianza», *Theologica Xaveriana* 58/166 (2008): 356.

seus valores; significa não só partilhar a mesa, mas também a vida e as crenças.⁴¹ O sentar à mesa com alguém implicava um reconhecimento da sua dignidade e igualdade: partilhar a mesa era assumir um grau de identificação de semelhança com os comensais.

Outra das características associadas pelos hebreus à mesa e à partilha dos alimentos é a sua função unificadora no seio da família: o ideal doméstico está representado em torno da refeição, fruto do trabalho do patriarca. «A mesa não só simboliza como também constrói, realiza e fortalece a unidade familiar»⁴², uma vez que a partilha dos alimentos possibilita a paz, a concórdia e a alegria e contribui para uma vida familiar melhor e mais feliz.

Observa-se que, a partir desta ideia de unidade familiar, se identifica e entende com facilidade a transposição desta coesão também para a grande família do povo de Israel. Os mesmos sentimentos que congregam as famílias hebraicas em torno da mesa, também se fazem presentes e se ampliam no seio do povo israelita, no que diz respeito à comensalidade.⁴³ Logo, pode-se inferir que os sentimentos e as práticas que os uniam são os mesmos que os levam a separarem-se de todos os outros que não integravam a mesma família e não faziam parte do povo eleito. A comensalidade desempenha desta forma um papel paradoxal no seio da cultura judaica: é símbolo de unidade, mas também de segregação.

Considerando-se povo eleito entre os demais, inserido e rodeado de nações politeístas e geograficamente situados num território de extrema importância económico-militar (o corredor sírio-palestiniano), na medida em que é ponto de convergência e ligação entre os continentes africano, europeu e asiático, o povo judeu via com desconfiança os que não faziam parte das suas fileiras.

⁴¹ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 356.

⁴² Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 358.

⁴³ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 358.

Esta noção cultural de exclusividade baseia-se em grande parte na identidade religiosa e tem até na própria estrutura do templo uma configuração física – «estavam escrupulosamente regulados os espaços que se podiam usar (os gentios não podiam entrar no átrio de Israel; as mulheres não podiam entrar no átrio dos homens; os sacerdotes tinham acesso a lugares proibidos aos laicos; no lugar mais santo – o *sancta sanctorum* – só podia entrar o Sumo Sacerdote uma vez por ano)»⁴⁴.

Relativamente à alimentação, também aqui assistimos a uma exclusividade, já que «no contexto bíblico, o alimentar-se reflete, à partida, uma relação do homem com Deus»⁴⁵. É neste contexto que surgem os *kasher*, que são «alimentos naturais, “limpos”, que proporcionam um são estado físico e espiritual, aspetos que garantem identidade étnica a um povo que sempre reclamou diferenciação»⁴⁶. Porém, mais do que alimentos puros, este modelo alimentar pressupunha uma integridade física, uma purificação do próprio sujeito, já que «na mentalidade judaica, junto de Deus, apenas têm assento os que se apresentam puros»⁴⁷.

Por outro lado, como referido acima, para os hebreus a mesa apresenta-se como um momento de profunda inter-relação e «quando num determinado grupo humano se chega a perceber a lógica e o conteúdo dos alimentos, bem como a ordem que regula a mesa, alcança-se um conhecimento muito importante desse grupo»⁴⁸. Daqui se depreende que, pelo conhecimento que temos da refeição (enquanto alimento e todos os rituais em torno dela), podemos fazer uma radiografia do contexto histórico, socioeconómico e cultural dos protagonistas.

⁴⁴ Aguirre, *La mesa compartida*, 47.

⁴⁵ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 15.

⁴⁶ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 15 [A enumeração dos alimentos considerados puros ou impuros, segundo a cultura e religião judaica, pode ser consultada em Dt 14, 3-21 e Lv 11, 1-47; note-se que esta visão dos alimentos se contrapõe com a visão cristã relatada em At 10, 11-16].

⁴⁷ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 15.

⁴⁸ José Tolentino Mendonça, *A construção de Jesus. Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2004), 68.

No que respeita à cultura judaica e em concreto ao grupo farisaico, a mesa é ponto tão central que chega a ser abordada, para citar dados fornecidos por Tolentino Mendonça, em «67% das perícopes legais atribuídas aos seus mestres, no período anterior ao ano 70»⁴⁹, ou seja, no período imediatamente anterior à destruição do templo de Jerusalém. Para eles, a refeição era o local sagrado de onde se descartavam todas as impurezas e impuros, que não tinham lugar à mesa. A pureza, não só do ponto de vista higiénico, era também central na refeição farisaica, que na sua essência procurava «reproduzir o modelo da pureza natural do sacerdote no exercício das ações sacras. A mesa era o local preferencial para estender a pureza ritual fora do templo»⁵⁰.

Em suma, constatamos que no judaísmo do séc. I existe uma dupla preocupação, isto é, por um lado há a procura desenfreada por salvaguardar o corpo social (povo) dos restantes, e, simultaneamente, de acautelar o corpo (indivíduo) pelo cumprimento das normas impostas.⁵¹ Neste contexto, a refeição assume um carácter de extrema importância, pelo facto de ser local de convívio e reforço da identidade judaica, de apologia da cultura deste povo, e distinção em relação aos seus pares vizinhos e, aqui também, ao invasor romano. Além desta segregação racial e religiosa, acabava também por marginalizar socialmente alguns grupos especiais dentro do próprio povo e por fazer distinção entre pessoas de acordo, por exemplo, com a sua condição ou ofício.⁵²

São vários os relatos bíblicos que nos indicam esta separação e limites relacionados com a pureza e a partilha dos alimentos que os judeus impunham. No livro de Tobite, este narra como se recusou a comer os alimentos preparados pelos gentios durante o cativeiro em Nínive por obediência às leis de Deus (cf. Tb 1,10-12). Também Judite, quando vai ao encontro de Holofernes, general do exército de Nabucodonosor,

⁴⁹ Mendonça, *A construção de Jesus*, 68.

⁵⁰ Mendonça, *A construção de Jesus*, 69.

⁵¹ Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 36.

⁵² Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 358-359.

ingere apenas os alimentos que trazia consigo e preparados pela mão da sua serva, e sai da tenda à noite para se purificar antes da refeição, banhando-se numa nascente (cf. Jdt 10,1 – 12,20). Em Dn 1,3-17, temos o relato de como Daniel, ao serviço do rei da Babilónia, se recusava a comer os alimentos e o vinho oriundos da cozinha real, para evitar contaminar-se. No Novo Testamento, de entre os vários episódios, podemos referir o da pecadora arrependida em Lc 7,36-50, onde fica patente a repulsa dos comensais fariseus pela presença e contacto com a mulher considerada impura.

Apesar de os judeus aceitarem «o trato com os pagãos nas sinagogas, mercados e ruas, mantinham uma separação estrita na altura de partilhar a mesa»⁵³. Consideravam o respeito e o cumprimento das normas de pureza como forma de respeito pela herança recebida pelos antepassados e pelos primeiros profetas e pais na fé.

Isto deriva do facto de, na literatura rabínica, de uma forma geral, todos os estrangeiros, os não judeus, serem considerados idólatras e «comer com um [deles] é, portanto, encontrar e, em certa medida até, participar na idolatria»⁵⁴. Não se trata simplesmente de não comer da mesma comida – e para isso, se desenvolveu a comida *kasher* –, mas mais do que isso, é o não sentar sequer à mesa com os gentios nem interagir socialmente com eles. O partilhar a mesa é visto como o princípio de uma interação social e da construção de relações e afetos. Por isso, alguns autores identificam também uma estreita relação entre os preceitos alimentares e os preceitos sexuais e relativos ao casamento⁵⁵, nomeadamente a proibição dos casamentos mistos, ou seja, fora do próprio povo. Para os hebreus, partilhar a mesa com estrangeiros era o primeiro passo para

⁵³ Aguirre, *La mesa compartida*, 39.

⁵⁴ Jordan D. Rosenblum, «From Their Bread to Their Bed: Commensality, Intermarriage, and Idolatry in Tannaitic Literature», *Journal of Jewish Studies* 61/1 (2010): 22.

⁵⁵ Cf. Mary Douglas, «Deciphering a Meal», in *Food and Culture: a reader*, ed. Carole Counihan and Penny Van Esterik (New York: Routledge, 1997), 45-52; Rosenblum, «From Their Bread to Their Bed», 25; Jean Soler, «The semiotics of food in the Bible», in *Food and Culture: a reader*, ed. Carole Counihan and Penny Van Esterik (New York: Routledge, 1997), 63-64.

estabelecer interações que poderiam levar a uma relação conjugal, considerada nesta altura como idolatria. Aqui está patente, novamente, a preocupação com a preservação da identidade e do corpo social judaico. O povo judeu seguia literalmente e com profunda seriedade e retidão as regras de pureza ritual, que eram estendidas tanto à mesa como à cama: «abolir a distinção, seja no campo sexual ou no culinário, é subverter a ordem do mundo»⁵⁶.

2.2. *Jesus à mesa*

Como fomos constatando, o judaísmo apresenta-se como uma cultura muito própria, dominada por um forte sentido de exclusividade e de pertença ao povo eleito por Deus. É no e do seio desta cultura que surge a pessoa de Jesus Cristo que, como evento messiânico, marca um momento de continuidade e simultaneamente de rutura entre as práticas e as vivências de comensalidade próprias do Antigo Testamento e já aqui apresentadas. Interessar sobretudo abordar os elementos de novidade introduzidos por ele à mesa.

Curiosamente, Jesus Cristo faz uso da linguagem e cultura da comensalidade, aproveitando o facto de a mesa simbolizar a relação com os irmãos, mas ser também forma de relacionamento com Deus, para ilustrar e falar aos seus contemporâneos das realidades do Reino de Deus e da salvação humana.

Nos textos do Novo Testamento é possível observar que a experiência de partilhar a mesa fortalece os laços e a comunhão entre os comensais e é expressão concreta de alegria e felicidade. De facto, «a mesa, os alimentos e a casa são espaços e lugares que manifestam com clareza a unidade, a comunhão e a congregação em núcleos familiares,

⁵⁶ Aguirre, *La mesa compartida*, 47.

tribais e sociais»⁵⁷. Por outro lado, de forma semelhante ao que já vimos, também se encontram vários relatos que demonstram a segregação e estabelecimento de limites que a mesa pode significar.

Um outro conceito que salta à vista ao longo dos textos neotestamentários é o de hospitalidade, nomeadamente no contexto do acolhimento familiar.⁵⁸ Esta prática já estava bastante enraizada na cultura hebraica, mas com os ensinamentos e práticas de Jesus, ganha um sentido renovado e mais amplo.

Associada à mesa está também a ideia de serviço, característica fundamental da vida de Jesus. A mesa, a partilha de alimentos e o serviço passam assim também a simbolizar a generosidade e a entrega do Messias e o seu ministério.⁵⁹ Esta característica específica do serviço à mesa também se espelha claramente na dinâmica das comunidades primitivas que bebem da vida e desprendimento do Mestre.

Uma das peculiaridades da comensalidade neotestamentária é a influência da cultura helénica. Hernando Barrios Tao, doutorado em humanidades, filosofia e teologia, reflete precisamente na dimensão pedagógica que o banquete assume: não está em jogo apenas o ato de alimentar-se, nem o de conviver, mas também o de reflexão e ensinamento, à semelhança do que faziam os filósofos gregos.⁶⁰ Uma das grandes novidades introduzidas por Jesus à mesa é precisamente a de a transformar num lugar onde partilha ideias, ensinamentos e instruções doutrinárias e, desta forma, a comensalidade assume-se também como ação educativa.

A revisão bibliográfica no que diz respeito à comensalidade de Jesus evidencia o destaque dado aos textos lucanos na maioria das fontes. Efetivamente, será nesse

⁵⁷ Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 364.

⁵⁸ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 365.

⁵⁹ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 365.

⁶⁰ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 365.

evangelho onde mais se expõem e desenvolvem as práticas comensais de Jesus⁶¹ e onde este surge com mais incidência a ensinar à mesa – «cenas e imagens de refeições (incluindo parábolas contadas à ou sobre a refeição) servem como “prato principal” aqui»⁶². No evangelho de Lucas, apelidado muitas vezes de evangelho da hospitalidade, destacam-se não só «as suas palavras como o próprio ato de partilhar a mesa com os pecadores públicos»⁶³. O ensinar, o contar parábolas, o curar ou oferecer o perdão, toda esta gestualidade à mesa «coloca Jesus numa situação simbólica cheia de implicação para a revelação da Sua identidade e missão»⁶⁴.

De facto, a convivialidade à mesa é um dos momentos mais significativos do seu ministério e «aparece como um dos traços característicos do estilo do Senhor, que se senta à mesa dos bons (os esposos de Canaã, as irmãs de Betânia) e dos maus (publicanos, pecadores, o desconfiado fariseu Simão)»⁶⁵. Robert L. Kelley, ministro e teólogo presbiteriano, fala mesmo dos «hábitos alimentares democráticos de Jesus»⁶⁶, já que ele nunca come sozinho, preferindo sempre partilhar a mesa, num ambiente de grande inclusividade e diversidade, onde todos têm lugar.

Assim, em Lucas, encontramos o Messias em torno da mesa reunido com três grupos distintos: pecadores e publicanos, fariseus e discípulos.⁶⁷

A partilha da mesa com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,27-39; 15; 19,1-10) é uma das posições do Nazareno em conflito com as diretrizes judaicas e causa de escândalo e estranheza. Aqui, a problemática prende-se sobretudo com a questão da pureza e do

⁶¹ No Evangelho de Lucas podemos encontrar dez cenas de refeição em que Jesus come com outros: três delas têm relatos paralelos nos outros evangelhos, no entanto, sete delas só podem ser encontradas em Lucas [cf. Robert L. Kelley, «Meals with Jesus in Luke’s Gospel», *Horizons in Biblical Theology* 17 (1995): 123].

⁶² Kelley, «Meals with Jesus in Luke’s Gospel», 123.

⁶³ Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 366.

⁶⁴ Mendonça, «O espaço social da refeição», 448.

⁶⁵ Giovanni Cesare Pagazzi, *La cucina del Risorto. Gesù cuoco per l’umanità affamata* (Bologna: EMI, 2014), 16.

⁶⁶ Kelley, «Meals with Jesus in Luke’s Gospel», 124.

⁶⁷ Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 58.

sentar à mesa com aqueles que não pertencem ao povo ou não são considerados puros e como tal excluídos no sistema social judaico. Jesus rompe com as normas convencionais da pureza e junta-se à refeição com os excluídos e à semelhança dele também o fará a primitiva comunidade cristã – «quando Pedro voltou a Jerusalém, os que eram da circuncisão discutiam com ele, dizendo: “tu entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles”» (Act 11,2-3). Assim, e a partir do exemplo do Mestre, «na comunidade cristã se prefigura um novo tipo de relações sociais»⁶⁸, revelando uma comunidade inclusiva como antítese à prática hebraica e onde a mesa é, acima de tudo, lugar de encontro.

Se é verdade que Jesus se sentava com os excluídos, não é menos verdade que também partilhava a mesa com os fariseus. Relativamente a este grupo judaico, Jesus mostra-se bastante polémico com o anfitrião e os restantes comensais, tal como demonstra o episódio da pecadora arrependida (Lc 7,36-50); o facto de Jesus não se ter lavado (purificado) antes da refeição (Lc 11,37-40); ou a cura do paralítico durante a refeição e a um sábado (Lc 14,1-6). Estas passagens denotam várias controvérsias às quais Jesus responde de forma assertiva e com autoridade, assumindo o verdadeiro papel de Mestre. Ele revela-se até, muitas vezes, «um hóspede inconveniente»⁶⁹, uma vez que além de permitir e dar espaço para o contacto com os pecadores e impuros, também critica de forma violenta e crua a hipocrisia dos fariseus. Pode mesmo dizer-se que, no ministério de Jesus, os banquetes com os fariseus representam «não uma experiência de encontro, mas de confronto, porque Jesus e a sua missão não eram susceptíveis de ser absorvidos por aquela religiosidade assente na exclusão»⁷⁰. Pelo contrário, a mesa em si mesma prefigura-se como metáfora para o Reino: ao sentar-se, acolher e comer com todas as pessoas, sem fazer aceções, seleções ou elitismos, Jesus espelha o Reino de Deus, um

⁶⁸ Aguirre, *La mesa compartida*, 62.

⁶⁹ Mendonça, «O espaço social da refeição», 453.

⁷⁰ Mendonça, «O espaço social da refeição», 453.

reino de justiça, paz, comunhão, perdão e misericórdia onde todos têm lugar.⁷¹ Com a sua ação, Jesus quebra as barreiras da segregação e da hierarquização habitualmente impostas pela mesa judaica entre os vários níveis sociais. Ele revoga as regras e leis culturais judaicas; «não rejeita as suas raízes judaicas, mas coloca-se acima da Lei»⁷², opõe-se às fronteiras e limites criados, adapta-os, contorna-os e valoriza a lei do coração por oposição à lei da tábua.⁷³

Por último, Lucas apresenta-nos Jesus à mesa com os seus discípulos (cf. Lc 22,14-18; 24, 13-35; 24,36-49). Aqui a mesa surge como local privilegiado onde os discípulos reconhecem o Mestre pelo partir do pão.⁷⁴ Note-se que é em torno da partilha do pão que, posteriormente, se desenvolve e cresce o cristianismo, onde a casa deixa de ser mero local de residência e a mesa se torna local de reunião, encontro, convívio e plataforma missionária.⁷⁵

Nos textos do Novo Testamento e pela predicação de Jesus somos também introduzidos à dinâmica do serviço à mesa como paradigma do serviço a seguir pelos seus discípulos e posteriormente por toda a Igreja. Não se pode «descuidar – e muito menos evitar – o mundo do serviço e da entrega herdado da mesa do Mestre»⁷⁶. Com efeito, reconhecemos na pessoa de Jesus Cristo retratada nos evangelhos a figura, por excelência, do servo. Ademais da sua entrega última e encarnação do servo sofredor pela sua paixão

⁷¹ Cf. Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 367.

⁷² Franco Boscione, *Los gestos de Jesús. La comunicación no verbal en los Evangelios* (Madrid: Narcea Ediciones, 2004), 112.

⁷³ Se para os judeus a pureza estava dependente daquilo de que se alimentavam – veja-se os inúmeros alimentos proibidos, por serem considerados impuros, em Lv 11 –, Jesus parece desconsiderá-los como causa de impureza, já que «não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca isso é que torna o homem impuro» (Mt 15,11). Assim, «se de um lado o “velho” homem judaico valoriza as precauções rituais com a impureza do que provém do exterior, o “novo” homem cristão coloca no centro das suas preocupações a impureza que saía do pensamento, das palavras e das ações» [Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 17].

⁷⁴ Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 97.

⁷⁵ Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 110; Jean Comby, *Para ler A História da Igreja – das origens ao séc. XI* (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1997³), 52.

⁷⁶ Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 370.

e morte, ao longo da sua vida e ministério, encontramos múltiplos relatos onde ele se põe ao serviço e exorta outros à mesma atitude.⁷⁷

Em suma, as refeições de Jesus «denotam uma gama de sentidos e alcances que ultrapassam o seu significado primário de simples alimentos»⁷⁸. Ele recupera a dimensão social da mesa, aproveitando a intimidade que esta geralmente proporcionava para transmitir os simbolismos mais ricos e profundos da comensalidade⁷⁹, seja como lugar de ensinamento e pedagogia, como paralelismo com o Reino, ou como memorial da sua presença através da fração do pão. De facto, «a comunhão da mesa partilhada com o Mestre de Nazaré é a experiência onde se prolongará a sua presença no seio da comunidade»⁸⁰, como convite à memória e à imitação da sua vida de serviço e acolhimento.

Com Cristo, assiste-se ao nascimento de um novo paradigma em torno da mesa e que encontrará a sua continuação e desenvolvimento na comunidade cristã primitiva. Porém, «os alvares do cristianismo nunca foram de uma perfeita harmonia»⁸¹, dado que no seio da comunidade primitiva também existiam intrigas e disputas em torno dos preceitos legais que envolviam a mesa. Neste aglomerado de homens e mulheres que seguiram o Ressuscitado encontravam-se judeus e gentios, provenientes dos mais diversos pontos geográficos. Esta diversidade e a bagagem cultural trazida pelos convertidos judeus nem sempre facilitaram a interligação do grupo, quer pela questão dos alimentos propriamente dita, quer pela questão da purificação e partilha da mesa com os não pertencentes ao povo eleito.

⁷⁷ Confirma-se, por exemplo, Mc 2,15-17; Lc 12,35-38; 22,26-27; Jo 13,1-17.

⁷⁸ Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 372.

⁷⁹ Cf. Boscione, *Los gestos de Jesús*, 118-119.

⁸⁰ Barrios Tao, «Comida, mesa y banquete», 375.

⁸¹ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 15.

Por fim, uma última característica que importa assinalar na comensalidade neotestamentária e tratada pelo teólogo Giovanni Cesare Pagazzi é a constante preocupação de Jesus Cristo em alimentar as multidões famintas e em saciar os sedentos, não esquecendo nunca de dar graças ou abençoar os alimentos (cf. Mt 26,26-29; Mc 6,34-44; Lc 9,12-17; Lc 24,13-35; Jo 6,1-15). Isto porque, na ótica de Cristo, os alimentos são «sempre algo a pedir e, portanto, um dom a agradecer»⁸², que recorda a nossa condição de filhos e filhas e a vida periclitante, onde não dependemos de nós próprios, mas vivemos porque recebemos de alguém. No fundo, «partilhar o alimento dando graças significa decidir viver como filhos e irmãos»⁸³, neste reconhecimento de que tudo devemos a uma alteridade e que partilhamos esta mesma condição de criaturas frágeis com todos os outros seres humanos.

Em síntese, Jesus e a sua posição à mesa constituíram um ponto fraturante com a cultura judaica. O cristianismo apresenta-se como universal e democrático, uma vez que promove o acolhimento de todos, independentemente do género, raça ou condição social – «se fazeis distinção entre as pessoas, cometeis pecado e a Lei condena-vos como culpados» (Tg 2,9). O cristianismo assume, desta forma, uma ética de compreensão, dado que «compreender é assimilar, é tornar semelhante a si, é transformar a diferença em identidade»⁸⁴. Ao contrário do judaísmo do primeiro século, esta visão cristã vem permitir aos povos externos a integração na mensagem salvífica de Cristo. No pensamento e cultura cristãos a mesa assume-se como verdadeira religião, na medida em que é religião⁸⁵ entre o ser humano e a divindade e entre o ser humano e os seus semelhantes.

⁸² Pagazzi, *La cucina del Risorto*, 17-18.

⁸³ Pagazzi, *La cucina del Risorto*, 20.

⁸⁴ Lavrador, *Ao Sabor da Bíblia*, 16.

⁸⁵ Cf. Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus – Sobre as questões de crer* (Coimbra: Tenacitas, 2010), 24.

CAPÍTULO II – PRÁTICAS E DESAFIOS DA COMENSALIDADE ATUAL

Como foi possível constatar, a comensalidade acompanha a evolução e a estruturação dos grupos humanos, podendo afirmar-se como espaço de fraternidade e estreitamento de laços ou como meio de segregação e divisão. Na realidade, o ideal da mesa comum, paradigma do Reino instituído por Cristo, nem sempre se concretiza na realidade das nossas sociedades.

A cada dia, surgem novos e desafiantes hábitos e práticas em torno da mesa e da alimentação, sintomáticos do estar e viver humanos, que entram, muitas vezes, em confronto com esse paradigma de uma mesa comum, símbolo da partilha e do encontro universais. Assim sendo, torna-se essencial compreender as mutações e o contexto da comensalidade atual e identificar e apontar novos caminhos que possibilitem às sociedades uma vivência comensal mais equilibrada e justa.

Nesse sentido, neste capítulo apresenta-se um retrato das práticas comensais nos tempos modernos, em concreto desde o período pós-Revolução Industrial, e as suas diferentes configurações, nos mais diversos campos, como a globalização, a estética e as refeições familiares. Em seguida, abordam-se os grandes desafios sociais e éticos que brotam da evolução da comensalidade, como a desigualdade alimentar e a problemática ambiental, apresentando-se, por fim, propostas para a vivência da solidariedade e da partilha cristã, que possibilitem a restituição da mesa comum, como lugar de verdadeira fraternidade e encontro.

1. As práticas comensais modernas

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / muda-se o ser, muda-se a confiança; / todo o mundo é composto de mudança, / tomando sempre novas

qualidades»⁸⁶. Assim evoca o poeta Luís de Camões o desejo e a busca inatos pelo progresso que parecem estar na génese do ser humano. Daqui se depreende que a única coisa imutável com a passagem do tempo é a própria mutabilidade, ou seja, a mudança e a evolução são parte natural de todas as sociedades e das diversas esferas e ambientes culturais, económicos e políticos que as compõem.

Nesse sentido, também a comensalidade e todo o conceito em torno dela não permaneceram estanques ao longo dos séculos, mas foram acompanhando a evolução, positiva e negativa, da cultura humana. Portanto, ainda que hoje as práticas da comensalidade continuem a constituir, como antes, «um campo de particular expressão da ritualização»⁸⁷, já que «a absorção de alimentos não tem uma mera função biológica, reveste-se também de inúmeras dimensões simbólicas»⁸⁸, a verdade é que elas se configuram de forma diferente.

Neste ponto, aborda-se precisamente, a Revolução Industrial, como o fator decisivo que influenciou a forma como hoje nos posicionamos em relação à alimentação, bem como as configurações específicas mais relevantes da comensalidade com que nos deparamos atualmente.

1.1. Momento charneira: a Revolução Industrial

Para se compreender a mesa nos tempos atuais é necessário relembrar um momento charneira da história moderna, a Revolução Industrial. Efetivamente, no século XVIII surge uma mudança económica e social ímpar, alicerçada no poder da máquina,

⁸⁶ Luís de Camões, *Poesia Lírica* (s.l.: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1998), 102.

⁸⁷ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 7.

⁸⁸ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 7.

movida a energia fóssil (carvão e petróleo), que produzia de tudo, desde comida enlatada e tecidos a novas máquinas, e que «vê consagrado o seu triunfo em quase meio século»⁸⁹. Graças a esta evolução técnica e tecnológica, os meios de comunicação tornaram-se muito mais velozes e as distâncias foram encurtadas, iniciando-se, assim, o processo de globalização do mundo moderno. Com o desenvolvimento do capitalismo e da grande indústria, a sociedade passa a usufruir de imensos benefícios.⁹⁰

Porém, como consequência deste avanço, assiste-se a um reconfigurar não só do relacionamento da humanidade consigo mesma, mas também «da humanidade com a natureza»⁹¹. Os custos desta revolução foram elevados, dado que se alteraram profundamente as relações entre patrões e assalariados⁹² e as próprias relações familiares, e esta «sujeitou milhões de pessoas a uma atividade repetitiva e de dureza opressora, levada a cabo em confinamento, e a viverem apinhadas em insalubres alojamentos urbanos»⁹³. Também «os efeitos ambientais, em povoações e vales densamente habitados, podiam ser terríveis»⁹⁴. A título de curiosidade, note-se que os britânicos da época vitoriana (1837-1901) pereciam em grande número por doenças pulmonares, consequência do elevado grau de poluição emanado das grandes fábricas, em especial em cidades industriais, como por exemplo Manchester.⁹⁵

Em quatrocentos anos, a humanidade sofreu uma evolução tão acelerada que não encontra precedentes nos milénios anteriores. Veja-se, por exemplo, que neste período se assistiu à concretização do fantástico idealizado em vários livros de Júlio Verne (1828-1905), como a viagem à lua⁹⁶; ou o desenvolvimento na medicina, que conduziu a uma

⁸⁹ Daniel Rops, *Historia de la Iglesia de Cristo*, vol. X (Madrid: Librería Arthème Fayard, 1971), 201.

⁹⁰ Cf. Rops, *Historia de la Iglesia de Cristo*, 201.

⁹¹ Andrew Marr, *História do Mundo*, vol. V (Alfragide: Texto Editores Lda./Expresso, 2016), 11.

⁹² Cf. Rops, *Historia de la Iglesia de Cristo*, 201.

⁹³ Marr, *História do Mundo*, 11.

⁹⁴ Marr, *História do Mundo*, 11.

⁹⁵ Cf. Marr, *História do Mundo*, 11.

⁹⁶ Cf. Júlio Verne, *Da Terra à Lua* (Porto: Porto Editora, 1987).

maior longevidade e melhor qualidade de vida. Mas é também neste interregno de tempo que se percebe o quanto este desenvolvimento deu ao ser humano a chave da sua própria destruição e para isso basta testemunhar a chacina nos campos de batalha europeus da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ou o uso das bombas atômicas, em 1945, em Nagasaki e Hiroxima. Todos os eventos deste período moldaram a forma como o ser humano se vê, como vê o outro e como com ele se relaciona.

Consequência de tudo isto, na sociedade ocidental contemporânea assiste-se a um fenómeno paradoxal de globalização e individualismo. Aparentemente antónimos, na verdade, testemunhamos aqui uma “esquizofrenia” crescente nas concepções sociais, isto é, se por um lado é possível contactar com alguém a milhares de quilómetros de distância, literalmente do outro lado do globo, não é menos verdade que cada vez mais se percebe em grande parte da sociedade uma dificuldade de contacto e relacionamento com o outro que se encontra mesmo ao nosso lado.

O sociólogo António Teixeira Fernandes reafirma esta ideia, também muito patente na comensalidade, ao defender que «o restaurante, mesmo cheio, não cria necessariamente sociabilidades, apenas as recebe quando transferidas para aí»⁹⁷. Por isso, vemos tantas vezes casais ou famílias inteiras que fazem as suas refeições em silêncio ou concentrados nos seus dispositivos digitais; ou grupos de amigos, onde a preocupação primeira é fotografar e publicitar nas redes sociais onde e o que se come.

Este individualismo, mais do que ser entendido como o refugiar-se em si mesmo, parece configurar-se antes numa incessante procura por atingir o idílico *self made man*, ou seja, a total autossuficiência: nas sociedades atuais, o ser humano, «mais do que refugiar-se na vida privada, como acontecia há alguns anos atrás, procura sobretudo ser ele mesmo, na sua plena autonomia»⁹⁸.

⁹⁷ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 15.

⁹⁸ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 9.

Ao contrário daquilo que acontecia nas antigas sociedades mediterrâneas que estudamos, atualmente a autonomia pessoal é muito mais valorizada e a estima já não está tão dependente do grupo de pertença⁹⁹, logo, a comensalidade e a convivialidade não assumem o mesmo papel regulador das relações que então assumia. Vemos, deste modo, que, no âmbito da comensalidade, as mudanças herdadas da Revolução Industrial deixaram também a sua marca, sobretudo na forma como as pessoas se sentam e veem a mesa, porém, no seu cerne, algumas das características da comensalidade anteriormente apresentadas mantiveram-se.

1.2. Retrato atual da comensalidade

É neste cenário pós-revolução industrial que a atual história se escreve. O tema apresentado exige uma radiografia atenta do panorama em que a comensalidade se desenvolve hoje. Por conseguinte, nos próximos pontos deste trabalho tentar-se-á apresentar brevemente e compreender as configurações mais prementes da mesa, da alimentação e da comensalidade, identificando as práticas e fenómenos a elas associadas que têm lugar no tempo presente.

1.2.1. A globalização dos alimentos e o fenómeno *fast-food*

Uma das grandes mutações no âmbito da comensalidade, após a industrialização, é precisamente o surgimento do fenómeno da globalização dos alimentos e da *fast-food*.

A industrialização dos séculos XVIII e XIX, «começou uma radical transformação na preparação – e mesmo na natureza fundamental – dos alimentos»¹⁰⁰. Como referido no capítulo anterior, na Roma Antiga havia já uma procura, em especial das famílias mais

⁹⁹ Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 49.

¹⁰⁰ Pilcher, *Food in World History*, 59.

ricas e poderosas, por alimentos exóticos, que chegavam das fronteiras do império e dos confins do mundo conhecido. Nas sociedades modernas, essa realidade expandiu consideravelmente, pois graças à máquina a vapor que possibilitou o desenvolvimento dos meios de transporte, como o comboio e os navios, os alimentos chegavam de todos os continentes, alterando as redes de abastecimento e fornecimento alimentar. Para isto, também contribuiu o processo de expansão imperialista no século XIX: «os poderes Ocidentais ganharam controlo de vastas extensões de território para plantações tropicais e produção pecuária, fornecendo assim a matéria prima para a abundante dieta Ocidental»¹⁰¹.

Apesar de todas as questões sociais e éticas graves que a expansão imperial levantou, é também em consequência de todo esse processo que hoje há uma maior facilidade no acesso à cultura gastronómica de regiões longínquas. Isso é bastante perceptível nas ruas das grandes metrópoles ou mesmo na zona de restauração de um qualquer centro comercial, onde se podem encontrar lado a lado restaurantes autóctones e novas gastronomias. De facto, «nunca antes os consumidores usufruíram de acesso a tantos tipos diversos de alimentos como no mundo ocidental de hoje»¹⁰², e até nos hipermercados encontramos secções destinadas à alimentação étnica ou às comidas e sabores do mundo, tendo ao dispor do cliente ingredientes e condimentos de outras gastronomias, como a mexicana, a asiática ou a africana. Já para aqueles que são dotados de paladares mais exigentes e curiosidade pelo autêntico, é possível fazer um verdadeiro turismo gastronómico, dada a evolução dos meios de transportes e do desenvolvimento desse sector económico, onde o foco das viagens e visitas realizadas a outras regiões ou países do mundo é a experiência da gastronomia local.

¹⁰¹ Pilcher, *Food in World History*, 60.

¹⁰² Jean-Pierre Poulain, *Sociologias da Alimentação: os comedores e o espaço social alimentar* (Florianópolis: Editora UFSC, 2004), 29.

A globalização da mesa e o ambiente capitalista e pós-industrial conduziu ainda a um novo tipo de refeição, a *fast food*. As empresas emblemáticas que a representam são também exemplo claro do fenómeno da globalização. Vêem-se *franchisings* de marcas como *McDonald's* ou *KFC* espalhadas por todos os continentes, levando a uma proliferação cultural, nestes exemplos, da cultura norte-americana pelo resto do globo. O sistema usado nestas cadeias de restauração assemelha-se ao *taylorismo*¹⁰³ e à produção em massa, numa lógica adequada ao ritmo acelerado das sociedades: os restaurantes, ainda que situados em diferentes países, obedecem ao mesmo design e estrutura; cada item dos menus estandardizados seguem a mesma exata combinação de ingredientes pré-preparados e distribuídos pelos diferentes restaurantes; a cada funcionário, compete uma única tarefa dentro da cozinha, que deve executar de acordo com os padrões definidos; a comida vendida não necessita de grandes utensílios, facilitando e acelerando todo o processo da refeição; e os materiais usados (copos, caixas e sacos) são de papel ou plástico descartável.¹⁰⁴

Empurrado pelo rápido desenvolvimento, também o ser humano é obrigado a adotar um modelo de vida acelerado. O êxodo rural para as cidades, o aumento das horas de trabalho e a diminuição do tempo em casa possibilitou o surgimento de locais onde é fácil e cómodo adquirir uma refeição a baixo custo e num curto espaço de tempo. Ali é possível ver, no dia-a-dia de trabalho, pessoas sentadas à mesa, no ato biológico de se alimentarem, mas de tal forma absorvidas nos seus ritmos e tarefas que, muitas vezes, nem se reconhece nem valoriza socialmente a presença do outro.

¹⁰³ «Método de organização do trabalho industrial desenvolvido pelo engenheiro norte-americano Frederick Taylor (1856-1915) com o objetivo de aumentar a produtividade, que se caracteriza pela divisão de funções, pela especialização dos operários e pelo controlo rigoroso do tempo necessário para o desempenho de cada tarefa» [«taylorismo», Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, consultado em 19 de junho de 2019, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/taylorismo>].

¹⁰⁴ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 123-124.

Observamos, pois, que em muitas situações a mesa perde o seu sentido simbólico e reveste-se de mera utilidade e, como consequência, multiplicam-se «nas sociedades hodiernas, os contextos em que as pessoas perdem o sentido da própria existência»¹⁰⁵. Isto porque a perda de sentido da comensalidade como lugar de inter-relacionamento, é um dos primeiros passos que pode conduzir o ser humano a uma cultura de cada vez maior individualismo: já não se valoriza com quem e onde se come, apenas se pretende que a refeição se encaixe no ritmo veloz em que se vive.

É interessante notar, contudo, o paradoxo existente em torno deste tipo de refeição pronta a comer. Se por um lado, observamos que a procura e o consumo destas refeições rápidas não decrescem, quando é sabido que as mesmas são contraindicadas e que em excesso conduzem a doenças graves, por outro lado, constatamos também a preocupação crescente com a estética e a saúde e com a questão do corpo e da imagem, como abordaremos em seguida.

1.2.2. A questão estética

Uma das outras novas configurações associadas à alimentação e à comensalidade atuais é o ideal estético, do corpo e da beleza, que cada cultura ou tempo histórico constrói a partir de diferentes entendimentos e visões. Na chamada *Belle Époque* (1871-1914), por exemplo, a imagem da mulher bela e formosa estava associada à gordura, por oposição à frugalidade. Uma estrutura corporal mais avantajada era sinónimo de elevado estatuto social, dado que indicava riqueza, fartura e abundância à mesa.

Porém, esta conceção tem sofrido profundas alterações, assistindo-se mesmo a uma mudança de paradigma no que respeita aos padrões de beleza. Na contemporaneidade, o corpo e as preocupações estéticas ocupam um lugar muito

¹⁰⁵ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 11.

preponderante e observa-se cada vez mais o surgimento do culto do corpo, fruto de uma mentalidade e fabricação cultural, que se concretiza muitas vezes na valorização e procura obsessiva por alcançar uma figura mais estilizada e magra.¹⁰⁶ Isto traduz-se na frequência de ginásios, na experimentação de novos métodos dietéticos ou na identificação do protótipo de beleza com os corpos visualizados em campanhas fotográficas, anúncios publicitários ou *passerelles* de moda. Neste seguimento, uma figura que fuja destes parâmetros não é considerada atrativa ou bela; um corpo menos delgado e a obesidade são tratados como um mal ou como doença.

E a verdade, é que efetivamente, a obesidade assume-se, hoje, como um sério problema a combater nos países ocidentais. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, num relatório europeu, mais de metade da população tem peso a mais e «a prevalência do excesso de peso e da obesidade entre adultos na região Europeia é elevada e tem tendência para aumentar»¹⁰⁷. De facto, com a industrialização, e «à medida que o nível de vida começou a aumentar, as pessoas comuns obtiveram acesso a alimentos que outrora eram luxos reservados a uma pequena elite»¹⁰⁸: a fome e a anemia já não afetavam a maioria das populações e deram lugar a um crescente consumo de carnes vermelhas, açúcares e gorduras. Hoje, sabemos serem esses os alimentos responsáveis por doenças como diabetes ou hipertensão e a causa dos elevados números de obesidade de que sofre a população.

Um dos aspetos mais paradoxais e absurdos desta questão é o facto da crescente disparidade entre os corpos “reais” e os ideais retratados nos media ter aumentado significativamente a procura por clínicas de perda de peso, medicamentos e suplementos

¹⁰⁶ Cf. Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 13-14.

¹⁰⁷ World Health Organization – Regional Office for Europe, *European Health Report 2018: More than numbers – evidence for all*, 11, consultado em 12 de junho de 2019, http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0008/379862/who-ehr-2018-eng.pdf?ua=1.

¹⁰⁸ Pilcher, *Food in World History*, 70.

para o emagrecimento, intervenções cirúrgicas, comida e bebida de baixas calorias.¹⁰⁹ É óbvio que não é possível culpar apenas os maus hábitos alimentares que se têm propagado através das cadeias de *fast-food* ou as ideias difundidas pelos meios de comunicação social por este flagelo que é, por um lado, a obesidade e, por outro, a obsessão com um corpo estilizado. A responsabilidade reside também nas escolhas pessoais de cada um e no estilo de vida que é inculcado nas famílias, daí ser fundamental existir cada vez mais informação disponível, bem como a sensibilidade e a preocupação social e política de educar para estas temáticas.

1.2.3. As refeições familiares

Outro aspeto a ter em consideração, no panorama atual da comensalidade, é a perda do significado tradicional da mesa, em grande parte associado à demografia. Numa sociedade ocidental que se move a um ritmo cada vez mais acelerado, observa-se um notório e preocupante decréscimo da demografia. É por demais evidente que os jovens demoram mais tempo a ter um emprego fixo, a sair de casa dos pais e a constituir família, o que conduz a gravidezes mais tardias, que para além dos inerentes perigos para a mulher, se traduz num menor número de filhos por família.

A mesa é local de sociabilidade e a família «pólo de multiplicação de sociabilidades»¹¹⁰, e a cada vez menor existência deste núcleo conduz a um aumento do individualismo e o que outrora se pautava por ser local de convivialidade, agora «reveste-se de características de isolamento»¹¹¹. Muitos sociólogos, apontam a refeição como a ocasião onde se ingerem alimentos como parte de um evento bem estruturado e regulado

¹⁰⁹ Pilcher, *Food in World History*, 129.

¹¹⁰ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 15.

¹¹¹ Fernandes, *Ritualização da Comensalidade*, 15.

por regras sociais, e onde transparecem as relações entre os membros da família, através da preparação e produção da refeição.¹¹²

Quando se pensa numa refeição em família, tradicionalmente vem à ideia a imagem de pais e filhos, reunidos à volta de uma mesa impecavelmente posta e recheada, partilhando alimentos. No entanto, comparando esta imagem com a realidade de uma grande parte das famílias atuais e dos seus ritmos quotidianos, percebe-se a distância existente entre uma e outra: esta tradicional ideia de refeição familiar ocorre talvez aos fins-de-semana ou então em datas especiais e festivas, como aniversários ou a época natalícia. Se outrora a hora da refeição era a atividade principal e o ponto de encontro da vida familiar, hoje, corre-se o risco de tornar a refeição um ato individual, onde cada um decide o que come e quando come, sem que haja confeção e partilha conjunta dos alimentos.

É precisamente na Revolução Industrial que se pode encontrar a génese desta transformação das refeições familiares. A agricultura, até então, encarregue exclusivamente da produção, preparação e distribuição dos bens alimentares, encontra forte concorrência nas grandes fábricas e na produção em massa. Com o rápido crescimento urbano, as tradicionais fontes de abastecimento tornaram-se inadequadas para responder à procura moderna.¹¹³ Nos anos subsequentes, com o desenvolvimento das tecnologias indústrias alimentares, foi possível introduzir no mercado novos tipos de bens alimentares, como a comida enlatada ou a congelada, o que evidentemente provocou também uma enorme transformação na forma como se cozinha e come em casa. Em muitos lares hodiernos, respira-se o mesmo ambiente de grande agitação, rapidez e movimento que caracterizou a expansão industrial. Os ritmos de trabalho, escola e

¹¹² Cf. Marianne P. Ekström and Inger M. Jonsson, «Family meals: competence, cooking and company», in *Food in Contemporary Society*, ed. Hille Janhonen-Abruquah and Päivi Palojoki (Helsinki: University of Helsinki, 2009), 23, https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/16007/fics_ejulkaisu.pdf.

¹¹³ Cf. Pilcher, *Food in World History*, 59.

compromissos sociais parecem provocar o mesmo frenesim outrora encarnado pelas máquinas, levando a que as famílias procurem soluções de refeições mais eficazes, optando pelo descartável e fugaz e retirando à mesa a centralidade e o papel unificador que esta ocupava.

Não se pretende com este retrato afirmar que a prática das refeições em família é a única forma de comensalidade válida. Aliás, as novas formas de alimentação e as suas configurações trouxeram diversos aspetos positivos e mais valias às populações, como o acesso a alimentos mais diversificados e a baixo custo por parte das famílias das classes média e baixa.

No entanto, a família ainda se apresenta como o primeiro núcleo de socialização do indivíduo; por isso, é o espaço privilegiado onde se pode educar para uma cultura da mesa como lugar de encontro e partilha interpessoal. Tome-se como exemplo o ato de ensinar a cozinhar, que passa de geração em geração, e é uma forma extraordinária de perpetuar não só as tradições familiares, como de estabelecer novos e mais justos paradigmas sociais, já que pode ser uma forma de incitar, desde cedo, a que tanto homens como mulheres assumam um papel equitativo na preparação das refeições familiares.¹¹⁴ Ademais, a hora da refeição pode apresentar-se como um recurso de aculturação, na medida em que é um momento apropriado para introduzir e ensinar às crianças as regras e normas do comportamento dito civilizado.¹¹⁵

Por fim, as refeições em família são um instrumento muito valioso para ir educando e formando hábitos alimentares mais saudáveis entre os mais jovens, pois permite que os seus pais ou educadores regulem de forma mais acertada aquilo que é por eles ingerido diariamente. Parece-nos, por isso, fundamental continuar a cultivar, ou inculcar de novo nas famílias, esta prática das refeições em conjunto, numa tentativa de

¹¹⁴ Cf. Ekström and Jonsson, «Family meals», 28.

¹¹⁵ Cf. Ekström and Jonsson, «Family meals», 27.

valorizar e aprofundar os laços familiares que aí se desenvolvem e de promover estilos de vida mais autênticos e equilibrados.

2. Desafios sociais e éticos

Embora todas as questões anteriormente apresentadas se possam categorizar elas próprias como desafios sociais e éticos relativos à comensalidade, existem algumas situações que, pela sua gravidade moral e a sua amplitude global, exigem a nossa especial atenção. Vimos no capítulo primeiro deste trabalho, a propósito quer das civilizações grega e romana, quer da sociedade judaica, que a mesa, habitualmente lugar de encontro e partilha, pode assumir-se como ocasião de diferenciação e exclusão social. A forma como as pessoas se alimentam e do que se alimentam são um fator de discriminação e uma representação de poderio e de superioridade.

Em verdade, a industrialização e o fenómeno da globalização parecem ter vindo agudizar um problema já existente no nosso planeta – o das desigualdades sociais entre hemisférios – e potenciado o surgimento de outro – o ambiental. Se é verdade que a evolução dos últimos séculos trouxe ao ser humano uma prosperidade nunca antes vista, não é menos verdade que conduziu a uma desigualdade cada vez mais crescente. E se a prosperidade à mesa é realidade nos países mais desenvolvidos, não é menos verdade que, como bem alertava o Papa Paulo VI, «hoje ninguém pode ignorar que, em continentes inteiros, são inumeráveis os homens e as mulheres torturados pela fome, inumeráveis as crianças subalimentadas, a ponto de morrer uma grande parte delas em tenra idade e o crescimento físico e o desenvolvimento mental de muitas outras correrem perigo»¹¹⁶. A isto acresce, a pegada e a destruição no meio ambiente que a exploração excessiva dos

¹¹⁶ Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967), nº 45.

recursos provoca de forma a satisfazer as necessidades e caprichos daqueles que já tanto têm.

Estas questões colocam-se como verdadeiros desafios a cada um de nós, às instituições públicas, aos governos, e também à Igreja. Exigem-se respostas e soluções adequadas, e, mais importante, é urgente a consciencialização e a adoção pessoal de um estilo de estar e de ser mais virtuoso neste planeta, onde a mesa é lugar de verdadeira fraternidade e ponte de convergência e jamais lugar onde nos sentamos sem ver o outro que morre de fome ou sufocado pelo nosso lixo.

2.1. *A desigualdade alimentar e o problema ambiental*

Entende-se, por sistema alimentar, «o conjunto de atividades e relações que interagem para determinar o quê, quanto, por que método e por quem os alimentos são produzidos (e distribuídos)»¹¹⁷. Ainda que, todo este sistema permita que cheguem até nós uma grande diversidade de produtos e escolhas alimentares, a um preço razoável, a verdade é que este sistema é promotor de grandes desigualdades sociais e económicas, que só passam despercebidas a quem não se questiona e reflete sobre a origem e o processo pelo qual passa aquilo que ingere.

São vários os problemas interligados neste sistema alimentar. Um deles, prende-se com quem controla todo o processo: os regimes de comércio neoliberais permitem que as grandes corporações monopolizem a agricultura, estimulem a sobreprodução, definam a distribuição global, saturem o mercado e estabeleçam preços baixíssimos que acabam por esmagar os pequenos e médios produtores.¹¹⁸ Outro, prende-se com a relação qualidade-preço dos produtos colocados à disposição dos compradores, uma vez que os

¹¹⁷ Geoff Tansey and Tony Worsley, *The Food System: a guide* (Oxford: Earthscan, 1995), 216.

¹¹⁸ Cf. Nik Heynen, Hilda E. Kurtz and Amy Trauger, «Food Justice, Hunger and the City», *Geography Compass* 6/5 (2012): 304-305.

sistemas de distribuição fazem dos «alimentos mais nutritivos os mais caros e menos acessíveis, especialmente nos espaços urbanos»¹¹⁹ e dos mais calóricos os mais baratos.

Deparamo-nos ainda com a problemática, herdada do colonialismo, da exploração desenfreada e excessiva dos recursos e populações das antigas colónias, que hoje identificamos essencialmente com o continente africano e sul-americano. Terrenos ricos em recursos, que mesmo após a descolonização oficial, não deixaram de servir os interesses económicos dos países seus opressores: «alimentar os Europeus, tanto localmente como através das exportações agrícolas, transformou dramaticamente a ecologia Africana»¹²⁰. Hoje, esses mesmos países, obrigados pelo pesado e desequilibrado sistema alimentar e comercial global, veem os seus recursos explorados, com consequências devastadoras para os seus ecossistemas. Tudo isto, a um muito baixo custo, já que os lucros obtidos pela produção, distribuição e comercialização dos bens alimentares ficam retidos pelas grandes empresas intermediárias no processo e nunca chegam em boa forma ao fundo desta cadeia.

De facto, segundo dados fornecidos pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o mundo produz alimentos suficientes para alimentar toda a população mundial, no entanto, parte da população continua sem possibilidade de comprar comida suficiente ou comida suficientemente nutritiva, nem comprar terrenos para cultivar.¹²¹ Entretanto, no «mundo ocidental comemos muito, comemos mal, e desperdiçamos muita comida»¹²²: de novo, de acordo com um estudo realizado pela FAO, «cerca de um terço dos alimentos produzidos para consumo humano é perdido ou

¹¹⁹ Heynen; Kurtz and Trauger, «Food Justice, Hunger and the City», 305.

¹²⁰ Pilcher, *Food in World History*, 86.

¹²¹ Cf. Food and Agriculture Organization of the United Nations, *The future of food and agriculture: Trends and challenges* (Rome: FAO, 2017), consultado em 12 de junho de 2019, <http://www.fao.org/3/a-i6583e.pdf>.

¹²² Pedro Baptista, Inês Campos, Iva Pires e Sofia G. Vaz, *Do Campo ao Garfo. Desperdício Alimentar em Portugal* (Lisboa: CESTRAS, 2012), 11.

desperdiçado globalmente, o que equivale a cerca de 1,3 mil milhões de toneladas por ano»¹²³. Estas toneladas de alimentos são desperdiçadas ao longo de todo o ciclo de produção, abastecimento e consumo final, sendo que, nos países mais desenvolvidos, a comida é desperdiçada maioritariamente na fase de consumo, mesmo quando ainda se encontra em bom estado para ser consumida.

Constata-se, pois, que a abundância nas mesas de uns é precisamente o que falta à mesa de outros, o que significa que o desperdício alimentar se afigura como verdadeiro “homicídio”, na medida em que se assemelha a condenar à morte aquele que pouco ou nada tem como alimento.

A mesa comum global assume-se, desta forma, lugar de desunião, de desigualdades, de diferenciação social; ao ser desvitalizada do seu papel agregador, torna-se centro de excomunhão, onde só alguns tomam parte. É neste contexto que nasce a insatisfação entre as classes inferiores, as insurreições, as ilegalidades, onde é colocada em causa a paz social vigente. Os adágios populares dizem que em «casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão», e a realidade é que o fator primário de união de um povo, de garantia da paz social é o pão, a não existência de fome. Só com esta premissa cumprida é que se torna possível a um país desenvolver-se próspera e pacificamente.

Ademais, esta desigualdade conduz a um declínio da dignidade humana, dignidade esta que «exige esforços no sentido de reduzir desigualdades sociais e económicas excessivas»¹²⁴. Assim, a luta contra o desperdício é a luta pelo fim das desigualdades, pela dignidade do ser humano e o dar de comer ao faminto é reconhecer naquele outro um par, um *cum panem*, e dar-lhe a mesma dignidade. Logo, um dos primeiros passos para um mundo sem desigualdades passa por uma equidade à mesa.

¹²³ Food and Agriculture Organization of the United Nations, *Global food losses and food waste – Extent, causes and prevention* (Rome: FAO, 2011), consultado em 12 de junho de 2019, <http://www.fao.org/3/a-i2697e.pdf>.

¹²⁴ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999), n° 2601.

Como mencionado no início do presente capítulo, a Revolução Industrial foi um momento de viragem da relação entre o ser humano e a natureza. Com o surgimento de uma época cada vez mais consumista, os recursos naturais foram-se esgotando e as novas máquinas levaram a um aumento da poluição para a qual a natureza não estava preparada. O impacto foi de tal forma violento que nos dias de hoje se assiste a fenómenos cada vez mais extremos, sendo a pegada humana tal, que o ser humano foi capaz de alterar não só sistemas, mas o próprio *modus operandi* da natureza. O mundo deixou de ser a casa onde ele vive e cuida e tornou-se o seu estaleiro. A procura desenfreada e desgovernada por matérias-primas levaram e levam à invasão de espaços protegidos e alteração de ecossistemas fulcrais, veja-se o caso da desflorestação da floresta amazónica. Por outro lado, são também vários os estragos e prejuízos para a própria população humana. Testemunha-se a exploração laboral dos habitantes dos locais onde se encontram os recursos essenciais e a degradação do ambiente nas grandes cidades das potências, como provam os níveis elevadíssimos de poluição na cidade de Pequim.

De acordo com a FAO, nas últimas décadas têm aumentado consideravelmente os desastres naturais e os fenómenos meteorológicos extremos, que põem em causa a segurança alimentar de milhões de pessoas, pois causam danos severos nas produções agrícolas e limitam o acesso a alimentos e a água potável. Mais ainda, as mudanças climáticas a que assistimos podem potenciar o reaparecimento de doenças, transmitidas através de insetos que se desenvolvem em climas quentes e húmidos, o que poderá prolongar ainda mais o ciclo da fome e da má-nutrição nos países mais afetados.¹²⁵

Como vimos, a riqueza não é equitativamente distribuída: em modo alegórico, poder-se-á dizer que esta fica na posse de um diminuto número de povos, enquanto os outros somente colhem deles as migalhas. Esta (in)divisão da riqueza e dos bens

¹²⁵ Cf. Food and Agriculture Organization, *The future of food and agriculture*, 61.

alimentares é causa da alteração da paz social, o que se reflete no surgimento de problemas sociais, sejam eles a fome, o desrespeito e perda da dignidade humana ou a devastação dos recursos naturais.

2.2. *O paradigma da mesa comum: a proposta cristã*

O rumo tomado pela humanidade vai sendo monitorizado de perto pela Igreja, que vê como sua missão «investigar a todo o momento os sinais dos tempos»¹²⁶. Ao longo do último século, o Magistério da Igreja tem estado atento às contínuas mudanças e refletido sobre o papel da Igreja no mundo. Este tópico mostra-se tão central que é possível observar que o Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965) fez emergir uma constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual, a *Gaudium et Spes*, que visa precisamente abordar a relação desta com o meio no qual se insere.

Mais recentemente, o Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si*, manifesta igual atenção às questões mais prementes do mundo contemporâneo, nomeadamente a questão ambiental, consciente de que «a contínua aceleração das mudanças na humanidade e no Planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho»¹²⁷, o que se contrapõe com o natural e lento desenvolvimento da biologia. E desta consciência, constata que os objetivos que motivam esta aceleração e rápida mudança «não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral»¹²⁸. A Igreja assume, então, como missão analisar e calcular os benefícios e sacrifícios que esta evolução pede à humanidade, já que «a mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e

¹²⁶ Concílio Vaticano II, *A Igreja no mundo contemporâneo: Constituição Pastoral «Gaudium et Spes»* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1966), nº 4.

¹²⁷ Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum* (Lisboa: PAULUS Editora, 2015), nº 18.

¹²⁸ Francisco, *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*, nº 18.

da qualidade de vida de grande parte da humanidade»¹²⁹. Não podemos esquecer que a vida humana e o mundo nos são confiados por Deus como dom que devemos guardar, cuidar, proteger e preservar e não como meros objetos de domínio e exploração: não temos qualquer tipo de posse sobre estes, pois tudo nos foi dado e tudo devemos a outrem.

Atenta, a Igreja percebe também, no plano internacional, um gigantesco fosso entre nações, cavado pela desigualdade dos recursos e meios económicos. Se, «dum lado, estão os que detêm e desenvolvem os meios de crescimento; do outro, os que acumulam dívidas»¹³⁰. A desigualdade existente é apresentada pela Igreja como a causa primária para o não desenvolvimento dos países, já que o mesmo deve ser integral e «realizar-se no quadro da *solidariedade* e da *liberdade*, sem jamais sacrificar uma e outra, sob qualquer pretexto»¹³¹. Para ser integral, deve também ter-se presente que «o carácter moral do desenvolvimento e a necessidade da sua promoção são exaltados quando se respeitam rigorosamente todas as exigências derivadas da ordem da *verdade* e do *bem*, próprios da criatura humana»¹³². Assim, o combate à desigualdade passa por ser o primeiro objetivo para se atingir uma realização plena da humanidade.

Em vários documentos do Magistério da Igreja é notoriamente assinalado que no modelo económico atual existe uma clara discrepância entre o norte e o sul¹³³, sendo a principal consequência desta realidade, a miséria, e mais concretamente, a fome. Esta é uma dura realidade em inúmeros países e, por ironia da situação, enquanto alguns desperdiçam e lutam com problemas de saúde por excesso de comida, outros morrem por carência dela.¹³⁴

¹²⁹ Francisco, *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*, nº 18.

¹³⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2437.

¹³¹ João Paulo II, *A Sollicitude social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»* (Braga: Editorial A.O., 1988), nº 33.

¹³² João Paulo II, *A Sollicitude social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*, nº 33.

¹³³ Cf. João Paulo II, *A Sollicitude social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*, nº 14.

¹³⁴ Numa conhecida composição da banda norte-americana Dave Matthews Band, canta-se precisamente essa desigualdade: «Funny the way it is/ If you think about it / Somebody's going hungry / And someone

A falta de bens primários não se reduz ao pão, já que é fundamental não esquecer que «a água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância, porque é indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos»¹³⁵. São também «as fontes de água doce [que] fornecem os sectores sanitários, agro-pecuários e industriais»¹³⁶, fundamentais ao desenvolvimento sustentável e equilibrado. O criar espaços por onde prolifera a fome e a sede é condenar o outro à morte, a uma morte indireta, mas que não deixa de acarretar responsabilidades morais, e simultaneamente, condenar a humanidade a um subdesenvolvimento.

Vivemos, muitas vezes, como se o outro fosse uma ameaça; como se o facto de lhe prestarmos auxílio, partilhando o que temos, nos torne mais pobres. No coração das desigualdades económicas mundiais e do fosso entre norte e sul, poderá estar a ganância, alicerçada na lógica egoísta do mais forte, mais poderoso e mais rico. Caim e Abel, Ismael e Isaac, Jacob e Esaú, José e os seus irmãos, todas estas narrativas, como sublinha o teólogo Giovanni Cesare Pagazzi, estão imbuídas «do medo de perder o único lugar disponível, não acreditando que a origem (seja ela os pais e/ou Deus) fosse capaz de guardar toda a vida da qual, na verdade, era a origem»¹³⁷. Se optarmos por continuar a olhar o outro como um inimigo, em vez de um irmão, que partilha e tem direito a habitar a mesma casa comum, continuaremos a perpetuar relações sociais pautadas pelo medo e pela desconfiança e um sistema económico desigual, violento e profundamente injusto, muito longe dos laços fraternos a que somos convidados como filhos do mesmo Pai.

A proposta da Igreja para colmatar esta problemática surge precisamente como tentativa de repor justiça. Antes de mais, é importante salientar que o *Catecismo da Igreja*

else is eating out» [Dave Matthews Band, «Funny the Way it is», *Big Whiskey & the GrooGrux King*, track no. 1 (RCA Records, 2009), CD].

¹³⁵ Francisco, *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*, nº 28.

¹³⁶ Francisco, *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*, nº 28.

¹³⁷ Giovanni Cesare Pagazzi, *C'è posto per tutti: legami fraterni, paura, fede* (Milano: Vita e Pensiero, 2014), 96.

Católica define justiça como a «virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido [sendo que] para com os homens, a justiça leva a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum»¹³⁸.

No concreto, os Sumos Pontífices têm alertando para a necessidade de combater o flagelo da fome de forma a repor a igualdade e dignidade da pessoa humana e deste modo proporcionar um desenvolvimento equitativo e salutar, integral e universal. Assim, a solidariedade torna-se bandeira pela demanda da justiça e todos os cristãos são chamados a assumir parte nesse empreendimento.

Efetivamente, e seguindo o pensamento do papa João Paulo II na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, «o exercício da solidariedade no interior de cada sociedade é válido, quando os seus membros se reconhecem uns aos outros como pessoas»¹³⁹, exigindo àqueles que dispõem de uma maior parte dos bens comuns uma «grande generosidade, muitos sacrifícios e um esforço contínuo»¹⁴⁰, que os responsabilize pelos mais frágeis, partilhando com eles a herança que receberam.

Desta forma, a solidariedade e a partilha aparecem como caminho proposto pela Igreja para colmatar estas problemáticas, já que, face ao paradigma existente, nos ajuda a ver cada pessoa não como um instrumento, pronto a usar e a explorar, e descartável a qualquer momento, mas como um irmão, nosso semelhante, «que se há-de tornar participante, como nós, no banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus»¹⁴¹. Esta missão é proposta a toda a humanidade, mas em concreto aos cristãos, que devem ver na solidariedade «indubitavelmente uma virtude cristã»¹⁴², e

¹³⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1807.

¹³⁹ João Paulo II, *A Sollicitudo social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*, nº 39.

¹⁴⁰ Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio*, nº 47.

¹⁴¹ João Paulo II, *A Sollicitudo social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*, nº 39.

¹⁴² João Paulo II, *A Sollicitudo social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*, nº 40.

que o Catecismo da Igreja Católica define como uma exigência direta da fraternidade humana.¹⁴³ Se reconheço o outro como irmão, responsabilizo-me por ele, partilho com ele. O Papa Francisco, na sua primeira Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação, em 2013, insistiu em como «é necessário hoje, como nunca, que *nos eduquemos para a solidariedade* (...) e fazer com que ela se torne uma atitude fundamental nas escolhas a nível político, económico e financeiro, nas relações entre pessoas, povos e nações»¹⁴⁴. É fundamental criar a consciência de que a terra e os seus recursos não são propriedade de ninguém, de nenhuma empresa ou país, são uma dádiva comum. Dessa forma, é necessário entender a solidariedade, não como um simples partilhar dos bens pessoais, mas como o reconhecimento de que tudo foi colocado neste mundo para benefício de todos; logo, é preciso restituir o equilíbrio e a justiça no sistema de distribuição e usufruto desses bens.

Vemos deste modo que, segundo a proposta cristã, o combate à desigualdade e ao abuso por parte dos mais ricos e poderosos é símbolo do desejo de um mundo mais equitativo e justo, onde reine a paz social.

O primeiro passo centra-se em torno da mesa, uma mesa comum. Muito querida para a Igreja, a mesa assume aqui a sua função simbólica central e primária, a de congregar «para que todos sejam um» (Jo 17,21). Ao reunir todos, sem discriminação de raça, nacionalidade ou religião, em torno da mesa, garantindo a cada povo um lugar que possa tomar como participante no banquete comum, ao dar a dignidade básica a cada ser humano, as sociedades promovem o verdadeiro desenvolvimento que, «autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo»¹⁴⁵. De facto, o ideal

¹⁴³ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1939.

¹⁴⁴ Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013), http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

¹⁴⁵ Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio*, nº 14.

de uma mesa comum e da partilha do banquete, onde ricos e pobres têm o mesmo lugar, é um desafio conhecido e próximo dos cristãos (cf. Lc 16,19-32), que assenta no reconhecimento de que o outro não é uma ameaça, nem nos tirará o lugar, pois «a casa do Pai é tão ampla que é capaz de um lugar único para todos»¹⁴⁶.

Indo mais longe nesse desafio, pode afirmar-se que a solidariedade para com o outro não passa pelo simples alimentar, mas pelo respeito pelo meio onde esse outro habita. A destruição causada pelo desenvolvimento acelerado da técnica e tecnologia e a procura desenfreada pelas matérias-primas e recursos primários têm levado a um esgotamento destes mesmos recursos e à destruição da casa que é comum a todos.

O Papa Francisco tem condenado veemente esta situação, identificando-a como uso irresponsável ao que é dado à casa comum, já que o ser humano parece ver-se como seu proprietário e dispor dela a seu belo prazer, esventrando e vandalizando os bens nela colocados por Deus. Para o Sumo Pontífice, «a violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos»¹⁴⁷. A atitude egoísta com que se usa e descarta o outro, ser humano semelhante, estará ainda mais patente na forma como se exploram os recursos naturais. Aliás, é fundamental respeitar e reconhecer com encanto a natureza e bondade únicas de cada criatura, viva ou inanimada, e a conexão que existe em todo o ecossistema, do qual o ser humano também está dependente. É imprescindível não esquecer que mundo humano e mundo natural andam indissociavelmente juntos e a destruição de um é consequentemente a destruição do outro.¹⁴⁸

Também se interliga com o campo ecológico, a desigualdade, já mencionada, entre os países desenvolvidos e os que se encontram em desenvolvimento, gerada pelo

¹⁴⁶ Pagazzi, *C'è posto per tutti*, 96.

¹⁴⁷ Francisco, *Laudato Si'* – *Sobre o cuidado da casa comum*, nº 2.

¹⁴⁸ Cf. Francisco, *Laudato Si'* – *Sobre o cuidado da casa comum*, nº 48.

progresso dos primeiros à custa destes últimos: «a terra dos pobres do Sul é rica e pouco contaminada, mas o acesso à propriedade de bens e recursos para satisfazerem as suas carências vitais é-lhes vedado por um sistema de relações comerciais e de propriedade estruturalmente perverso»¹⁴⁹. Neste sentido, é crucial que os países mais ricos e desenvolvidos limitem significativamente o consumo e a exploração de recursos no território dos países mais necessitados e ajudem a promover ali uma educação e um desenvolvimento mais sustentáveis. O Papa Francisco fala mesmo da existência de uma dívida ecológica da parte dos países desenvolvidos para com aqueles que foram e são explorados, dado que é à custa deles e das suas riquezas naturais que as sociedades mais ocidentais tanto evoluíram. Além, disso, cada um é chamado a responder pelo seu irmão, nesta grande família humana, desenvolvendo uma cultura do cuidado fraterno por oposição à indiferença.¹⁵⁰

Em suma, constata-se que o Magistério da Igreja, em especial após o Concílio Vaticano II, dá grande ênfase à questão social e mostra-se atento aos movimentos e sinais que vão surgindo no mundo, não deixando de aproveitar cada ocasião para ser a voz que clama no deserto, apologética da justiça que só pode ser alcançada com o reconhecimento e efetividade da dignidade de cada ser humano. Consciente de que ao longo da história a sede por dinheiro e poder foi responsável pela morte de muitos e sabendo que esta realidade se mantém nos tempos hodiernos, a Igreja vai procurando formas de atenuar os tumultos e encontrar a paz social, fazendo uso do ideal da mesa comum, para representar que é possível colmatar as diferenças e aproximar os povos, procurando relembrar constantemente o seu símbolo de comunhão plena.

De forma mais concreta, coloca-se a cada cristão o desafio de responder na vida comum de cada dia a estas problemáticas. É possível questionar que impacto pode uma

¹⁴⁹ Francisco, *Laudato Si'* – *Sobre o cuidado da casa comum*, nº 52.

¹⁵⁰ Francisco, *Laudato Si'* – *Sobre o cuidado da casa comum*, nº 51.

pessoa singular ter em questões de tão larga escala. Sabemos que a resolução destas desigualdades passa, sobretudo, pelo compromisso e ação conjunta dos governos e instituições internacionais, mas na esfera pessoal há virtudes que cada pessoa pode desenvolver e potenciar noutros e que podem contribuir para a diminuição ou pelo menos para a não extensão da pegada destrutiva que assombra o nosso planeta, e que nos podem inspirar e ajudar a habitar neste tempo e nesta realidade.

A primeira passa por reconhecer com clarividência, seriedade e verdadeiro entendimento a realidade existente. Não para cair num estado de desespero, pessimismo ou diabolização, julgamento e condenação dos responsáveis, mas para conseguir identificar e encontrar novos caminhos e possibilidades de ação, onde floresçam a verdade, o bem e a beleza.

A isto encontra-se também ligada a urgência de despertar e criar uma consciência moral, cívica, social e política sobre as questões das desigualdades alimentares e os problemas ambientais, para combater e desmobilizar a indiferença que parece ter-se abatido na maioria das nossas comunidades: «parece que cresce a tendência ao individualismo e ao fechamento em si mesmos, que leva a uma determinada atitude de indiferença – a nível pessoal, de Instituição e de Estados – em relação a quem morre de fome ou sofre de subalimentação, como se fosse um facto inelutável»¹⁵¹. Não é admissível, pois, que nos habituemos e consideremos, por exemplo, como normal o flagelo da fome. É necessário desinstalarmo-nos desta mentalidade e redescobrir em cada um a impetuosidade e a ânsia juvenil de querer mudar o mundo.

A terceira virtude prende-se precisamente com esta impetuosidade e inconformismo e trata-se da compaixão e da capacidade de chorar. Esta é uma virtude

¹⁵¹ Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013), http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

que tem sido muito mencionada pelo Papa Francisco em diferentes contextos e a propósito das mais variadas temáticas. Apelou a isso na sua homilia no Sacrário Militar de Redipuglia por ocasião do centenário do início da 1ª Guerra Mundial em 2014, afirmando: «a humanidade precisa de chorar; e esta é a hora do pranto»¹⁵², referindo-se a todas as vítimas da guerra de todos os tempos; e voltou a esta ideia na exortação apostólica *Christus Vivit*, convidando cada um a interrogar-se se se tem deixado comover pelos dramas e realidades de vida que atravessam os jovens do nosso tempo – «Eu tenho aprendido a chorar?»¹⁵³. Apesar das temáticas em causa serem diferentes, arriscamos a colocar a mesma pergunta e a lançar o mesmo desafio: que cada pessoa possa chorar, deixar o coração comover-se e sofrer com os irmãos vítimas da epidemia da fome ou com a irmã terra vítima da epidemia da destruição e exploração desenfreada.

Por fim, num verdadeiro espírito de fraternidade, solidariedade e partilha cristãs, somos desafiados a viver numa atitude de plena gratuidade, respondendo ao mandato: «de graça recebestes, de graça dai» (Mt 10,8). Isto leva-nos, por isso, a adotar um estilo de ser e de estar que diminua a nossa participação nestas calamidades que atingem o planeta, «superando a lógica da exploração selvagem da criação e orientando melhor o nosso esforço para cultivar e conservar o meio ambiente e os seus recursos para garantir a segurança alimentar e caminhar rumo a uma nutrição suficiente e sadia para todos»¹⁵⁴. Podem parecer pequenos e insignificantes passos, mas tornam-se exigentes, pois trata-se de mudar seriamente hábitos e práticas profundamente enraizados em cada um de nós.

¹⁵² Francisco, *Homilia da Santa Missa no Sacrário Militar de Redipuglia* (13 de setembro de 2014), http://m.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140913_omelia-sacrario-militare-redipuglia.html.

¹⁵³ Francisco, Exortação Apostólica *Christus Vivit* (Lisboa: PAULUS Editora, 2019), nº 76.

¹⁵⁴ Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013), http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

Há que combater seriamente a cultura do descartável e da indiferença, assumindo uma alimentação mais sustentável e sóbria do ponto de vista económico, social e ambiental, bem como diminuir o desperdício alimentar e a pegada ecológica. Isto passa, por exemplo, por comer mais vegetais e frutas, alimentos da época, comida local ou regional e restos e sobras; comer menos carnes, lacticínios, alimentos exportados e comida processada; planear com antecedência as refeições e organizar os ingredientes e produtos necessários para a confeção das mesmas, tendo em conta as quantidades necessárias de acordo com o número de pessoas que irão fazer a refeição; ter atenção aos prazos de validade dos produtos comprados; reutilizar os compostos orgânicos para fertilização; cultivar pequenas hortas e pomares; optar por produtos biológicos; reduzir a compra de produtos vendidos em sacos e embalagens de plástico.

Desta forma, os desafios que a alimentação e a comensalidade atuais nos apresentam, não ganham só uma dimensão económica ou técnica, mas «sobretudo uma dimensão ética e antropológica»¹⁵⁵. Nas palavras do Papa Francisco, «educar-nos para a solidariedade significa *educar-nos para a humanidade*»¹⁵⁶, ou seja, edificar um estilo de vida e uma sociedade que coloque sempre no centro e em primeiro lugar a dignidade de cada pessoa humana e nunca o lucro ou os interesses económicos e egoístas de apenas alguns. Educar-nos para a humanidade significa edificar uma mesa comum, onde há lugar para todos, símbolo da partilha universal, que seja também sustentável, atenta ao batimento cardíaco e à pulsação da Terra, a nossa casa mãe.

¹⁵⁵ Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013), http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

¹⁵⁶ Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013), http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

Aquando da Prática de Ensino Supervisionada a que serve o presente relatório e durante o exercício da lecionação da unidade letiva *A Partilha do Pão* do 6º ano da disciplina de EMRC, estas propostas estiveram sobremaneira patentes no horizonte da planificação da docente. Efetivamente, um dos grandes objetivos para o desenvolvimento do trabalho com a turma de estágio passou pela inspiração e provocação destas virtudes nos alunos para que tivessem uma participação mais ativa e positiva no combate a algumas das problemáticas aqui apresentadas e com eles debatidas.

Enquanto disciplina fundamental que se propõe ajudar o aluno a «descobrir as diferentes dimensões da pessoa que se refletem na própria pessoa de Jesus Cristo e a promover o bem comum e o cuidar do outro como responsabilidade perante a pessoa, a sociedade e o mundo»¹⁵⁷, a EMRC deve contribuir para uma compreensão cada vez mais clara e conscienciosa deste tipo de fenómenos sociais, económicos e ambientais. Ademais, a disciplina não se pode evadir de educar para uma dimensão ética, moral e religiosa que permita fazer florescer nos alunos capacidades e valores para a formação de um carácter e de uma cidadania condizentes com um perfil humano e cristão integral e equilibrado.

É justamente nesta linha que se desenvolve o capítulo seguinte, que apresenta a concretização e o resultado da investigação teórica aplicada à lecionação das aulas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

¹⁵⁷ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos Alunos: 6º ano – Educação Moral e Religiosa Católica* (julho de 2018), 2, consultado em 19 de junho de 2019, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_6a.pdf

CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIA LETIVA NO CONTEXTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Neste último capítulo são apresentadas as informações referentes à operacionalização da Prática de Ensino Supervisionada, decorrida durante o ano letivo 2018/2019 no Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio.

O estágio curricular decorreu em dois momentos distintos: um primeiro período de observação da ação pedagógica da orientadora cooperante, que facultou a auscultação, análise e caracterização do ambiente e do processo educativos; e um segundo período de intervenção, desenvolvido com a turma F do 6º ano de escolaridade da Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Nogueira, onde se colocou em prática a planificação pensada para a unidade letiva *A Partilha do Pão*. Todo este processo decorreu em articulação e estreita colaboração com a orientadora cooperante e em plena concordância com a orientadora científica.

No fundo, a Prática de Ensino Supervisionada afigura-se como elemento essencial no processo de formação do professor, neste caso da disciplina de EMRC, dado que permite a aplicação dos conhecimentos e teorias trabalhados no âmbito académico, mobilizando-os para o desempenho e apuramento constante do processo de ensino-aprendizagem junto dos discentes e restante comunidade escolar.

Nesse sentido, após o enquadramento teórico da PES realizado nos dois primeiros capítulos, prossegue-se agora com a apresentação da prática letiva, nomeadamente a caracterização do contexto escolar, a fundamentação e articulação da unidade *A Partilha do Pão*, as planificações e as estratégias executadas, a atividade “Mesa da Partilha” realizada pelo núcleo de estágio na escola e a reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

1. Contexto escolar da Prática de Ensino Supervisionada

Identificar e compreender o contexto escolar e as características específicas onde se desenvolve a Prática de Ensino Supervisionada afigura-se-nos como fundamental e imprescindível para estabelecer uma ação educativa plena, competente e verdadeiramente eficaz. Por conseguinte, procede-se agora à apresentação e caracterização da Escola Básica de 2º e 3º ciclos de Nogueira, que integra o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, em Braga; e à caracterização da turma F do 6º ano de escolaridade.

1.1. O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e a EB 2/3 de Nogueira

O Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, sito no concelho de Braga, integra a rede de escolas do sistema educativo português, sob a tutela do Ministério da Educação da República Portuguesa.

Formalmente constituído em 2013, é fruto da junção da Escola Secundária de Alberto Sampaio com o agora extinto Agrupamento de Escolas de Nogueira, dando resposta essencialmente às necessidades das freguesias da zona este do concelho. Atualmente, engloba um total aproximado de 3142 alunos¹⁵⁸ e é constituído por treze unidades educativas, a saber: três jardins de infância, três escolas do 1º ciclo, cinco escolas do 1º ciclo com jardim de infância, uma escola básica de 2º e 3º ciclos e uma escola de 3º ciclo e de ensino secundário.¹⁵⁹

Em relação ao contexto sociodemográfico do Agrupamento, verifica-se que se trata de um meio envolvente urbano e semiurbano e, em zonas pontuais, rural.¹⁶⁰ Isto

¹⁵⁸ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018* (Braga: AESAS, dezembro de 2015), 12, consultado em 24 de junho de 2019, http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf.

¹⁵⁹ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 6.

¹⁶⁰ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 12.

traduz-se numa grande variedade e distinção entre as populações e alunos afetos às diferentes unidades educativas do Agrupamento de Escolas.

No seu Projeto Educativo, o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, assumindo a sua matriz e constituição como escola pública, identifica como principal finalidade «o desenvolvimento e a formação de cidadãos em condições de igualdade de oportunidades e de sucesso»¹⁶¹. Nesse sentido, arroga como princípios e valores orientadores a liberdade e a responsabilidade, o humanismo e a equidade, a qualidade e a transparência, o conhecimento e a inquietação, a fraternidade e a sustentabilidade, a participação e a motivação.¹⁶² No que se refere às metas educativas e estratégias estabelecidas pelo Agrupamento, encontramos-as organizadas em dois grandes domínios – o sucesso educativo e a organização e gestão da Escola¹⁶³ –, que se articulam entre si para cumprir o objetivo central de garantir o sucesso educativo de todos os alunos, «nas diversas dimensões que este pode e deve assumir»¹⁶⁴.

Dentro do referido Agrupamento, importa salientar que foi especificamente na unidade educativa EB 2/3 de Nogueira que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. Desse modo, a frequência e o contacto com a comunidade educativa aconteceu preferencialmente aí.

A escola, criada em 1994, acolhe cerca de 647 alunos¹⁶⁵ que, tal como no panorama geral do Agrupamento, se caracterizam por uma grande heterogeneidade, quer ao nível das motivações e dificuldades no processo de aprendizagem, quer ao nível dos contextos familiares, sociais, económicos e culturais.

¹⁶¹ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 16.

¹⁶² Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 16-17.

¹⁶³ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 18.

¹⁶⁴ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 18.

¹⁶⁵ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 13.

No que respeita aos recursos físicos e materiais, esta encontra-se em relativo bom estado de conservação. Sendo um edifício já com alguns anos, tem vindo a sofrer pequenas intervenções para manutenção. Das estruturas e equipamentos, evidenciam-se o Pavilhão Gimnodesportivo, que foi inaugurado em 2004, e ainda os espaços abertos e as zonas ajardinadas que circundam os edifícios da escola.¹⁶⁶

Da experiência e passagem por esta unidade educativa, destaca-se o ambiente próximo e acolhedor que existe entre a comunidade educativa e a forma como conseguem, com o esforço e sacrifício de todos os intervenientes no espaço escolar, colmatar as dificuldades e constrangimentos que surgem pela falta de alguns recursos humanos e materiais, colocando sempre em primeiro lugar o bem-estar e a dignidade de todos os alunos.

1.2. A turma do 6ºF

A Prática de Ensino Supervisionada incidu especificamente no acompanhamento da turma F do 6º ano de escolaridade da Escola Básica 2/3 de Nogueira, no ano letivo 2018/2019. Do universo dos 19 alunos que a constituem, todos se encontram inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Porém, verificou-se que nem todos têm uma prática religiosa recorrente, nem estão completamente familiarizados com realidades, instituições, crenças e simbolismos cristãos ou católicos.

Trata-se de uma turma composta por 8 elementos do sexo masculino e 11 elementos do sexo feminino, mostrando-se equilibrada neste parâmetro. No que toca às idades, estas estão compreendidas entre os 11 e os 13 anos, sendo que nenhum dos alunos apresenta retenções escolares noutros níveis de ensino. Todos eles residem no concelho

¹⁶⁶ Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*, 8.

de Braga e tem nacionalidade portuguesa. Em relação à situação socioeconómica, registam-se onze alunos com Apoio Social Escolar.

No que diz respeito a questões de saúde e de problemáticas que podem influenciar a aprendizagem, evidencia-se a situação de um aluno com hiperatividade e que sofre de diabetes; a de uma aluna com dislexia; e a de um aluno com défice mental e cognitivo. Este último usufrui de medidas seletivas no âmbito da educação inclusiva, ao abrigo do Decreto Lei n.º 54/2018¹⁶⁷. Estas medidas educativas são aplicadas de acordo com as dificuldades do aluno, que se manifestam de forma mais incisiva noutras disciplinas, pelo que, no decorrer do trabalho com o aluno durante a Prática de Ensino Supervisionada, não foi sentida a necessidade de adaptar os materiais produzidos para a turma, adequando-se apenas algumas estratégias, como um apoio mais individualizado na realização de algumas tarefas.

Mais do que a habitual caracterização socioeconómica, interessou-nos fundamentalmente conhecer de forma concreta e individual cada um dos alunos, os seus interesses, gostos, preferências e opiniões pessoais. Existe a clara consciência de que esse conhecimento mais aprofundado só acontece entre professores e alunos após um tempo considerável de convivência e que dificilmente se conseguiria construir com eles o mesmo tipo de relação de confiança e afinidade que eles mantêm já com a professora titular de EMRC. No entanto, tomamos como propósito tentar ao máximo obter um retrato mais personalizado dos alunos, quer pela observação semanal das aulas e dos seus comportamentos, atitudes e hábitos, antes da efetiva lecionação da unidade letiva programada, quer através de uma ficha de apresentação/inquérito por eles preenchida durante o primeiro período escolar. Esta ficha pretendia auxiliar no levantamento de alguns dados sobre a realidade e as relações familiares e de amizade dos alunos, bem

¹⁶⁷ Cf. Decreto Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, *Diário da República* n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06, 2918-2928, consultado em 24 de junho de 2019, <https://dre.pt/application/conteudo/115652961>.

como as suas atividades e tempos livres, a afetação que tem ou não à escola e os seus gostos e opiniões. Não se pretendendo apresentar uma análise exaustiva de todos os dados, procede-se aqui à exposição dos mais relevantes que se recolheram.

Relativamente ao agregado familiar, a esmagadora maioria deles, 17 alunos, vive com os pais; apenas uma aluna tem uma estrutura familiar monoparental, vivendo apenas com a mãe; e uma aluna vive com o pai e a madrasta. Dos 19 alunos, 16 deles têm irmãos e apenas 3 são filhos únicos. A maioria, 11 alunos, tem animais de estimação, havendo o caso de um aluno que, além dos domésticos, tem uma quinta com diversos animais.

Em relação ao gosto pela escola e àquilo que eles mais apreciam na realidade escolar, quase todos apontaram o intervalo e o convívio com os amigos como aquilo de que mais gostam. Cerca de metade da turma evidenciou também gostar muito de frequentar as aulas, nomeadamente a disciplina de Educação Musical, Educação Física e Educação Tecnológica.

No que toca a gostos pessoais e preferências, quando questionados sobre o lugar favorito, pareceu-nos deveras interessante que um número significativo de alunos tenha apontado as suas casas. Parece-nos que isto reflete também o bom ambiente e a segurança que eles sentem no seio familiar, bem como as relações saudáveis e de grande afetividade que mantêm dentro da família. Além da casa, encontramos também outras respostas variadas, mas menos expressivas, como o *shopping*, a escola ou a natureza.

Quanto a comida ou alimento favorito, 16 alunos referiram comida italiana (massas, *pizza* e lasanha), 2 alunos hambúrguer e 1 aluna bacalhau. Situando-nos agora no gosto e na prática desportiva, 6 alunos indicaram a preferência pelo futebol e 5 alunas a preferência pela patinagem; outros alunos indicaram natação, badminton, dança e andebol.

Por entre os passatempos favoritos da turma, destacam-se jogar videojogos, ver filmes/ séries, praticar desporto, comer e dormir.

No campo da leitura, 11 alunos demonstram gosto por ler e 8 não. De entre os livros favoritos da turma, observa-se uma grande variedade, no entanto, destacam-se *O Diário de Anne Frank*, *O Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry e as séries *O Diário de um Banana* de Jeff Kinney e *Harry Potter* de J. K. Rowling. Alguns alunos revelam também gosto por banda desenhada.

No campo da música, apenas 4 alunos não manifestaram especial interesse. Dos 15 alunos que o fizeram, percebe-se que *reggaeton*, *hip-hop/rap*, música eletrónica, *funk* brasileiro, *house* e *pop* são os estilos musicais predominantemente preferidos.

No campo do cinema e da televisão, 16 alunos demonstraram interesse pelo tema e somente 3 não indicaram nenhuma preferência. Aqui, os gostos são muito heterogéneos e é difícil encontrar um padrão ou um género que se evidencie mais distintamente. Ainda assim, podemos mencionar os filmes de animação, especialmente alguns da *Disney*; os filmes da saga *Harry Potter*; e os filmes de ação dos super-heróis da *Marvel*.

Pela observação de aulas realizada, pelos dados recolhidos junto da professora titular de EMRC e pela experiência de lecionação e contacto com a turma, considera-se que esta, de uma forma geral, é participativa e aceita com bastante entusiasmo e dedicação as tarefas ou desafios lançados na aula. Revelam, na grande maioria, interesse e empenho no processo ensino-aprendizagem, manifestam muitas capacidades e compreendem com facilidade os conteúdos; havendo, no entanto, alguns elementos menos participativos e com dificuldades em manter a concentração. Não se verificam grandes comportamentos irregulares ou disruptivos, que impeçam o normal desenvolvimento das aulas; no entanto, na globalidade, a turma é muito conversadora e expansiva nas suas reações e intervenções.

Ademais, afere-se o bom relacionamento existente entre todos os alunos e o apreço pela amizade e companhia uns dos outros, o que contribui para um ambiente salutar e aprazível dentro da sala de aula. De uma forma geral, são um grupo de alunos muito alegres e bem-dispostos e para com a professora estagiária também se mostraram sempre muito recetivos, acolhedores e até bastante carinhosos, estabelecendo-se uma relação de grande empatia e afinidade.

2. Fundamentos e contextualização da unidade letiva

O principal objetivo do ensino é promover o desenvolvimento integral do ser humano, contribuindo «para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico»¹⁶⁸. Como explicitado, são várias as dimensões do ser humano, que estão entre si interligadas e se complementam mutuamente.

Mesmo no âmbito do ensino público não confessional, não é possível ignorar a dimensão espiritual e religiosa da pessoa. Como qualquer outra dimensão, também esta tem lugar a ser trabalhada e desenvolvida na escola. Descartar a dimensão religiosa é não possibilitar ao ser humano um desenvolvimento integral, já que não «se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais»¹⁶⁹.

A disciplina de EMRC assume, precisamente, o intuito de desempenhar esse complemento, no âmbito da moral e da religião católica nas escolas, de acordo com as

¹⁶⁸ Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, *Diário da República* n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14, art.º 3, al. b), consultado em 30 de junho de 2019, <https://dre.pt/application/conteudo/222418>.

¹⁶⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade», n.º 6, *Revista de Pastoral Catequética* 5 (2006).

normas legais. Esta não anula nem ameaça a não confessionalidade do sistema público de ensino, mas surge como resposta da Igreja, em estreita articulação com o Estado Português.

Assim, respondendo aos desafios que o sistema educativo e a própria sociedade colocam, a EMRC contribui «para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho»¹⁷⁰.

Situados nesta realidade educativa, convém destacar e distinguir a ação, as finalidades e os objetivos da disciplina de EMRC de qualquer tipo de educação cristã no sentido catequético. Na verdade, a metodologia de EMRC não pretende ser *kerigmática*, nem tem um objetivo militante. A sua finalidade primordial não passa pela evangelização ou pelo proselitismo religioso, até porque a oferta desta disciplina, com frequência facultativa, estende-se «a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes»¹⁷¹.

Sendo chamada a mergulhar e a interagir com a cultura e a dialogar com outras áreas do saber e do ensino, a disciplina mantém, no entanto, a sua matriz específica, baseada no agir ético e moral cristão. Em última análise, a finalidade da EMRC passa por uma «formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida»¹⁷².

A partir deste ponto, foram então desenvolvidas para o ensino da disciplina de EMRC metas curriculares orientadoras, que evidenciam, organizam e hierarquizam os conteúdos fundamentais e que definem os conhecimentos e as capacidades que os alunos

¹⁷⁰ Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, art.º 2, n.º 4.

¹⁷¹ CEP, «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo», n.º 6.

¹⁷² CEP, «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo», n.º 8.

devem adquirir e desenvolver. Desse modo, para cada unidade letiva da disciplina está definido um conjunto de objetivos programáticos que se articulam em torno dos conteúdos. Isto permite ao aluno atingir as metas curriculares, que correspondem e estão alicerçadas em diferentes domínios de aprendizagem.¹⁷³

A unidade letiva *A Partilha do Pão*, a terceira no plano anual da disciplina de EMRC do 6º ano do 2º ciclo de escolaridade, precedida pelas unidades letivas *A Pessoa Humana* e *Jesus, um Homem para os outros*, está também organizada tendo em conta a referida estrutura curricular.

Portanto, enquadrada no domínio de aprendizagem *Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida*, identificamos a meta curricular “Descobrir a simbólica cristã”; e no domínio de aprendizagem *Ética e Moral*, encontramos as metas “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” e “Promover o bem comum e o cuidado do outro”.

No que se refere à meta curricular “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, associam-se como objetivos:

- Descobrir a dimensão simbólica da refeição;
- Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens;
- Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome;
- Reconhecer o valor da solidariedade.

¹⁷³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014), 6-10.

Relativamente à meta curricular “Descobrir a simbólica cristã”, como objetivos, pretende-se:

- Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã;
- Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.

Por último, à meta curricular “Promover o bem comum e o cuidado do outro” corresponde o objetivo:

- Valorizar a atitude de voluntariado.

A planificação da unidade letiva no âmbito da PES, regeu-se por estas orientações curriculares, mas procurou também ir ao encontro dos documentos referentes às Aprendizagens Essenciais, recentemente propostos pela Direção-Geral da Educação. Esta nova proposta visa «uma maior agilidade na construção dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes, por parte dos vários intervenientes no processo ensino-aprendizagem»¹⁷⁴, dando resposta ao reconhecido problema da extensão curricular escolar.

No caso específico da disciplina de EMRC, onde o currículo se desenvolve em espiral e os conhecimentos, capacidades e atitudes são trabalhados em profundidade ao longo dos anos de escolaridade à medida que as competências cognitivas dos alunos evoluem, esta forma de organizar as aprendizagens faz ainda mais sentido. Isto porque «possibilita atender à especificidade facultativa da disciplina e permite aos alunos que a

¹⁷⁴ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais*, 1-2.

frequentam de forma descontínua atingir as metas, adquirindo as capacidades e desenvolvendo os valores propostos para o ano de escolaridade respetivo»¹⁷⁵.

Assim, no que toca às aprendizagens essenciais específicas da unidade letiva *A Partilha do Pão* e àquilo que o aluno deve ficar capaz de, bem como às possibilidades de interdisciplinaridade, identificam-se as seguintes:

- Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens (Ciências Naturais, Português, Ed. Tecnológica, Cidadania e Desenvolvimento);
- Compreender a dimensão simbólica da refeição (Ciências Naturais, Português, Cidadania e Desenvolvimento);
- Explicar os relatos da Última Ceia (Português, Ed. Visual);
- Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome (Português, Cidadania e Desenvolvimento, Inglês);
- Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si (Português, Cidadania e Desenvolvimento);
- Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade (Português, Cidadania e Desenvolvimento, Ed. Visual, Ed. Tecnológica).¹⁷⁶

Já do ponto de vista intradisciplinar, a unidade letiva pode articular-se da seguinte forma:

¹⁷⁵ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais*, 2.

¹⁷⁶ Cf. Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais*, 8.

Tabela 1: Possibilidades de articulação intradisciplinar da unidade letiva “A Partilha do Pão”¹⁷⁷

1º ciclo	1º ano – Unidade Letiva 4 – Cuidar da Natureza
	2º ano – Unidade Letiva 1 – Ser Amigo
	3º ano – Unidade Letiva 2 – Ser Solidário
2º ciclo	5º ano – Unidade Letiva 4 – Construir a Fraternidade
3º ciclo	8º ano – Unidade Letiva 4 – Ecologia e Valores
	9º ano – Unidade Letiva 1 – A Dignidade Humana
	9º ano – Unidade Letiva 3 – O Projeto de Vida
Ensino Secundário	Unidade Letiva 1 – Política, Ética e Religião
	Unidade Letiva 3 – Ética e Economia
	Unidade Letiva 4 – A Civilização do Amor

As Aprendizagens Essenciais conduzem ainda ao desenvolvimento das competências inscritas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, referencial também tido em conta nas decisões e escolhas adotadas durante a planificação desta unidade letiva.

De facto, pela leitura do documento, evidencia-se a sua natureza «abrangente, transversal e recursiva»¹⁷⁸, na medida em que este *Perfil dos Alunos* admite as múltiplas realidades da escola e dos percursos escolares, garantindo a inclusão de todos os alunos e de todos os saberes, num reconhecimento da necessária articulação das diferentes áreas curriculares para o desenvolvimento de uma educação integral dos alunos. Nesta linha de ação, o documento assume-se como um recurso cujo conteúdo e finalidades devem estar sempre presentes em cada ano de escolaridade e em cada disciplina, por forma a ser possível «a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do

¹⁷⁷ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais*, 4.

¹⁷⁸ Guilherme d’Oliveira Martins (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017), 8.

desenvolvimento curricular»¹⁷⁹, no momento de «equacionar e de fundamentar o que é relevante, adequado e exequível»¹⁸⁰ ao nível da organização e gestão curriculares e da definição de estratégias e metodologias para a prática letiva.

Nos princípios que devem pautar a ação educativa identificados neste documento – base humanista, saber, aprendizagem, inclusão, coerência e flexibilidade, adaptabilidade e ousadia, sustentabilidade, estabilidade¹⁸¹ –, encontramos inúmeras pontes com aquilo que são as finalidades e as metas da disciplina de EMRC. O *Perfil dos Alunos* aponta para uma educação em que os jovens sejam habilitados «com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar»¹⁸², que é também uma das preocupações e valores mais prementes e defendidos no âmbito da EMRC e um dos principais objetivos estabelecidos para a lecionação da unidade letiva durante a Prática de Ensino Supervisionada.

Efetivamente, durante a planificação da unidade letiva *A Partilha do Pão*, levantaram-se questões sobre aquilo que, em verdade, gostaríamos que os alunos aprendessem. Trabalhamos para que os conhecimentos (saber-saber), capacidades (saber-fazer) e atitudes (saber ser-estar) desenvolvidos através da lecionação desta unidade letiva, pudessem realmente repercutir-se no coração e na vida de cada um deles. Nesse sentido, facilmente se encontrou no referencial do *Perfil dos Alunos* uma expectativa semelhante: a de que, à saída da escolaridade obrigatória, eles sejam capazes de mobilizar valores e competências que os permitam «intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e

¹⁷⁹ Martins (coord.), *Perfil dos Alunos*, 8.

¹⁸⁰ Martins (coord.), *Perfil dos Alunos*, 8.

¹⁸¹ Cf. Martins (coord.), *Perfil dos Alunos*, 13-14.

¹⁸² Martins (coord.), *Perfil dos Alunos*, 13.

éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável»¹⁸³.

De facto, ao longo da lecionação, tendo por base os objetivos, metas e competências da disciplina, o grande foco do nosso trabalho foi a compreensão e valorização, por parte dos alunos, da comensalidade como lugar de encontro e partilha e o despertar de uma consciência cívica, social, política e moral para o flagelo das desigualdades alimentares no mundo. Desta forma, procurou-se criar neles a atenção e o cuidado para a questão da injusta distribuição dos bens e da problemática da exploração dos recursos naturais e, simultaneamente, inspirar uma forma de estar e de ser mais sustentável e sóbria, baseada na virtude da bondade e da partilha cristã.

3. Planos de aulas da unidade letiva *A Partilha do Pão*

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, com vista a organizar os conteúdos a lecionar de uma forma aplicável e a atingir os propósitos acima mencionados, foram planificadas seis aulas para a lecionação da unidade letiva *A Partilha do Pão*. Apesar de esta estar convencionada no programa da disciplina como a terceira unidade a lecionar no 6º ano, por questões de calendarização apenas à PES, num espírito de flexibilidade curricular e ainda em devida articulação com a orientadora cooperante, fez-se a opção de lecionar as seis aulas durante o segundo período.

No processo de planificação foi considerada particularmente a caracterização da turma onde decorreu o estágio: os conteúdos programáticos foram adaptados à realidade particular dos alunos, ao seu *background* e ritmo de aprendizagem, ao tempo disponível, às condições materiais existentes e às orientações do Agrupamento e da Escola de estágio.

¹⁸³ Martins (coord.), *Perfil dos Alunos*, 10.

Nesse sentido, foram tomadas algumas decisões por parte da docente estagiária de forma a garantir uma plena adequação e adaptação do programa às especificidades dos alunos. Para alcançar esse fim, apesar de ter o manual do aluno como diretriz, a docente preparou e elaborou recursos alternativos que fomentassem o interesse pela aprendizagem, fossem práticos e acessíveis, valorizassem as experiências dos alunos, promovessem a reflexão e estimulassem a cooperação dentro da sala. Procurou-se ainda, ao longo de toda a planificação, intercalar momentos e atividades de carácter teórico e de carácter prático.

Expõe-se, em seguida, a proposta de planificação das aulas para a unidade letiva *A Partilha do Pão* do programa de EMRC, relativa ao 6º ano de escolaridade. Para cada uma das aulas, apresenta-se uma descrição escrita dos diferentes momentos da leccionação, bem como a correspondente grelha com o resumo da planificação.

Tendo em conta a especificidade da turma e a imprevisibilidade e multidimensionalidade de cada aula, existiu a clara consciência e a preocupação de reconhecer e imprimir um carácter de flexibilidade às planificações apresentadas.

3.1. Aula 1 – A alimentação: dimensão biológica e cultural

A aula tem início com o acolhimento dos alunos e com o estabelecimento de um diálogo inicial com eles, saudando-os. A docente aguarda que disponham do seu material escolar e relembra o seu nome e o motivo de ali estar no âmbito do estágio profissional. Não é necessário realizar uma apresentação muito extensa, dado que os alunos se encontram já familiarizados com a docente: no âmbito do estágio, como preparação para a leccionação da unidade letiva, a docente estagiária assistiu às aulas da orientadora cooperante nesta turma durante praticamente todo o primeiro período letivo.

Procede-se, então, ao registo do sumário no quadro por parte da professora e nos cadernos diários pelos alunos. O sumário da primeira aula é «Apresentação e introdução à unidade letiva *A Partilha do Pão*. A importância da alimentação e a sua dimensão cultural.».

Como exercício inicial, propõe-se uma dinâmica com provérbios e ditados populares, para facilitar a apresentação da turma e para introduzir o tema da unidade letiva. A professora distribui por cada aluno uma tira de papel com a metade de um adágio popular que contém referências ou um imaginário relacionado com a alimentação e explica que o objetivo da atividade é encontrar as metades que se completam (por exemplo: «Deus dá nozes... a quem não tem dentes»; «Sem ovos... não se fazem omeletas»; «Grão a grão... enche a galinha o papo»; ou «Cada um puxa a brasa... para a sua sardinha»). À medida que os pares são encontrados, é pedido que se apresentem mutuamente de forma breve, mencionando um interesse ou um gosto pessoal que conheçam do outro ou uma característica que apreciem nele. Em simultâneo, podem explicar-se sumariamente o sentido ou significado dos provérbios.

No final da atividade, questionar os alunos sobre a temática comum encontrada em todos os provérbios construídos. Espera-se que a resposta seja quase imediata e que os alunos rapidamente mencionem algo relacionado com a alimentação, uma vez que o registo do sumário já foi realizado e eles terão esse imaginário presente. De qualquer forma, caso isso não aconteça, a professora deve conduzir os alunos nesse sentido.

A partir daí, segue-se um diálogo com os alunos sobre a importância da alimentação e que lugar ela ocupa na vida e sobrevivência humanas, questionando-os sobre as refeições ao longo do dia e o tempo dedicado na sua preparação e ingestão. Neste diálogo, alude-se também à dimensão biológica da alimentação, explicitando alguns dados fornecidos pelas ciências naturais, citando os alimentos como veículos dos

nutrientes indispensáveis para fornecer energia ao organismo e das substâncias necessárias para o desenvolvimento, conservação e restituição dos materiais do corpo e que regulam e protegem o organismo.

Para continuar a explorar os vários aspetos da alimentação, propõe-se aos alunos a realização de um *quiz* interativo online¹⁸⁴ sobre as tradições e os hábitos gastronómicos à volta do mundo. Este recurso foi elaborado com a ferramenta *Quizizz*, que permite a elaboração de questionários para a sala de aula ou outros contextos, de maneira divertida e envolvente para alunos de várias idades. O objetivo deste recurso é que os alunos percebam a facilidade com que associam determinados pratos, alimentos ou costumes gastronómicos a países ou culturas específicas. Dessa forma, procura-se explorar a dimensão cultural da alimentação, dialogando com a turma sobre o facto de que aquilo que comemos é uma marca identitária muito forte e que reflete tanto a história como a geografia do local onde vivemos. Pode exemplificar-se isto com o uso do azeite como gordura principal da dieta mediterrânica, evidenciando a região como uma das grandes produtoras deste alimento; e ainda com o consumo elevado de bacalhau em Portugal, quando este tipo de peixe não está presente na nossa costa, mas cuja razão está intimamente ligada com a longa tradição marítima dos portugueses.

Conclui-se a aula com uma síntese final dos conteúdos trabalhados por parte da docente e com a distribuição aos alunos de uma atividade para colarem no caderno diário. Trata-se de um exercício simples para completar os espaços de um texto com as palavras disponibilizadas na mesma folha e que serve de recapitulação da matéria da aula.

¹⁸⁴ Cf. <https://quizizz.com/admin/quiz/5c2d0223d335a0001bdae0e1>. Pode também consultar-se as perguntas que integravam este *quiz* no Recurso Pedagógico 1, em anexo a este relatório.

Aula 1 | A Alimentação

Completa a síntese da aula com as palavras abaixo:



geográfica

refeição

tempo

hábitos

gastronomia

alimentação

conhecimento

cultura

energia

Todos sabemos a importância que a _____ tem no nosso dia a dia. Uma boa _____ reconforta-nos e fornece-nos a _____ necessária para as nossas atividades, e dedicamos muito do nosso _____ na preparação e na ingestão de alimentos. Aprendemos também que o _____ de um povo e da sua _____ passa também pela experiência da sua _____. Os nossos _____ alimentares são a expressão de um património cultural antigo e dependem da situação _____ e dos recursos nela disponíveis.

Figura 1: Síntese e exercício final da aula

Esta atividade deverá ser realizada na própria aula, contudo, caso não seja possível por limitações de tempo, deve indicar-se a realização da mesma em casa.

A docente despede-se dos alunos, desejando uma boa semana.

Tabela 2: Grelha de Planificação da Aula nº 1

Unidade Letiva: A Partilha do Pão Aula n.º 1/6				Ano: 6º Turma: F Data: 7 de janeiro de 2019 Tempo previsto: 45'		
Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Apresentação e introdução à unidade letiva «A Partilha do Pão». A importância da alimentação e a sua dimensão cultural.		Acolhimento aos alunos. Registo do sumário no quadro pelo professor e nos cadernos diários pelos alunos.	Dinâmica de apresentação e de introdução ao tema da unidade letiva: - Distribuir a cada aluno uma tira de papel com a metade de um provérbio ou ditado português que contenha referências alimentares; - Em conjunto com toda a turma, devem ser encontrados os pares correspondentes e cada um deles deve apresentar-se mutuamente de forma breve; - Em simultâneo, podem explicar-se sumariamente o sentido ou significado dos provérbios.	Quadro e marcador. Cadernos diários e material de escrita.	5'	Assiduidade e pontualidade. Registos no caderno.
Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Descobrir a dimensão simbólica da refeição.					
			Depois de terminada a dinâmica inicial, explorar a importância e a centralidade que os alimentos assumem no dia-a-dia para a vida e subsistência humanas (dimensão biológica).		5'	Atenção e empenho.

			<p>Quiz interativo sobre as tradições e hábitos gastronômicos à volta do mundo (https://quizizz.com/admin/quiz/5c2d0223d335a0001bd4e0e1)</p> <p>Diálogo e reflexão sobre a alimentação como marca e expressão identitária cultural a partir do questionário.</p> <p>Síntese final da aula sobre a centralidade da alimentação e a sua importância biológica e cultural. Entrega aos alunos da síntese e do exercício prático sobre a aula para colarem no caderno e realizarem no final da aula ou em casa.</p>	<p>Computador e projetor; questionário online (ferramenta Quizizz).</p> <p>Cadernos diários e cola; folhas com a síntese e o exercício prático.</p>	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>5'</p>	<p>Participação ativa e pertinente na aula.</p> <p>Registos no caderno diário, organização e responsabilidade.</p>
--	--	--	---	---	-------------------------------	--

3.2. Aula 2 – A refeição: experiência de encontro e partilha

A aula inicia com o acolhimento dos alunos pela docente e com o estabelecimento de um diálogo inicial com eles, saudando-os. Convida-se os alunos a sentarem-se calmamente nas suas secretárias e a dispor do seu material escolar.

Procede-se, então, à projeção do sumário no quadro branco para que os alunos o registem nos seus cadernos diários. O sumário proposto para esta segunda aula é «A dimensão social da alimentação. Comer juntos: a refeição em família».

A professora começa por fazer memória da aula anterior, evocando os conteúdos abordados e evidenciando as duas funções da alimentação trabalhadas: a biológica e a cultural. Esta breve recapitulação dos conteúdos, deve ser realizada com o contributo dos alunos, que a professora deve ir questionando sempre que adequado. No seguimento, a docente faz a correção do exercício realizado no final da última aula, solicitando a intervenção de um ou dois alunos.

Para dar início ao tema da aula, faz-se a projeção¹⁸⁵ de algumas imagens de pessoas a comerem juntas à volta de uma mesa. Estarão aí retratadas famílias, grupos de amigos, avós e netos, crianças em idade escolar, todos à mesa a conversar e a rir, num ambiente que transmita alegria, acolhimento e afetividade. Convida-se então os alunos a observar as imagens e a descrevê-las, chamando a atenção para a forma como a comida é servida, os tipos de comida retratados, as posturas das pessoas e as suas expressões faciais. Organizando a turma em pares, é-lhes pedido que façam um pequeno exercício de reflexão conjunto, comparando e contrastando as imagens visualizadas com as suas próprias experiências de comensalidade em família, com amigos, em casa, num restaurante ou na cantina da escola. Entregar a cada par duas notas *post-it* para registarem

¹⁸⁵ O PowerPoint utilizado durante a aula encontra-se anexado a este relatório e constitui o Recurso Pedagógico 2.

as semelhanças e as diferenças que encontrarem, atendendo aos parâmetros que também observaram nas imagens projetadas. Depois de disponibilizado um período de tempo para que finalizem o que foi pedido, convidam-se alguns dos pares a partilharem as conclusões a que chegaram e os fatores que identificaram. O principal objetivo da atividade é que os alunos possam pensar se, nas refeições que fazem, se vive o mesmo tipo de ambiente e se estas são ocasião de conversa e partilha para além dos alimentos e um pretexto para o aprofundamento das relações familiares e de amizade.

A partir desta dinâmica, a docente ajuda os alunos a construir a ideia do que acontece à mesa durante a refeição, orientando a reflexão para a dimensão social da alimentação. Pode focar-se o papel que a partilha à mesa ocupa no estabelecimento de relações entre as pessoas (nomeadamente no contexto da família, do grupo de amigos, do namoro, do mundo dos negócios, etc.); indicar também a relação entre a comemoração de determinados dias festivos e a partilha de uma refeição à mesa (batizados, casamentos, aniversários, feriados e festividades religiosas); explicitar ainda que, muitas vezes, a alimentação é utilizada como forma de traduzir estatutos sociais (associam-se, por exemplo, pratos gourmet ou mais requintados a classes sociais elevadas).

Concluído este momento, convida-se os alunos a fazer um exercício individual, nos seus cadernos diários, descrevendo por escrito ou através de um desenho legendado, como decorre normalmente uma refeição nas suas casas. Devem descrever o que comem, onde comem, quem está presente à mesa, o que fazem durante a refeição, que regras existem, como são distribuídas as tarefas e qual o ambiente vivido à mesa durante a refeição. No final, a docente pode escolher dois ou três alunos para partilhar a sua descrição e, se pertinente e adequado, podem comparar-se as diferentes experiências. Pretende-se com este exercício ajudar os alunos a perceber se efetivamente nas suas famílias têm por hábito realizar as refeições em conjunto e se se verifica diálogo e partilha

dos acontecimentos do dia à mesa. Como forma de paralelismo, propõe-se em seguida a visualização do vídeo *Eat Together*¹⁸⁶, alusivo ao tema, onde se observa a tentativa de uma jovem, que percebe as pessoas à sua volta constantemente absorvidas em dispositivos eletrónicos e sem estabelecerem verdadeira comunicação uns com os outros, e que tenta congrega



Figura 2: Fotograma do vídeo Eat Together

e vizinhos numa mesa improvisada num corredor para que possam travar diálogo e partilhar experiências. A partir deste, a professora explora a necessidade e os benefícios de realizar as refeições em família todos os dias ou, pelo menos, sempre que possível, evitando outras distrações (como televisão ou telemóveis) e criando um espaço de diálogo e partilha durante a hora da refeição.

Nesse sentido, entrega-se a cada aluno o jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família», com o desafio para que o possam usar em casa. Este recurso consiste num pequeno saquinho, com várias perguntas ou tópicos para desbloquear a conversa à mesa com a família¹⁸⁷: a ideia é que este seja um pretexto ou incentivo para proporcionar mais momentos de conversa e partilha à mesa, num reforço dos laços familiares.



Figura 3: Jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família»

¹⁸⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vDuA9OPyp6I>.

¹⁸⁷ Podem consultar-se as perguntas e tópicos de conversa que constituíam o jogo no Recurso Pedagógico 3, em anexo.

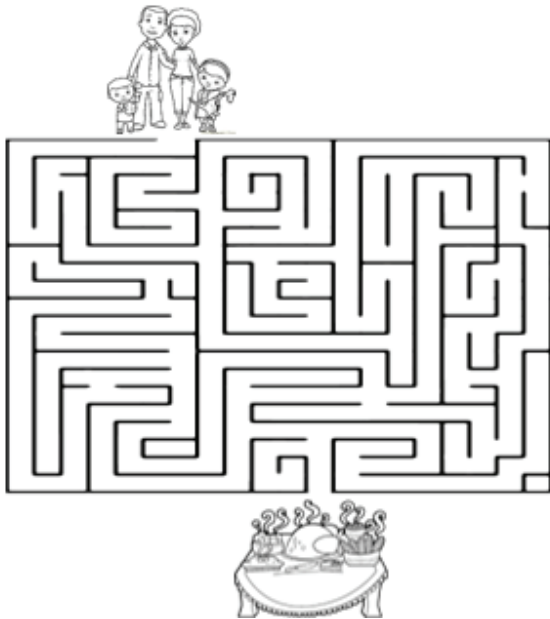
Para concluir a aula, a professora distribuiu pelos alunos uma síntese escrita da aula para colarem no caderno diário e uma atividade lúdica (labirinto) alusivo ao tema. Os alunos podem realizar a atividade no período da aula, se houver ainda disponibilidade de tempo, ou em casa.

A docente despede-se da turma, incentivando ao uso do jogo entregue com a família e mesmo com os colegas na cantina da escola.

Aula 2 | A refeição: experiência de encontro e partilha

O aspeto humano e social da alimentação não se encontra nos alimentos em si mesmos, mas na relação de fraternidade entre as pessoas que partilham as refeições. Comer e beber juntos sempre foi uma forma de expressar amizade e união... Os laços humanos reforçam-se com a participação à mesma mesa.

No seio da família, o estar juntos à mesa proporciona um espaço para trocar experiências, aprender, refletir, aproximar e celebrar, tornando este ato como um dos rituais comunitários mais comuns da sociedade.



The image contains a maze activity. At the top of the maze is a simple line drawing of a family consisting of a man, a woman, and two children. At the bottom of the maze is a line drawing of a table set with a white tablecloth, a central bowl, and several plates of food. The maze itself is a complex grid of lines forming a path from the family to the table.

Figura 4: Síntese e atividade final da aula

Tabela 3: Grelha de Planificação da Aula nº 2

Metas de aprendizagem		Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário				Acolhimento aos alunos. Projeção do sumário pela professora e registo nos cadernos diários pelos alunos.	Computador e projetor. Cadernos diários e material de escrita.	5'	Assiduidade e pontualidade. Registos no caderno.
SUMÁRIO: A dimensão social da alimentação. Comer juntos: a refeição em família.				A professora começa por relembrar a síntese/exercício final da aula anterior. Solicita a um dos alunos para ler as suas respostas e corrige o exercício para toda a turma, simultaneamente.	Cadernos diários com a síntese da última aula.	3'	
Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	A dimensão social da alimentação: - a refeição como festa e experiência de encontro. - a refeição em família.		Para dar início ao tema da aula, a professora projeta 3-5 imagens de pessoas a comerem juntas à volta de uma mesa. Convida os alunos a observar as imagens e a descrevê-las, chamando a atenção para: - a forma como a comida é servida; - os tipos de comidas retratados; - as posturas das pessoas; - as suas expressões faciais.	Computador e projetor; PowerPoint com as imagens para projetar.	5'	Participação ativa e pertinente na aula.
				Organizar a turma em pares. Pedir que façam um pequeno exercício de reflexão conjunto, comparando e contrastando as imagens	Notas <i>Post-it</i> e material de escrita.	7'	Atenção e concentração.

Ano: 6º | Turma: F
Data: 14 de janeiro de 2019
Tempo previsto: 45'

Unidade Letiva: A Partilha do Pão
Aula n.º 2/6

			<p>visualizadas com as suas próprias experiências de comensalidade em família, com amigos, em casa, num restaurante ou na cantina. Entregar a cada par duas notas <i>post-it</i> para registarem as semelhanças e as diferenças que encontrarem, atendendo aos quatro parâmetros que também observaram nas imagens.</p> <p>Em plenário geral da turma, pedir que alguns dos pares partilhem o exercício que fizeram.</p> <p>A partir da dinâmica anterior, ajudar os alunos a construir a ideia do que acontece à mesa durante a refeição. Orientar a reflexão para a dimensão social da alimentação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - focar o papel que a partilha à mesa ocupa no estabelecimento de relações entre as pessoas: família, amigos, namoro, negócios, ...; - perceber que muitas vezes a alimentação é utilizada como forma de traduzir o estatuto social das pessoas (associam-se, por exemplo, pratos <i>gourmet</i> ou mais requintados a classes sociais elevadas); - estabelecer a relação entre a comemoração de determinados dias festivos à partilha de uma refeição à mesa (batizados, casamentos, aniversários, feriados e festividades religiosas, ...). <p>Solicitar aos alunos para que, individualmente, descrevam (através da escrita ou de um desenho legendado) como é uma refeição ordinária em suas casas. Devem descrever o que comem, onde comem, quem está presente à mesa, o que fazem</p>		5'	Cumprimento de regras, cooperação na sala de aula e respeito pelos outros.
				Cadernos e material de escrita; Computador, projetor e	10'	Cumprimento das tarefas propostas e empenho.

3.3. Aula 3 – A dimensão simbólico-religiosa dos alimentos

A aula tem início com um breve momento de diálogo com os alunos, com o propósito de os saudar, acolher e ambientar para o trabalho a realizar na aula. Nesse sentido, a docente convida-os a organizarem os seus materiais escolares. Estabelecidas as condições necessárias, procede-se ao registo do sumário proposto para a aula, a saber: «O significado simbólico-religioso dos alimentos. Ficha de atividades sobre o tema». A docente faz a projeção no quadro e os alunos registam-no no respetivo caderno diário.

Em seguida, e relembrando a aula anterior, a docente questiona sobre a utilização que os alunos fizeram em casa do jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família». À medida que os alunos expõem as suas experiências, a docente evoca os conteúdos abordados sobre a dimensão social da alimentação.

Depois, com o auxílio de uma apresentação em *PowerPoint*¹⁸⁸, introduz o tema da aula: a dimensão simbólico-religiosa dos alimentos. Antes de abordar especificamente alguns alimentos, é importante começar por questionar os alunos sobre a definição de “símbolo” e o entendimento que têm da palavra. A partir do que forem capazes de referir, a professora, de forma simplificada, apresenta a definição e esclarece o seu sentido, mencionando alguns exemplos concretos que eles possam reconhecer: o símbolo da Reciclagem e da marca desportiva *Nike*; e, ainda, recordando a dimensão cultural dos alimentos, a pizza e o sushi como símbolos da Itália e do Japão, respetivamente. Espera-se que, desta forma, os alunos apreendam de forma geral o sentido do termo e assim fazer o paralelismo para a representação simbólica dos alimentos na cultura hebraico-cristã.

Alcançando este objetivo, a professora avança com a exploração da simbologia de alguns alimentos presentes na linguagem bíblica: o pão, o azeite, o vinho, a água e o cordeiro. Faz também uma breve menção ao significado da amêndoa, do peixe, do sal, do

¹⁸⁸ Cf. Recurso Pedagógico 4, em anexo.

leite e do mel. Esta apresentação é acompanhada de tópicos e imagens projetadas para que os alunos possam seguir os conteúdos e a exploração oral é intercalada com o pedido das intervenções e contributos dos alunos para a descodificação do significado dos alimentos.

No final desta parte expositiva, a docente propõe aos alunos a realização de uma ficha de atividades¹⁸⁹ com uma sopa de letras e um crucigrama para completarem com os alimentos abordados. A ficha serve como meio de verificação da aquisição e consolidação dos conteúdos explorados na primeira parte da aula. Após conceder alguns minutos para que os alunos concretizem a tarefa proposta, procede-se à correção da ficha, com a projeção da resolução da sopa de letras e do crucigrama e pedindo a colaboração de alguns alunos para o efeito.

Após a correção, a docente distribui a síntese da aula para que os alunos a colemb nos seus cadernos diários e, como tarefa para casa, sugere e distribui a cada aluno um jogo da memória¹⁹⁰ com alguns dos

Aula 3 | O significado simbólico-religioso dos alimentos

Nesta aula, aprendemos que:

- ✓ Na cultura bíblica, os **alimentos** são uma **dádiva de Deus**, e por isso, a abundância alimentar era um sinal da bênção divina. As refeições ocupam, assim, um papel importante na relação entre Deus e o ser humano.
- ✓ Podemos observar, no Antigo Testamento, diversas **regras e normas** relativas à preparação e ao consumo de alimentos. Por outro lado, nos Evangelhos, é mais valorizada a mensagem de que **Deus**, que procura o bem de todas as pessoas, **criou os alimentos para que todos tenham acesso a eles.**

Figura 5: Síntese final da aula

alimentos trabalhados e a sua dimensão simbólico-religiosa. Pretende-se, com este jogo didático, que os alunos possam recapitular e memorizar os conteúdos da aula. Assim, a aula termina, com a despedida e o apelo a que os alunos possam fazer uso do jogo em casa e com os colegas nos intervalos.

¹⁸⁹ Cf. Recurso Pedagógico 5, em anexo.

¹⁹⁰ Podem ver-se os cartões elaborados para este jogo da memória no Recurso Pedagógico 6, em anexo.

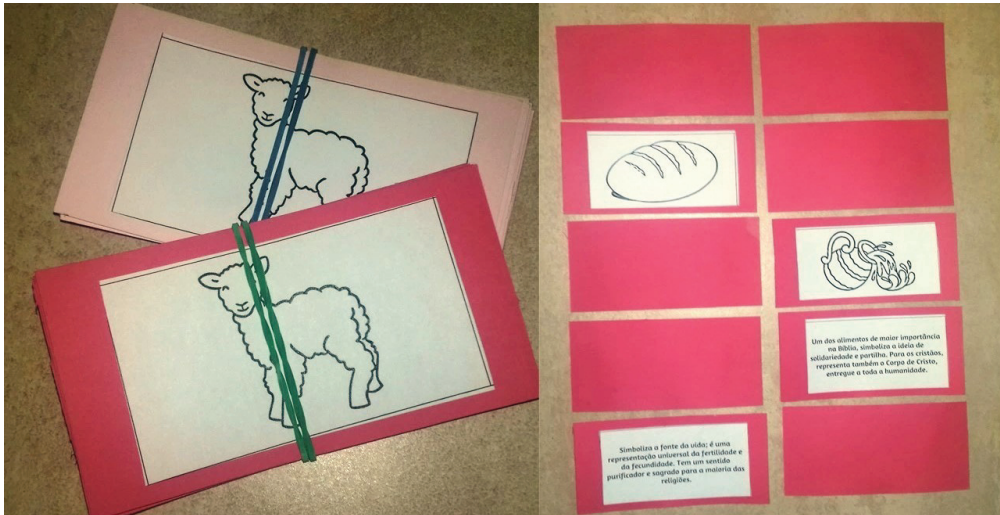


Figura 6: Jogo da memória

Tabela 4: Grelha de Planificação da Aula nº 3

Metas de aprendizagem		Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário				Acolhimento aos alunos. Projeção do sumário pela professora e registo nos cadernos diários pelos alunos.	Computador e projetor. Cadernos diários e material de escrita.	5'	Assiduidade e pontualidade. Registos no caderno.
SUMÁRIO: A dimensão simbólico-religiosa dos alimentos na cultura hebraico-cristã. Ficha de atividades sobre o tema.							
Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Compreender a dimensão simbólica da refeição.	O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição: o pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro, a amêndoa, o peixe, o sal, o leite e o mel.	Relembrar a proposta final da última aula e questionar sobre a utilização do jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família» que foi entregue aos alunos. Através das suas intervenções, evocar os conteúdos abordados anteriormente.			5'	
			Com o auxílio de uma apresentação em PowerPoint, introduzir o tema do significado simbólico-religioso dos alimentos, principiando por questionar os alunos sobre a noção que têm de "símbolo". A partir do que forem capazes de referir, a professora, de forma simplificada, deve apresentar a explicação da palavra, mencionando alguns exemplos práticos que eles reconhecem: o símbolo da Reciclagem e da marca desportiva Nike; e, ainda, para recordar a	Computador e projetor; apresentação PowerPoint.	3'	Participação ativa e pertinente na aula.	
Descobrir a simbólica cristã.							

			<p>dimensão cultural dos alimentos, a pizza e o sushi como símbolos da Itália e do Japão, respetivamente.</p> <p>Clarificado esse conceito, avançar para a exploração da simbologia de alguns alimentos presentes na linguagem bíblica: o pão, o azeite, o vinho, a água e o cordeiro. Fazer também uma breve menção ao significado da amêndoa, do peixe, do sal, do leite e do mel. Esta apresentação é acompanhada de tópicos e imagens projetadas para que os alunos possam seguir os conteúdos.</p> <p>Propor aos alunos a realização de uma ficha de atividades como forma de verificação e consolidação dos conteúdos explorados.</p> <p>Proceder à correção da ficha de atividades, com a projeção da resolução da sopa de letras e do crucigrama.</p> <p>Distribuir a síntese final da aula para colarem nos cadernos diários. Entregar e explicar o Jogo da Memória com os alimentos e o seu simbolismo religioso, como forma de recapitulação e memorização dos conteúdos abordados na aula.</p>	<p>Computador e projetor; apresentação <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Fichas de atividades e material de escrita. Computador e projetor; apresentação <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Folhas com a síntese da aula; cadernos diários e cola. Cartões do Jogo da Memória.</p>	<p>12' e</p> <p>10'</p> <p>5' e</p> <p>5'</p>	<p>Atenção e concentração.</p> <p>Cumprimento de regras, cooperação na sala de aula e respeito pelos outros.</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas e empenho.</p> <p>Registos no caderno diário, organização e responsabilidade.</p>
--	--	--	--	---	---	---

3.4. Aula 4 – A (in)justiça na produção e comércio dos alimentos

A aula inicia com a saudação e acolhimento dos alunos, estabelecendo-se um breve diálogo sobre o fim-de-semana e os acontecimentos mais relevantes da vida escolar. A docente procura, entretanto, que os alunos se preparem para o trabalho e atividades letivas.

Registado o sumário da aula – «A produção e o comércio dos alimentos. O Comércio Justo» –, procede-se à recapitulação e síntese dos simbolismos religiosos dos alimentos, através da resolução da ficha de atividades realizada pelos alunos no final da aula anterior, por esta não ter sido completada nessa aula, e ainda através da evocação do jogo proposto para casa.

Introduzindo então a temática da aula, a produção dos alimentos, a docente interpela os alunos, explicando brevemente, os principais métodos de recolha de alimentos da natureza (agricultura, pesca, caça, etc.), enfatizando a importância de existirem as condições necessárias para uma boa e suficiente produção e recolha de alimentos (condições climatéricas, propriedades do solo ou recursos materiais).

Em seguida, questiona-se os alunos sobre a origem geográfica dos alimentos que consumimos diariamente e propõe-se a descoberta dos locais de produção através de uma dinâmica. Esta consiste na projeção da imagem de um mapa-mundo, com as fronteiras delineadas, mas sem a indicação escrita dos nomes dos países, e na distribuição aleatória a cada aluno ou a cada par de alunos de um pequeno cartão¹⁹¹ correspondente a um alimento, com a indicação de um país onde a sua produção é elevada. O desafio passa por cada aluno afixar o seu cartão no quadro, descobrindo no mapa-mundo o país aí indicado, contando com a ajuda dos colegas e da professora, se necessário.

¹⁹¹ Os cartões usados na dinâmica podem ser consultados no Recurso Pedagógico 7, em anexo.

Pretende-se no final desta dinâmica que os alunos fiquem com uma perspectiva panorâmica da distribuição da produção de alimentos a nível mundial; para isso, a docente pede que observem a distribuição que fizeram dos cartões, chamando a atenção para o facto de os países que normalmente associamos com a pobreza e carência ou insegurança alimentar, serem também alguns dos grandes produtores de certos bens alimentares.

Por conseguinte, a docente explicita, com o auxílio visual de uma apresentação *PowerPoint*¹⁹², que a produção alimentar no mundo é suficiente para prover alimentos a toda a população mundial, mas que, no entanto, cerca de 1 em 7 pessoas no nosso planeta passa fome e que 80% dessas pessoas são agricultores ou outros produtores alimentares. Lançado este facto, provoca a reflexão dos alunos, questionando como é possível que, estando essas pessoas a produzir e a colher alimentos, acabem por sair prejudicados.

Após a recolha das opiniões e pareceres dos alunos, a docente avança com a explicação, aclarando que o sistema de produção e comércio alimentar nem sempre é um fator de justiça social, dado que muitas empresas investem no sistema alimentar e negociam os alimentos de forma a terem muito lucro, acabando por prejudicar grande parte da população, que é explorada para esse fim. O sistema mundial de produção de alimentos é dominado por muito poucas, mas muito poderosas, empresas, que lucram muito com o comércio alimentar, mas que pagam muito pouco aos pequenos agricultores ou produtores locais.

Para que os alunos consigam concretizar melhor esta realidade, sugere-se a visualização de um recurso audiovisual alusivo ao desequilíbrio existente dentro do sistema de produção e comércio dos alimentos¹⁹³, apenas até ao minuto 3:45. O recurso, que se trata de uma animação musical sobre o tema, auxilia na exploração e perceção dos

¹⁹² Cf. Recurso Pedagógico 8, em anexo.

¹⁹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gx9puyyMiXk>.

alunos da desigualdade existente entre os dois extremos do processo de compra e venda de produtos alimentares.

De seguida, explica-se sumariamente a influência do fenómeno da globalização no processo do comércio de alimentos e introduz-se uma das iniciativas que pretende pôr fim a estas



Figura 7: Fotograma do vídeo "Uma outra saída" sobre o Comércio Justo

desigualdades: o movimento do Comércio Justo. Apresenta-se o conceito, a dinâmica, os intervenientes e os objetivos propostos pelo Comércio Justo, através da visualização e exploração do restante vídeo (a partir do minuto 3:45) e com a ajuda da apresentação *PowerPoint*.

Para terminar a temática, a docente sugere um jogo final – “Caça Objetos” –, onde os alunos procuram identificar os alimentos certificados pelo Comércio Justo. Projeta-se a imagem de uma prateleira de supermercado, com vários alimentos e produtos, uns com o logótipo do Comércio Justo, outros sem o logótipo; e os alunos devem ser capazes de identificar todos os que tiverem o logótipo. O objetivo é que eles se familiarizem com o logótipo e associem com facilidade ao conceito abordado, testando simultaneamente a capacidade de atenção e concentração.

Por fim, procede-se como habitualmente à distribuição aos alunos do exercício-síntese da aula para que colem nos cadernos. Trata-se de um conjunto de afirmações sobre os conteúdos abordados na aula, que os alunos devem assinalar como verdadeiras ou falsas.

Ao terminar a aula, a professora despede-se dos alunos, desejando a todos uma boa semana.

Aula 4 | A produção e o comércio dos alimentos (Comércio Justo)

Desta vez, serás tu a fazer a síntese da aula, assinalando com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações:

- Os países em desenvolvimento não são capazes de produzir alimentos.
- Uma em cada sete pessoas no nosso planeta passam fome.
- A maioria das pessoas que passam fome estão envolvidos na produção de alimentos.
- O sistema de produção e comércio alimentar é equilibrado e justo.
- Os lucros do comércio de alimentos vão normalmente para os pequenos produtores.
- A globalização do mundo atual veio desequilibrar o comércio de alimentos.
- O Comércio Justo pretende proteger as grandes empresas e o seu lucro.
- Com o Comércio Justo existem apenas 3 intervenientes em todo o processo de compra e venda dos alimentos.
- O Comércio Justo garante proteção e justiça aos pequenos produtores.

Figura 8: Síntese e exercício final da aula

Tabela 5: Grelha de Planificação da Aula nº 4

Metas de aprendizagem		Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>Unidade Letiva: A Partilha do Pão Aula n.º 4/6</p> <p>Ano: 6º Turma: F Data: 29 de janeiro de 2019 Tempo previsto: 45'</p>							
Acolhimento e Sumário				Acolhimento aos alunos. Projeção do sumário pela professora e registo nos cadernos diários pelos alunos.	Computador e projetor. Cadernos diários e material de escrita.	5'	Assiduidade pontualidade. Registos no caderno.
SUMÁRIO: A produção e o comércio dos alimentos. O Comércio Justo.							
Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	A produção e o comércio dos alimentos. O conceito de Comércio Justo.	Recapitulação e síntese da última aula, através da resolução da ficha de atividades anteriormente realizada. Introduzir a temática da produção dos alimentos, referindo brevemente os principais métodos de recolha de alimentos da natureza (agricultura, pesca, caça, etc.). Referir a importância de reunir as condições necessárias para uma boa e suficiente produção de alimentos.	Computador e projetor; <i>Powerpoint</i> ; fichas de atividades preenchidas.	7' 1'	Participação ativa e pertinente na aula.	
			Propor a descoberta dos locais de produção de diversos alimentos através de uma dinâmica: projetar a imagem de um mapa-mundo, com as fronteiras delimitadas, mas sem a indicação escrita dos nomes dos países; distribuir	Computador e projetor; imagem do mapa-mundo; cartões com os alimentos	10'		

			<p>aleatoriamente a cada aluno ou a cada par de alunos um pequeno cartão correspondente a um alimento e com a indicação de um país onde a sua produção é elevada; os alunos são convidados a fixar o seu cartão no quadro, descobrindo no mapa-mundo o país indicado nos seus cartões (com a ajuda da professora, se necessário).</p> <p>Pretende-se no final desta dinâmica que os alunos fiquem com uma perspetiva panorâmica da distribuição da produção de alimentos a nível mundial.</p> <p>Fazer menção ao panorama geral do mapa-mundo, chamando a atenção para o facto de os países mais pobres, serem também grandes produtores de certos bens alimentares.</p> <p>Explicitar que a produção alimentar no mundo é suficiente para prover alimentos a toda a população mundial, mas que, no entanto, cerca de 1 em 7 pessoas no nosso planeta passa fome e que 80% dessas pessoas são agricultores ou outros produtores alimentares. Questionar como é possível que, estando eles a produzir e a colher alimentos, acabem por sair prejudicados.</p> <p>Avançar com a explicação, aclarando que o sistema de produção e comércio alimentar não é propriamente um fator de justiça social: muitas empresas investem no sistema alimentar e negoceiam os alimentos de forma a terem muito lucro, acabando por prejudicar grande parte da</p>	<p>massa adesiva para colar no quadro.</p>	<p>3'</p>	<p>Cumprimento das tarefas propostas e empenho.</p> <p>Atenção e concentração.</p>
					<p>2'</p>	

			<p>população, que é explorada para esse fim. O sistema mundial de produção de alimentos é dominado por muito poucas, mas muito poderosas, empresas, que lucram muito com o comércio alimentar, mas que pagam muito pouco aos pequenos agricultores ou produtores locais.</p> <p>Visualizar um vídeo alusivo a essa realidade do desequilíbrio existente dentro do sistema de produção e comércio dos alimentos: https://www.youtube.com/watch?v=Gx9puvYMIxk (apenas até ao minuto 3:45).</p> <p>Explorar com os alunos o sentido do vídeo, focando a desigualdade existente entre os dois extremos do processo de compra e venda de produtos alimentares.</p> <p>Explicar sumariamente a influência do fenómeno da globalização no processo do comércio de alimentos e introduzir o conceito, a dinâmica, os intervenientes e os objetivos propostos pelo Comércio Justo, através da visualização e exploração do restante vídeo (a partir do minuto 3:45) e com a ajuda de diapositivos de <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Propor um jogo final ("Caça Objetos") onde os alunos procuram identificar os alimentos certificados pelo Comércio Justo: projetar imagens de vários e diferentes alimentos, uns</p>	<p>Computador e projetor; vídeo.</p> <p>4'</p>		<p>Cumprimento de regras, cooperação na sala de aula e respeito pelos outros.</p>
			<p>Explorar com os alunos o sentido do vídeo, focando a desigualdade existente entre os dois extremos do processo de compra e venda de produtos alimentares.</p> <p>Explicar sumariamente a influência do fenómeno da globalização no processo do comércio de alimentos e introduzir o conceito, a dinâmica, os intervenientes e os objetivos propostos pelo Comércio Justo, através da visualização e exploração do restante vídeo (a partir do minuto 3:45) e com a ajuda de diapositivos de <i>Powerpoint</i>.</p> <p>Propor um jogo final ("Caça Objetos") onde os alunos procuram identificar os alimentos certificados pelo Comércio Justo: projetar imagens de vários e diferentes alimentos, uns</p>	<p>Computador e projetor; vídeo; <i>Powerpoint</i>.</p> <p>4'</p>		
			<p>Propor um jogo final ("Caça Objetos") onde os alunos procuram identificar os alimentos certificados pelo Comércio Justo: projetar imagens de vários e diferentes alimentos, uns</p>	<p>Computador e projetor; <i>Powerpoint</i>.</p> <p>4'</p>		

			<p>com o logótipo do Comércio Justo, outros sem o logótipo; os alunos devem ser capazes de identificar todos os que tiverem o logótipo. O objetivo é que eles se familiarizem com o logótipo e associem com facilidade ao conceito abordado, testando simultaneamente a capacidade de atenção e concentração.</p> <p>Distribuir pelos alunos o exercício-síntese da aula para colarem no caderno. Realização do exercício.</p>	<p>Folhas com o exercício-síntese da aula; cadernos diários, cola e material de escrita.</p> <p>3'</p>	<p>Registos no caderno de organização e responsabilidade.</p>
--	--	--	--	--	---

3.5. *Aula 5 – A fome e a injusta distribuição dos bens*

A docente dá início à aula, acolhendo os alunos e mantendo com eles um diálogo de forma a realizar a transição do intervalo para a sala de aula. A par do diálogo, a docente proporciona um momento de organização dos materiais e projeta o sumário para que este possa ser registado nos cadernos diários. O sumário referente a esta aula é «A fome e a injusta distribuição dos bens».

Como forma de recordar e rever os conteúdos trabalhados na aula anterior, procede-se à correção do exercício-síntese da última aula, pedindo o contributo de alguns alunos.

Em seguida, a docente faz a proposta da dinâmica introdutória ao tema da aula, que consiste numa simulação na turma da distribuição dos alimentos e dos recursos mundiais. Para isso, entrega-se a cada aluno um papel com uma personagem que eles ‘representam’ (em cada papel, é-lhes também atribuído uma região geográfica)¹⁹⁴ e coloca-se à vista de todos um recipiente com rebuçados que irão representar toda a comida disponível no mundo, explicando que os alunos representam todas as pessoas vivas em diferentes partes do planeta. Passa-se então a distribuir os rebuçados pelas diferentes zonas geográficas atribuídas aos alunos, de acordo com a quantidade de comida que na realidade está disponível para cada continente, projetando a informação¹⁹⁵ para que eles possam acompanhar os dados fornecidos e a explicação da docente e chamando a atenção para a quantidade de pessoas que há em cada região e para a proporção de comida que recebem. Em seguida, a docente permite que cada região geográfica decida o que fazer e distribua entre si os rebuçados que receberam, evidenciando que em alguns grupos os

¹⁹⁴ As personagens e respetivas regiões geográficas usadas na dinâmica inicial são apresentadas no Recurso Pedagógico 9, em anexo.

¹⁹⁵ O PowerPoint utilizado na aula encontra-se anexado a este relatório, no Recurso Pedagógico 10.

rebuçados não chegam para todas as pessoas presentes e que noutros, os elementos até recebem a dobrar.

A partir destas circunstâncias, segue-se um diálogo com os alunos sobre a injustiça do processo de distribuição dos alimentos no mundo, relacionando com os conteúdos da última aula. O objetivo é despertar a consciência deles para a situação de fome que algumas pessoas no planeta passam e ajudá-los a colocarem-se nessa mesma situação, questionando-os como se sentiriam se estivessem um dia, ou até uma semana, com fome.

Para auxiliar nesse objetivo, sugere-se a visualização de um vídeo ilustrativo realizado pela UNICEF¹⁹⁶ sobre as desigualdades sociais e o acesso à alimentação e outros recursos essenciais, que retrata a rotina diária de duas crianças, com a mesma idade, no mesmo país (Indonésia), mas que vivem em duas províncias diferentes e com

duas realidades antagónicas em termos de capacidade económica e de acesso à alimentação. Com os alunos, explora-se as diferenças patentes no



Figura 9: Fotograma do vídeo da UNICEF

vídeo, evidenciando a situação de pobreza e fome em contraste com a situação de conforto e privilégio, demonstrando assim a desigual distribuição de riquezas e as desigualdades sociais que põem em causa as condições essenciais de vida e a dignidade humana.

Com o auxílio de diapositivos de *PowerPoint*, a docente aborda em seguida o problema da fome no mundo, apresentando as causas – de responsabilidade humana e naturais – e as consequências da fome, nomeadamente a subnutrição. Simultaneamente,

¹⁹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UaL1lwaVNAQ>.

e em contraste, com estes conteúdos, interpela-se também os alunos com a questão do desperdício alimentar que acontece nas sociedades com recursos económicos mais abundantes.

No final, a docente despede-se dos alunos e distribui a síntese final da aula para colarem nos cadernos diários e o respetivo exercício para fazer em casa, que consiste em efetuar uma pequena pesquisa sobre algumas associações ou instituições (nacionais ou internacionais) que lutam contra a fome – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), Banco Alimentar e ReFood – e preencher as informações requeridas no exercício.

Aula 5 | A fome e a injusta distribuição dos bens

Nesta aula, vimos como a **fome** continua a ser um dos grandes males da sociedade. Como causas deste problema, podemos identificar as catástrofes naturais, mas também a ação do ser humano. Por essa razão, é também o ser humano que tem o poder de mudar esta situação. Perante as desigualdades na distribuição da riqueza e dos alimentos, várias organizações foram criadas com o objetivo de defender a qualidade de vida das populações mais desfavorecidas, prestar ajuda humanitária e auxiliar em casos de emergência. Exemplo disso são o **Banco Alimentar contra a Fome**, a **ReFood** e a **FAO**.

Figura 10: Síntese final da aula

RELATÓRIO DE PESQUISA: ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM CONTRA A FOME

O desafio para esta semana é fazeres uma breve pesquisa sobre algumas das organizações que lutam contra a fome e preencheres os dados correspondentes que aqui te são pedidos. Bom trabalho!




 <p>Banco Alimentar contra a fome</p>	<p><u>BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME</u> Data de fundação: Fundador: Lema: Objetivo: Atividades desenvolvidas:</p>
 <p>REFOOD</p>	<p><u>REFOOD</u> Data de fundação: Fundador: Lema: Objetivo: Atividades desenvolvidas:</p>
 <p>FAO FIAT PANIS</p>	<p><u>FAO – ORGANIZAÇÃO PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA</u> Data de fundação: Fundador: Lema: Objetivo: Atividades desenvolvidas:</p>

Figura 11: Relatório de pesquisa a elaborar em casa pelos alunos

Tabela 6: *Grelha de Planificação da Aula n.º 5*

Unidade Letiva: A Partilha do Pão Aula n.º 5/6		Ano: 6º Turma: F Data: 4 de fevereiro de 2019 Tempo previsto: 45'				
Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: A fome e a injusta distribuição dos bens.						
Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	A pobreza e injusta distribuição dos bens.	Acolhimento aos alunos. Projeção do sumário pela professora e registo nos cadernos diários pelos alunos.	Computador e projetor. Cadernos diários e material de escrita.	5'	Assiduidade e pontualidade. Registos no caderno.
	Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	A fome e a subnutrição. Causas da fome. O desperdício alimentar. Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome.	Correção do exercício-síntese da última aula. Simulação da distribuição dos alimentos e dos recursos mundiais: - Entregar a cada aluno um papel com a personagem que eles 'representam' (em cada papel, ê-lhes também atribuído uma região geográfica); - Colocar à vista um recipiente com rebuçados ou bolos que irão representar toda a comida disponível no mundo e explicar que os alunos representam todas as pessoas vivas em diferentes partes do planeta; - Distribuir pelas diferentes zonas geográficas atribuídas aos alunos os rebuçados de acordo com	Cadernos e folhas com o exercício-síntese da última aula. Papéis com personagens para cada aluno; saco de rebuçados ou pequenos bolos.	3' 10'	Participação ativa e pertinente na aula. Atenção e concentração.

		<p>a quantidade de comida que na realidade está disponível para cada continente (projetar a informação) e chamar a atenção para a quantidade de pessoas que há em cada região e simultaneamente a proporção de comida que recebem;</p> <p>- Permitir que cada região geográfica decida o que fazer e distribua entre si os rebuçados que receberam e fazer notar que em alguns grupos os rebuçados não chegam para todas as pessoas presentes e que noutros, os elementos até recebem a dobrar.</p> <p>Questionar sobre a injustiça do processo de distribuição dos alimentos no mundo, relacionando com os conteúdos da última aula.</p> <p>Evidenciar a situação de fome que algumas pessoas no planeta passam e ajudá-los a colocarem-se nessa mesma situação (como se sentiriam se estivessem um dia, ou até uma semana, com fome).</p> <p>Visualização de um vídeo ilustrativo sobre as desigualdades sociais e o acesso à alimentação e outros recursos essenciais: https://www.youtube.com/watch?v=UaL1IwaVNAQ</p> <p>Explorar as diferenças patentes no vídeo, evidenciando a situação de pobreza e fome em contraste com a situação de conforto e privilégio. Demonstrar a desigual distribuição de riquezas e as desigualdades sociais que põem em causa as</p>	<p>Computador e projetor; apresentação <i>Powerpoint</i>.</p>	<p>5'</p>	<p>Cumprimento de regras, cooperação na sala de aula e respeito pelos outros.</p>
		<p>Visualização de um vídeo ilustrativo sobre as desigualdades sociais e o acesso à alimentação e outros recursos essenciais: https://www.youtube.com/watch?v=UaL1IwaVNAQ</p> <p>Explorar as diferenças patentes no vídeo, evidenciando a situação de pobreza e fome em contraste com a situação de conforto e privilégio. Demonstrar a desigual distribuição de riquezas e as desigualdades sociais que põem em causa as</p>	<p>Computador e projetor; vídeo.</p>	<p>2'</p>	
				<p>5'</p>	

			<p>condições essenciais de vida e a dignidade humana.</p> <p>Abordar o problema da fome, através da exploração de um <i>Powerpoint</i>, apresentando as causas (responsabilidade humana e causas naturais) e as consequências da fome (subnutrição).</p> <p>Simultaneamente, e em contraste, com estes conteúdos, referir brevemente a questão do desperdício alimentar.</p>	<p>Computador e projetor; apresentação <i>Powerpoint</i>.</p>	10'	<p>Cumprimento das tarefas propostas e empenho.</p>
			<p>Distribuir a síntese final da aula para colarem nos cadernos diários, e o respetivo exercício para fazer em casa: efetuar uma pequena pesquisa sobre algumas associações ou instituições (nacionais ou internacionais) que lutam contra a fome (FAO, Banco Alimentar e Refood) e preencher as informações requeridas no exercício.</p>	<p>Folhas com a síntese da aula e o exercício para casa; cadernos diários e cola.</p>	5'	<p>Registos no caderno diário, organização e responsabilidade.</p>

3.6. *Aula 6 – O valor da partilha, da solidariedade e do serviço*

A aula tem início com um breve momento de diálogo com os alunos, com o propósito de os saudar, acolher e ambientar para o trabalho a realizar na aula. Nesse sentido, a docente convida-os a sentarem-se calmamente e a organizarem os seus materiais escolares. A professora projeta, então, o sumário no quadro¹⁹⁷ e os alunos procedem ao seu registo nos cadernos diários. O sumário desta sexta e última aula é «Revisão dos trabalhos de pesquisa realizados em casa. “Escolhe a Bondade”: o valor da partilha, da solidariedade e do serviço.».

As atividades letivas começam com a revisão dos trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos em casa acerca de algumas instituições que lutam contra a fome e se empenham por assegurar as condições básicas de vida das populações mais desfavorecidas, socorrendo-as em casos de emergência social e económica e prestando ajuda humanitária: Banco Alimentar, ReFood e FAO. Em conjunto com as informações recolhidas pelos alunos, procede-se ao preenchimento dos dados referentes a estas instituições, nomeadamente a data de fundação, o fundador, o lema, os objetivos e as atividades por elas desenvolvidas. Para complementar esta parte dos conteúdos, a docente menciona ainda o trabalho desenvolvido pela Cáritas, Conferências Vicentinas e Comunidade Vida e Paz.

A partir dos exemplos dados, é então possível abordar e explorar com os alunos os conceitos de partilha, solidariedade e voluntariado. Tendo por base também a problemática da fome e da pobreza trabalhada na última aula, evidencia-se a responsabilidade e o papel que os governantes e cidadãos do mundo inteiro devem assumir no combate e resolução deste problema. Neste momento da aula, apresenta-se as diversas áreas de voluntariado possíveis (na saúde, na educação, na ação social, no

¹⁹⁷ O PowerPoint utilizado na aula pode ser consultado no Recurso Pedagógico 11, em anexo.

desenvolvimento da ciência e da cultura, na defesa do património e do ambiente ou na proteção civil), em ligação com algumas das instituições abordadas, referindo também o trabalho desenvolvido por missionários e outros organismos que trabalham pela promoção da dignidade humana, movidos pelo espírito da partilha, da solidariedade, da gratuidade, da justiça e do serviço aos outros.

Em seguida, procede-se à exibição e visualização do videoclip da música *I Was Here* da cantora Beyoncé, realizado a propósito do Dia Mundial Humanitário da Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁹⁸, chamando a atenção dos alunos para a letra e para as imagens que surgem ao longo do vídeo. A partir dele, a professora dialoga com os alunos, questionando-os sobre a interpretação que fizeram do mesmo e o impacto que sentiram ao perceber a letra e ao ver as imagens; sobre a mensagem sobre o voluntariado e o serviço que é transmitida; e a que tipo de gestos de bondade, grandes ou pequenos, o vídeo os pode inspirar.

Após a análise do videoclipe, a professora explicita que a atitude da partilha e da solidariedade não se traduz apenas pela partilha do pão e dos bens materiais, mas que se exprime também na forma como nos relacionamos com todos, na atenção que damos aos que nos rodeiam, na escuta atenta que fazemos dos outros e na bondade com que tratamos cada pessoa. Nesta linha, propõe à turma a leitura de quatro ou cinco cenários concretos, solicitando que reflitam, partilhem e discutam em plenário como podem reagir às diferentes situações apresentadas de uma forma atenciosa, solidária e bondosa. As sugestões dadas devem ser registadas no quadro e copiadas para os cadernos pelos alunos. O objetivo deste exercício é ajudar os alunos a concretizar e a pensar em situações

¹⁹⁸ Videoclipe legendado disponível em <https://www.hippovideo.io/video/play/8FwpefS4gm1clhI2a4NR-ItiwM838RmYXzQx6hvRdbc>. Letra e tradução da música apresentados no Recurso Pedagógico 12, em anexo.

específicas onde podem “exercer” e adotar atitudes que espelhem mais os valores da bondade, da partilha e do serviço aos outros.

Para finalizar a aula e a lecionação da unidade letiva, suprime-se a síntese escrita que os alunos habitualmente são convidados a colar nos cadernos diários, propondo-se antes o desafio “escolhe a Bondade”. Pretende-se desta forma que eles passem da teoria à prática e, mais do que um papel escrito, possam transpor para realidades concretas os conteúdos assimilados ao longo do processo de ensino-aprendizagem. O desafio consiste numa tabela com várias células (quadrados), que os alunos devem ir colorindo à medida que completam ou põe em prática a tarefa que nelas é sugerida. Distribui-se assim as folhas do desafio por cada aluno, juntamente com um marcador de livros alusivo ao mesmo desafio.

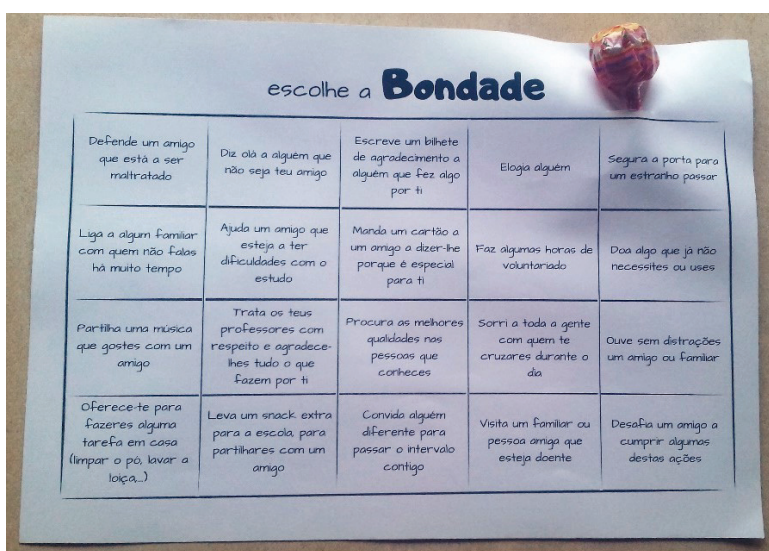


Figura 12: Desafio "escolhe a Bondade"



Figura 13: Marcador de livros entregue aos alunos

Tabela 7: Grelha de Planificação da Aula n.º 6

Metas de aprendizagem		Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>Unidade Letiva: A Partilha do Pão Aula n.º 6/6</p> <p>Ano: 6º Turma: F Data: 19 de fevereiro de 2019 Tempo previsto: 45'</p>							
<p>Acolhimento e Sumário</p>							
<p>SUMÁRIO: Revisão dos trabalhos de pesquisa realizados em casa. "Escolhe a Bondade": o valor da partilha, da solidariedade e do serviço.</p>							
<p>Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.</p>	<p>Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome.</p> <p>A 'opção preferencial' pela bondade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Amor partilhado e a solidariedade. - O voluntariado e o serviço aos outros. 	<p>Acolhimento aos alunos. Projeção do sumário pela professora e registo nos cadernos diários pelos alunos.</p>	<p>Computador e projetor. Cadernos diários e material de escrita.</p>	<p>5'</p>	<p>Assiduidade e pontualidade. Registos no caderno.</p>	
<p>Descobrir a simbólica cristã.</p>	<p>Reconhecer o valor da solidariedade.</p>	<p>Revisão dos trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos em casa sobre as instituições que lutam contra a fome (Banco Alimentar, Refood e FAO).</p> <p>Apresentar e mencionar brevemente o trabalho desenvolvido por outras instituições (Cáritas, Conferências Vicentinas, Comunidade Vida e Paz).</p>	<p>Folhas com o relatório de pesquisa da última aula.</p>	<p>Computador e projetor; apresentação Powerpoint.</p>	<p>10'</p> <p>3'</p> <p>5'</p>	<p>Cumprimento das tarefas propostas e empenho.</p>	
<p>Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>Tomar consciência de que a partilha dos</p>	<p>Abordar os conceitos de partilha, solidariedade e voluntariado a partir da problemática da fome e da pobreza trabalhada na última aula, evidenciando a responsabilidade e o papel que os governantes do mundo inteiro e todos os cidadãos têm para combater e resolver esse problema.</p> <p>Mencionar tipos de voluntariados possíveis, em ligação com algumas das instituições já abordadas, referindo também o trabalho desenvolvido por missionários e outros organismos que trabalham pela promoção da dignidade humana.</p>	<p>Atenção e concentração.</p>				

	<p>bens supõe a partilha de si.</p> <p>Valorizar a atitude de voluntariado.</p>		<p>Visualização do videoclipe da música "I Was Here" (Beyoncé), realizado a propósito do Dia Mundial Humanitário da ONU, chamando a atenção para a letra e para as imagens que surgem: https://www.hippovideo.io/video/play/8FwpefS4gm1chI2a4NR-ltiwM838RmYzQx6hvrDbc</p> <p>A partir do vídeo, questionar os alunos sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o impacto geral que sentiram ao perceber a letra e ao ver as imagens; - a mensagem sobre o voluntariado e o serviço que é transmitida; - que tipo de gestos de bondade, grandes ou pequenos, o vídeo inspira. <p>Evidenciar que a atitude da partilha e da solidariedade não se traduz apenas pela partilha do pão e dos bens materiais, mas que se exprime também na forma como nos relacionamos com todos, na atenção que damos aos que nos rodeiam, na escuta atenta que fazemos dos outros e na bondade com que tratamos cada pessoa.</p> <p>Apresentar quatro ou cinco cenários concretos, solicitando aos alunos que reflitam e partilhem como podem reagir às diferentes situações de uma forma atenciosa, solidária e bondosa. Registrar no quadro as sugestões dadas e pedir que os alunos as registem também nos cadernos.</p> <p>Distribuir o marcador de livros e o desafio "escolhe a Bondade" por cada aluno.</p>	<p>Computador e projetor; videoclipe da música.</p>	<p>5'</p>	<p>Cumprimento de regras, cooperação na sala de aula e respeito pelos outros.</p> <p>Participação ativa e pertinente na aula.</p> <p>Registos no caderno diário, organização e responsabilidade de.</p>
			<p>Computador e projetor; <i>Powerpoint</i> com a descrição dos cenários.</p> <p>Marcadores de livros e folhas do desafio "escolhe a Bondade".</p>	<p>5'</p>	<p>2'</p>	

Concluída a apresentação das descrições e planos de aulas relativos à lecionação da unidade letiva *A Partilha do Pão*, procede-se em seguida ao enquadramento e explanação da atividade “A Mesa da Partilha”, realizada e dinamizada pelo núcleo de estágio no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

4. Atividade “A Mesa da Partilha”

No decurso da PES, o núcleo de estágio integrou e auxiliou na dinamização da atividade “A Mesa da Partilha”, inserida no Projeto Anual de Atividades (PAA) do Agrupamento e proposta pelo grupo disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica. A atividade decorreu na Escola Básica 2/3 de Nogueira no final das atividades letivas do 2º período, na manhã do dia 5 de abril de 2019.

De acordo com o tema comum do Agrupamento para o ano letivo 2018/2019 – “O Mundo” –, esta atividade assumiu-se como uma celebração à mesa da diversidade e multiculturalidade do mundo, que se manifestam também em toda a escola, através das diferentes nacionalidades dos alunos que a frequentam. Cada turma foi então convidada a organizar, decorar e preparar uma mesa correspondente a um país, representando a sua diversidade cultural e gastronómica.

Os principais objetivos desta atividade passaram por proporcionar e promover um espaço e momentos de partilha e convívio entre alunos, professores e pessoal não docente e apelar ainda ao espírito de solidariedade de toda a comunidade escolar, dado que todos foram convidados a contribuir com géneros alimentares para um grande cabaz comum a ser doado a uma instituição de ação sócio caritativa.

O núcleo de estágio encarregou-se especificamente da decoração e dinamização do espaço do *hall* de entrada da escola e, em plena harmonia com a temática definida,

pensou, elaborou e montou uma exposição, que funcionou como acolhimento e enquadramento à atividade.



Figura 14: Exposição no hall de entrada

A exposição, montada através de móveis devidamente escalados e distribuídos pelo *hall* de entrada, pretendeu retratar, em paralelo com as mesas presentes na atividade, a riqueza cultural e gastronómica de cada país. Ao mesmo tempo, sem perder a matriz da disciplina e aquilo que são as suas finalidades, foram ainda incluídos na exposição materiais acerca da dicotomia entre a fome e o desperdício alimentar e a proposta de uma alimentação e de um estilo de vida mais sustentáveis para colmatar a exploração abusiva dos recursos naturais do planeta. Estes temas de âmbito social e moral foram plenamente de encontro à leção da unidade *A Partilha do Pão* à turma F do 6º ano, integrando-se, por isso, perfeitamente com o trabalho desenvolvido ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionada.



Figura 15: Móbil "Desperdício Alimentar vs. Fome"

5. Reflexão crítica sobre a Prática de Ensino Supervisionada

A avaliação da Prática de Ensino Supervisionada aqui apresentada, decorre quer de uma reflexão individual, quer do diálogo e partilha com os colegas do núcleo de estágio, orientadora cooperante e orientadora científica da PES, na clara consciência de que essa análise e discussão conjunta muito enriquece e contribui para a melhoria das práticas pedagógicas.

Consideramos, antes de mais, que toda a Prática de Ensino Supervisionada decorreu com normalidade e sucesso, salientando-se o bom relacionamento entre todos os elementos do núcleo de estágio, a gratuita e muito proficiente orientação e acompanhamento da professora cooperante e a relação de afinidade construída com os alunos da turma do 6º F. Também consideramos que as estratégias de ensino e os recursos didáticos foram diversificados, adequados e oportunos e a transmissão dos conteúdos programáticos foi bem estruturada e alcançada. A linguagem a que se recorreu foi adequada e adaptada aos alunos da turma, não descurando o rigor e a especificidade próprios das Ciências Religiosas e da Teologia. Acima de tudo, todos estes fatores contribuíram para que a prática educativa que se pretendeu desenvolver fosse profícua e, efetivamente, se desse a compreensão e recetividade dos conteúdos e a consolidação e repercussão das aprendizagens por parte dos alunos.

De modo a refletir e explicitar melhor o itinerário desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada, evidenciam-se agora aspetos mais particulares das aulas lecionadas e das atividades realizadas, que observamos como pertinentes.

A primeira aula, apesar de um atraso de quase quinze minutos por parte dos alunos na entrada para a sala, decorreu conforme planificada e foi possível concretizar todos os momentos pensados pela docente e atingir os objetivos propostos na planificação. De uma forma geral, as estratégias e recursos utilizados revelaram-se adequados e os alunos

aderiram da forma esperada a todas iniciativas, demonstrando empenho e entusiasmo. No entanto, devido aos recursos aplicados que proporcionavam um ambiente mais informal, a turma manteve-se sempre bastante agitada, sendo que a docente tentou encontrar estratégias capazes de mobilizar a sua atenção.

Um outro ponto, que embora não se classifique como negativo, mas que se verificou não ter muita relevância no contexto geral e final da aula, foi o aspeto da apresentação solicitado pela docente na dinâmica inicial. Efetivamente, alunos e professora já estavam bastantes familiarizados e aquela proposta em específico não enriqueceu significativamente a relação ou o conhecimento entre os vários intervenientes na aula. Nesse sentido, constatou-se que teria sido mais proveitoso dedicar toda a atividade à exploração do significado dos provérbios e ditados populares portugueses dentro do imaginário da alimentação. Considerou-se ainda que para efeitos de maior eficácia, seria proveitoso projetar o sumário nas aulas seguintes, em vez de o redigir no quadro.

Em relação à segunda aula, consideramos que os objetivos foram plenamente atingidos. Os alunos identificaram-se facilmente com a temática, demonstraram bastante entusiasmo e empenho nas atividades propostas pela docente e mostraram níveis de participação oral muito satisfatórios, com intervenções relevantes e oportunas.

A proposta final do jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família» para realizarem em casa foi, possivelmente, o ponto alto da aula. Os alunos entenderam e fizeram muito bem a ligação dos conteúdos com a proposta realizada e revelaram um entusiasmo enorme em colocar em prática a dinâmica em casa com as suas famílias. Efetivamente, consideramos que o recurso foi bem pensado e elaborado e foi uma excelente forma de culminar a aula, com a exortação e o apelo a que os alunos valorizem cada vez mais o momento da refeição em família.

Daquilo que estava planificado, apontamos apenas a não concretização, por otimização da gestão do tempo, da atividade da aula em que seria solicitado aos alunos que fizessem a descrição de como era habitualmente uma refeição nas suas casas. Apesar deste incumprimento na planificação, consideramos que a situação foi controlada e adaptada de forma adequada pela docente, sendo que aquilo que se pretendia conseguir com esse exercício foi explorado após a primeira atividade através do diálogo com os alunos.

A terceira aula também decorreu de acordo com o previsto e considera-se ter sido uma aula bem conseguida tendo em conta os objetivos traçados. Foi uma aula abundante em conceitos, conteúdos e informações sobre o significado simbólico-religioso dos alimentos, pelo que, apesar de considerarmos que houve fluência e pertinência na transmissão dos conteúdos e que os alunos se mantiveram atentos e interessados, poderia ter sido proveitoso selecionar apenas os alimentos mais centrais para a exposição oral, disponibilizando mais tempo para a realização e exploração dos recursos apresentados em seguida.

Destacam-se como positivos precisamente os recursos disponibilizados, a ficha de trabalho e o jogo da memória, que foram bem aplicados e pertinentes em relação ao tema da aula e cuja recetividade por parte dos alunos foi alargada. Considera-se que estes possibilitaram uma boa compreensão e consolidação dos conteúdos trabalhados na aula.

A quarta aula decorreu de acordo com o que estava planificado, tendo sido possível realizar todas as atividades pensadas pela docente e, mais importante, atingir-se assim os objetivos fixados na planificação. Como foram abordados alguns conteúdos onde se manifestavam situações de injustiça social e económica, foi curioso observar como os alunos reagiam com inquietação e alguma revolta perante as mesmas.

Percebemos esta atitude deles como positiva, pois revela preocupação e sentido de solidariedade para com o outro, principalmente o mais frágil e desprotegido.

Ao longo da aula, os alunos mostraram-se atentos e participativos e bastante entusiasmados com os recursos e atividades apresentadas.

A quinta aula, planejada como uma continuação e em estreita articulação com a aula anterior, possibilitou abranger e atingir plenamente os conteúdos e objetivos fixados, reforçando o trabalho realizado com a turma. Os alunos, como esperado, reagiram de forma muito expansiva e empenhada à atividade proposta para o início da aula, respeito sempre as indicações da professora e colaborando no desenrolar da mesma.

Revelaram mais uma vez uma consciência já desperta para questões de desigualdade e injustiça social, demonstrando alguns conhecimentos prévios sobre o assunto e, acima de tudo, espírito de empatia e solidariedade.

A sexta e última aula decorreu conforme planejada, tendo-se concretizado todas as atividades pensadas pela docente e atingidos os objetivos propostos.

Apesar de nenhum dos alunos ter elaborado em casa o breve trabalho de pesquisa pedido no final da aula anterior, foi possível dar a conhecer e apresentar as organizações que lutam contra a fome. Em conjunto, com a ajuda da docente e através dos conhecimentos prévios que eles tinham sobre as instituições, fez-se o preenchimento dos relatórios de pesquisa. Mesmo com a falta de trabalho em casa, consideramos que o objetivo principal, que era dar a conhecer essas instituições aos alunos, foi alcançado.

Os alunos manifestaram uma postura adequada à sala de aula, quer ao nível do comportamento, quer ao nível da participação oral.

Em relação às estratégias e recursos criados, estes mostraram-se adequados e cativaram a atenção e o interesse dos alunos. Uma das dificuldades apresentadas por eles foi o acompanhar simultaneamente as imagens e as legendas do videoclipe exibido;

dificuldade essa resolvida no momento através da repetição do mesmo para que os alunos pudessem atentar na parte que não acompanharam aquando da primeira exibição.

Por otimização do tempo disponível também se verificou a impossibilidade de os alunos registarem nos cadernos diários as sugestões partilhadas por eles no exercício dos cenários hipotéticos realizados na última parte da aula. Apesar disso, entendemos que a situação não interferiu significativamente naquilo que estava planificado.

De salientar ainda a grande receptividade e entusiasmo com que os alunos acolheram o desafio “escolhe a Bondade” lançado pela docente, revelando a assimilação daquilo que foi procurado transmitir ao longo das aulas.

Em termos da atividade “A Mesa da Partilha”, reconhecemos o sucesso da mesma, salientando a concretização da exposição, organizada pelo núcleo de estágio. Os móveis, suspensos por fio e movimentando-se com as correntes de ar, criaram um efeito muito curioso e contagiante, que despertou a atenção e o interesse dos alunos. Isto permitiu que eles se concentrassem depois nos conteúdos e nos temas explorados, por isso, consideramos que a exposição foi uma mais valia no contexto geral da atividade.

De salientar, por fim, a colaboração de todos os elementos do núcleo de estágio, dos auxiliares de ação educativa, da professora cooperante e do restante grupo disciplinar de EMRC.

Como aspetos gerais da Prática de Ensino Supervisionada, voltamos a salientar a relação de afinidade e afetividade que se estabeleceu com os alunos. Reconhecemos que foi a partir desta relação que se tornou possível construir todo o processo de ensino-aprendizagem, centrado nas características dos alunos, nos seus interesses e capacidades. Das falhas e dificuldades encontradas ao longo da prática letiva, procurou-se sempre superá-las, aprimorando-as de momento para momento.

Acima de tudo, como previamente referido, a nossa preocupação e propósitos no trabalho com os alunos centravam-se na valorização da comensalidade como lugar de encontro e partilha e no despertar de uma consciência cívica, social, política e moral acerca das desigualdades sociais, económicas e alimentares no mundo. Consideramos, pois, que esses propósitos foram atingidos, e concluímos a Prática de Ensino Supervisionada na esperança de ter verdadeiramente inspirado, ou pelo menos, plantado essa semente, de uma forma de estar e de ser, baseada na sustentabilidade e sobriedade e que se orienta para a bondade e partilha cristãs.

CONCLUSÃO

No início deste percurso, encetou-se um trabalho de análise exploratória em torno do conceito e significações da mesa e da comensalidade, tendo como ponto de partida a unidade letiva *A Partilha do Pão*, lecionada no contexto da Prática de Ensino Supervisionada. Chegados ao final deste relatório, parece-nos agora pertinente traçar alguns tópicos que servirão como recapitulação, síntese e conclusão do itinerário percorrido.

Apoiados no pensamento de autores como Luís Lavrador ou José Tolentino Mendonça, entre outros, e apesar das diferentes áreas de estudos provenientes – um doutorado em Turismo, Lazer e Cultura, o outro em Teologia Bíblica –, verificamos no primeiro capítulo deste trabalho, que ambos se encaminham para a mesma aceitação da mesa como espaço privilegiado da partilha de alimentos e de afetos. À volta dela reúnem-se os amigos e a família, celebram-se os acontecimentos mais importantes e as diferentes etapas da vida, institui-se a comunicação e a intimidade dos relacionamentos. A mesa pode mesmo assumir-se como um referencial antropológico, na medida em que espelha e estabelece a estrutura e as relações dos grupos humanos, dando-lhes uma identidade própria e alimentando-os socialmente.

A refeição, além da sua condição utilitária, transporta assim um significado social, cultural, afetivo e até espiritual. De facto, o ato de alimentar-se dá fundamento a muitos dos rituais e práticas religiosas, próprias do cristianismo. Como vimos, no próprio texto bíblico, abundam as narrativas e símbolos ligados à alimentação, aos bens alimentares e à experiência que se faz do outro e com o outro à mesa.

Ainda no primeiro capítulo, fomos percebendo como a mesa e a alimentação podem também assumir o papel de “fiel da balança”, uma vez que servem como ponto de

comparação entre as diferentes condições económicas. Através das dietas e hábitos alimentares, é possível perceber distintas classes ou grupos sociais, sendo que dessa forma a mesa estabelece as fronteiras que separam grupos humanos. Ao longo da história, em diferentes culturas, a mesa tornou-se lugar maior da expressão dos privilégios e dos poderes dos grupos e classes dominantes e de discriminação e segregação para com os mais pobres e humildes.

Isso acontecia, por exemplo, no seio da sociedade judaica, cuja identidade foi fortemente construída à volta da comensalidade e apoiada em normas legais de pureza dos alimentos, estendidas também à contaminação da mesa através dos outros convivas. Por esta razão, observamos tantas passagens bíblicas onde os judeus, particularmente o grupo dos fariseus, se recusavam a sentar à mesa com pecadores, estrangeiros ou leprosos. Para eles, a mesa era elemento segregador entre raças, religiões, culturas, estatutos sociais e condições de vida, onde só os eleitos e puros tinham lugar.

A partir desta conceção judaica, procurou-se ainda apontar para a novidade que Jesus Cristo representa no âmbito da comensalidade. Com efeito, enquanto os judeus valorizavam a pureza ou impureza dos alimentos ingeridos, Jesus valorizava o modo de estar e acolher os outros à mesa. Pelo seu ministério e ação, é edificado um novo paradigma, que rompe com os preconceitos e a segregação que atravessavam a mesa judaica e das civilizações antigas: o ideal da mesa comum, símbolo da solidariedade e da partilha entre toda a humanidade, sem qualquer aceção de pessoas. Este paradigma assenta na imagem do Reino e na certeza de que, junto do Pai, todos têm um lugar e são convidados a tomar parte com ele.

No entanto, como retratado no segundo capítulo do relatório, esta visão fraternal e solidária da mesa, vê-se ameaçada e colocada em perigo por inúmeras realidades atuais. Profundamente marcado e transformado pela evolução técnica resultante da Revolução

Industrial, o mundo de hoje apresenta algumas características que se constituem como verdadeiros desafios à comensalidade e ao sistema alimentar global, que se pretendem sãos, equilibrados e justos. Desde o fenómeno da *fast-food*, que parece agudizar o individualismo e a solidão de muitos no momento da refeição, passando pelo ideal estético que muito influi nas escolhas alimentares, até às transformações ocorridas na dinâmica das refeições familiares, são vários os desafios que parecem confrontar e anular o papel da mesa enquanto espaço privilegiado de encontro e partilha. Ademais, no campo ético e social, e a uma escala global, é preocupante verificarmos as profundas desigualdades que caracterizam o sistema alimentar mundial, nomeadamente o fosso entre os países do norte e do sul, e as consequências sociais e ambientais a elas associadas.

Posto isto, as instituições políticas e sociais têm a responsabilidade de combater estas dificuldades e procurar soluções mais justas e equitativas. Independentemente dessas ações civis, também a Igreja é chamada a pronunciar-se e a propor novos caminhos rumo ao ideal da mesa comum. Nessa linha, os cristãos, porque reconhecem nos outros a mesma substância de criaturas e filhos de Deus, que partilham a mesma origem e o mesmo destino, não se podem evadir de lutar por uma sociedade mais justa e solidária. Todos são chamados a dar de si em favor dos outros, conscientes de que a partilha não significa predominantemente abdicar de algo ou sacrificar-se – o ato de dar-se não é uma privação –, mas é «expressão da minha vitalidade»¹⁹⁹. A verdadeira riqueza está, não em ter muito, mas em dar muito. Até porque a certeza da fraternidade humana e da filiação divina aniquila o medo da perda e da morte que move a avareza e o egoísmo. Se não olho o outro com desconfiança e como um inimigo, que me poderá retirar algo, mas escolho olhá-lo como um irmão com quem posso dividir o mesmo pão, então a vida será mais livre e feliz,

¹⁹⁹ Erich Fromm, *A Arte de Amar* (Lisboa: Pergaminho, 2008), 30.

pois o medo de ser substituído, ultrapassado ou ferido pelo outro não terá mais expressão ou eco.

Como conclusão, gostaríamos de evidenciar que trabalhar a temática da comensalidade e os desafios atuais que ela apresenta configurou-se uma jornada exigente, mas recompensadora. Reconhecemos que, devido à necessidade de síntese e limitação próprias num trabalho desta natureza, muito mais haveria a desenvolver e por outros caminhos se poderia optar.

Não obstante, e conscientes das lacunas existentes, podemos salientar a sempre surpreendente riqueza que transporta este tipo de trabalhos de investigação, dado que cada descoberta ou avanço traz nova luz sobre uma realidade que, pelo tempo e esforço a ela dedicados, se torna muito próxima e com a qual se cria grande afinidade e gosto. Neste caso, notamos que ao longo da investigação e estudo realizados foi-se gerando, como esperado, uma consciência cada vez maior das problemáticas abordadas, que simultaneamente ressoou no nosso quotidiano de forma muito concreta.

Ao recordar a experiência pessoal que se fez da escola e do percurso educativo no ensino básico, há já alguns anos, veio a realização de que foi precisamente aí que se deu o primeiro contacto com a problemática ambiental, por exemplo, e foi aí que se aprendeu a urgência de adotar medidas concretas para a isso dar resposta. Da escola, levou-se então o apelo para casa e para a família e foi assim que começou a preocupação, o hábito e a prática agora assídua da reciclagem no âmbito doméstico. Mais recentemente, depois de iniciado o trabalho de investigação que serviu este relatório, por isso inspirados e surgida uma conjectura que o proporcionou, principiou-se a título pessoal um trabalho de parceria e voluntariado semanal na associação Refood, um projeto que procura diminuir

simultaneamente a carência e o desperdício alimentares, recolhendo comida não servida por empresas do sector da restauração e fornecendo-a a famílias necessitadas.

Isto levou-nos a pensar em como, efetivamente, é possível educar, num contexto escolar, para temáticas como a sustentabilidade, o respeito pelos recursos disponibilizados pela natureza e mesmo a sensibilização para as desigualdades sociais e alimentares existentes no mundo. E educar de forma eficaz e performativa, ou seja, que não descreve apenas uma realidade, mas que conduz a ações concretas e à modificação dessa realidade.

De facto, o possível valor deste trabalho reside em pôr a descoberto caminhos que permitam despertar, no coração de quem o consultar ou dele fizer uso na sua atividade docente, uma sensibilidade cada vez maior para os desafios globais que hoje a comensalidade nos apresenta e para a necessidade de contribuir para uma realidade mais justa e equilibrada para todos os habitantes deste planeta.

Foi este o propósito que acompanhou o itinerário realizado ao longo da planificação e operacionalização da Prática de Ensino Supervisionada, desde a investigação e redação do referencial teórico até à prática pedagógica junto dos alunos, descrita no capítulo final deste relatório. Efetivamente, a principal preocupação passou por propor aos alunos uma vivência concreta da solidariedade e da partilha cristã, à volta do ideal de uma mesa comum, onde à semelhança do Reino de Deus todos têm lugar. Pelo meio, contagiados por uma problemática que tínhamos já presentes, também nós acrescentássemos ao nosso estilo de vida novos hábitos e práticas, na esperança de uma cada vez maior aproximação a esse ideal fraterno da mesa comum.

Dessa forma, também a motivação para o trabalho desenvolvido se intensificou e, mobilizando conhecimentos e experiências prévias, procurou-se construir um trajeto a realizar com os alunos que, pela riqueza e complexidade do tema, se poderia ter

desdobrado em mais aulas ou aprofundado mais e de maneiras diferentes. No entanto, pareceu-nos que a exigência de sintetizar toda a temática em seis aulas, foi também um excelente exercício no âmbito profissional e pessoal, que nos permitiu selecionar e identificar as aprendizagens essenciais e ir ao cerne das questões abordadas. O facto de a turma ter respondido de forma muito positiva a todas as propostas, realizando o itinerário planificado com interesse e empenho e alcançando os objetivos inicialmente traçados, parece-nos também ser um indicador da assertividade das temáticas trabalhadas e das estratégias e recursos desenvolvidos.

Concluimos a nossa reflexão, na certeza de que muito mais haveria a explorar. Este trabalho, situa-se claramente apenas no início de um longo e denso caminho e serviu, pelo menos, para abrir portas a novas investigações. Fica, a título de exemplo, a vontade de estudar e analisar com maior cuidado e minúcia os documentos do Magistério da Igreja que abordam a temática da injusta distribuição dos bens e da problemática ambiental, especialmente o conceito de ecologia integral abordado pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*. Mais ainda, fica o desejo de aprofundar as raízes bíblicas da fraternidade, apoiada nas dicotomias ameaça-afeto e medo-fé, através de um estudo mais exegético da Sagrada Escritura. Este desejo surge da certeza, formada ao longo do itinerário percorrido, de que, só quando o amor fraterno – enquanto «sentido de responsabilidade, de cuidado, de respeito e de conhecimento de outro ser humano, desejo de prolongar a sua vida»²⁰⁰ – for o paradigma de todas as decisões pessoais, políticas e económicas, é que ocorrerão transformações profundas na estrutura social, que verdadeiramente espelhem o ideal da mesa comum.

²⁰⁰ Fromm, *A Arte de Amar*, 51.

BIBLIOGRAFIA

Sagrada Escritura:

Bíblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2009.

Documentos do Magistério da Igreja:

Bento XVI. *A Caridade na Verdade: Carta Encíclica «Caritas in veritate»*. Braga: Editorial A. O., 2009.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Concílio Vaticano II. *A Igreja no mundo contemporâneo: Constituição Pastoral «Gaudium et Spes»*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1966.

Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*. Lisboa: PAULUS Editora, 2015.

Francisco. Exortação Apostólica *Christus Vivit*. Lisboa: PAULUS Editora, 2019.

João Paulo II. *A Solicitude social da Igreja: Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*. Braga: Editorial A.O., 1988.

Paulo VI. Encíclica *Populorum Progressio*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1967.

Bibliografia Geral:

Aguirre, Rafael. *La mesa compartida. Estudios del NT desde las ciencias sociales*. Bilbao: Sal Terrae, 1994.

Almeida, António Rodrigues de (coord.). «mensa, ae». In *Dicionário de Latim-Português*, 413. Porto: Porto Editora, 2008.

- Almeida, Carlos A. Brochado de. «O vinho e a pretensa barbárie dos povos galaicos».
Douro – Estudos & Documentos 11 (2001): 67-81.
- Baptista, Pedro; Campos, Inês; Pires, Iva; Vaz, Sofia G.. *Do Campo ao Garfo. Desperdício Alimentar em Portugal*. Lisboa: CESTRAS, 2012.
- Barrios Tao, Hernando. «Comida, mesa y banquete: de la Primera a la Segunda Alianza».
Theologica Xaveriana, 58/166 (2008): 347-380.
- Boscione, Franco. *Los gestos de Jesús. La comunicación no verbal en los Evangelios*. Madrid: Narcea Ediciones, 2004.
- Camões, Luís de. *Poesia Lírica*. S.l.: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1998.
- Comby, Jean. *Para ler A História da Igreja – das origens ao séc. XI*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1997.
- Conferência Episcopal Portuguesa. «Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade». *Revista Pastoral Catequética* 5 (2006): 7-16.
- Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus – Sobre as questões de crer*. Coimbra: Tenacitas, 2010.
- Dalby, Andrew. *Food in the Ancient World from A to Z*. London: Routledge, 2003.
- Dias, Paula Barato. «A Linguagem dos Alimentos nos Textos Bíblicos – Sentidos para a Fome e para a Abundância». *Humanitas* 60 (2008): 157-175.
- Douglas, Mary. «Deciphering a Meal». In *Food and Culture: a reader*, ed. Carole Counihan and Penny Van Esterik, 36-54. New York: Routledge, 1997.
- Fernandes, António Teixeira. «Ritualização da Comensalidade». *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 7 (1997): 7-30.
- Fromm, Erich. *A Arte de Amar*. Lisboa: Pergaminho, 2008.

- Heynen, Nik; Kurtz, Hilda E. and Trauger, Amy. «Food Justice, Hunger and the City». *Geography Compass* 6/5 (2012): 304-311.
- Kelley, Robert L.. «Meals with Jesus in Luke's Gospel». *Horizons in Biblical Theology* 17 (1995): 123-131.
- Lavrador, Luís. *Ao Sabor da Bíblia*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2017.
- Lévi-Strauss, Claude. *Mythologiques: Le Cru et le Cuit*. Paris: Librairie Plon, 1964.
- Marr, Andrew. *História do Mundo*, vol. V. Alfragide: Texto Editores Lda./Expresso, 2016.
- Martins, Guilherme d'Oliveira (coord.), Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017.
- Mendonça, José Tolentino. «O espaço social da refeição. Perspectivas cristãs». *Communio* XXI (2004/4): 449-457.
- Mendonça, José Tolentino. *A construção de Jesus. Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- Pagazzi, Giovanni Cesare. *C'è posto per tutti: legami fraterni, paura, fede*. Milano: Vita e Pensiero, 2014.
- Pagazzi, Giovanni Cesare. *La cucina del Risorto. Gesù cuoco per l'umanità affamata*. Bologna: EMI, 2014.
- Pereira, Isidro. «κλίνη, ης». In *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 323. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.
- Pilcher, Jeffrey M.. *Food in World History*. New York: Routledge, 2017.
- Poulain, Jean-Pierre. *Sociologias da Alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- Rops, Daniel. *Historia de la Iglesia de Cristo*, vol. X. Madrid: Librería Arthème Fayard, 1971.

Rosenblum, Jordan D.. «From Their Bread to Their Bed: Commensality, Intermarriage, and Idolatry in Tannaitic Literature». *Journal of Jewish Studies* 61/1 (2010): 18-29.

Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014.

Soler, Jean. «The semiotics of food in the Bible». In *Food and Culture: a reader*, ed. Carole Counihan and Penny Van Esterik, 55-65. New York: Routledge, 1997.

Stansbury-O'Donnell, Mark. *A History of Greek Art*. Chichester: John Wiley & Sons, 2015.

Tansey, Geoff and Worsley, Tony. *The Food System: a guide*. Oxford: Earthscan, 1995.

Sitiografia:

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. *Projeto Educativo: Triénio 2016-2018*. Braga: AESAS, dezembro de 2015. Consultado em 24 de junho de 2019. http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf.

Decreto Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. *Diário da República* n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06: 2918-2928. Consultado em 24 de junho de 2019. <https://dre.pt/application/conteudo/115652961>.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. «taylorismo». Consultado em 19 de junho de 2019. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/taylorismo>.

Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos Alunos: 6º ano – Educação Moral e Religiosa Católica*. Julho de 2018. Consultado em 19 de junho de 2019. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_6a.pdf.

Donahue, John F.. «Toward a typology of roman public feasting». *American Journal of Philology* 124, 3 (2003): 423-441,

<http://sites.middlebury.edu/feastsandfestivals/files/2015/09/roman-public-feasting.pdf>.

Ekström, Marianne P. and Jonsson, Inger M.. «Family meals: competence, cooking and company». In *Food in Contemporary Society*, ed. Hille Janhonen-Abreuquah and Päivi Palojoki, 23-28. Helsinki: University of Helsinki, 2009.

https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/16007/fics_ejulkaisu.pdf.

Food and Agriculture Organization of the United Nations. *Global food losses and food waste – Extent, causes and prevention*. Rome: FAO, 2011. Consultado em 12 de junho de 2019. <http://www.fao.org/3/a-i2697e.pdf>.

Food and Agriculture Organization of the United Nations. *The future of food and agriculture: Trends and challenges*. Rome: FAO, 2017. Consultado em 12 de junho de 2019. <http://www.fao.org/3/a-i6583e.pdf>.

Francisco. *Homilia da Santa Missa no Sacrário Militar de Redipuglia* (13 de setembro de 2014).

http://m.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140913_omelia-sacrario-militare-redipuglia.html.

Francisco. *Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação* (16 de outubro de 2013).

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html.

Lei de Bases do Sistema Educativo. Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. *Diário da República* n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14: 3067-3081. Consultado em 30 de junho de 2019. <https://dre.pt/application/conteudo/222418>.

Patiño Puente, Jesús Vicente. «Introducción a la historia del mueble». *Revista de Claseshistoria* 11 (2010): 2-10.

<http://www.claseshistoria.com/revista/2010/articulos/patino-mueble-introduccion.pdf>.

World Health Organization – Regional Office for Europe. *European Health Report 2018: More than numbers – evidence for all*.


http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0008/379862/who-ehr-2018-eng.pdf?ua=1.

ANEXOS

Apresentam-se apensos a este relatório os recursos pedagógicos e didáticos utilizados na leção da unidade letiva *A Partilha do Pão* do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano, encontrando-se estes também disponíveis no *dossier* da Prática de Ensino Supervisionada.

Recurso Pedagógico 1: Quiz interativo sobre a gastronomia do mundo

1/15 Save & Exit




Qual destes é um prato típico da Índia?

1 2 3 4

Locro Pudim de Yorkshire Frango curry Goulash


2/15 Save & Exit






Sabem em que país as waffles são muito famosas?

França Brasil Áustria Bélgica

3/15 Save & Exit



Qual destas imagens corresponderá à paella, prato típico da vizinha Espanha?


4/15 Save & Exit



Qual destes países é o maior produtor mundial de arroz?

Timor Leste China Vietname Japão

5/15 Save & Exit




A Muamba de galinha é um prato típico de que país?

Angola

Moçambique

6/15 Save & Exit



Escolhe todos os alimentos tipicamente associados à França.

Crème Brûlée


Croissant

Mil folhas

Picanha

SELECT ALL THAT APPLY

7/15 Save & Exit



De que país é originário a Moussaka?

Iraque

Marrocos

Itália

Grécia

8/15 Save & Exit



Que prato é considerado o rei da gastronomia portuguesa?

Feijoada

Rojões

Bacalhau


Arroz de pato

9/15 Save & Exit

Qual destes será o Poutine, o prato típico do Canadá?



10/13 Save & Exit




Assinala todas as comidas que podes facilmente encontrar num restaurante em Itália.

Pizza Gelado Massa Bacalhau

SELECT ALL THAT APPLY


11/13 Save & Exit



Que país é conhecido pelo seu grande consumo de *fast food*?

Egipto Estados Unidos da América Suécia Portugal

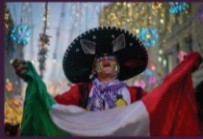
12/13 Save & Exit



De que país é originário o *sushi*?

Indonésia Inglaterra Espanha Japão

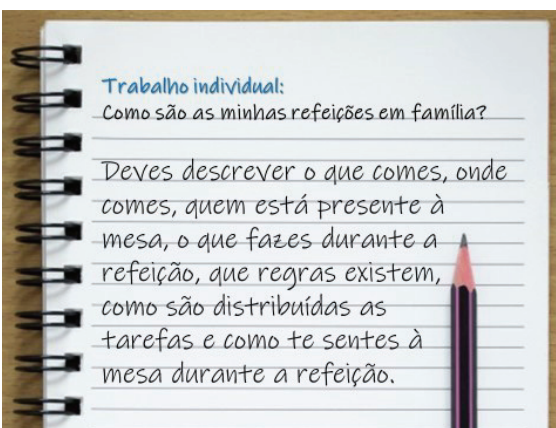
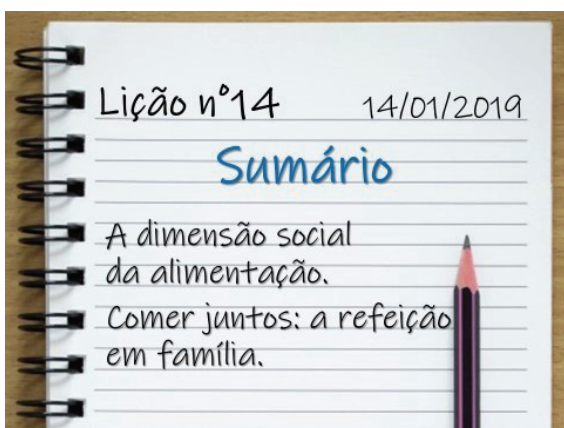
13/13 Save & Exit



Qual destes conjunto de pratos é típico da cozinha mexicana?

Lasanha, risotto e canneloni Peixe e batatas fritas, bife Wellington e scones Tortilha, empanadas e tacos Escargot, mil folhas e ratatouille

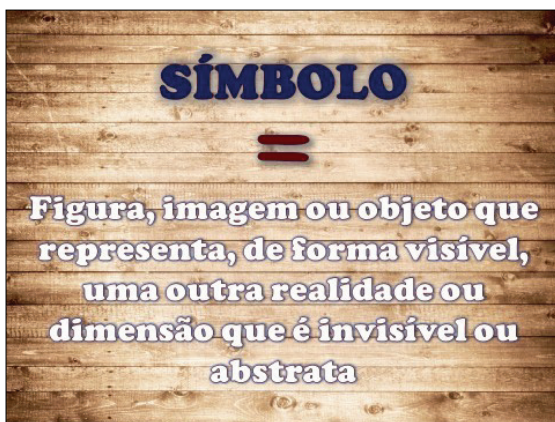
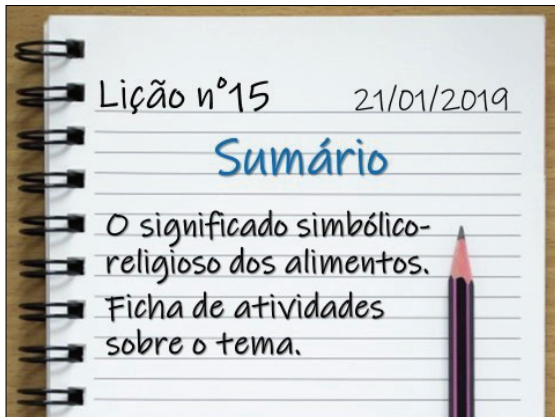
Recurso Pedagógico 2: PowerPoint utilizado na aula nº 2



Recurso Pedagógico 3: Perguntas e tópicos de conversa do jogo «Faz da HORA da refeição, uma HORA em família»

O que farias se tivesses um milhão de euros?	Se fosses viver para uma ilha deserta e só pudesses levar contigo 3 objetos, o que escolherias?	Qual é a tua estação do ano favorita e porquê?
Se tivesses de reviver este dia, o que farias de diferente?	Se pudesses ler a mente de alguém, quem seria?	Quais são as tuas 2 maiores qualidades? E os teus 2 maiores defeitos?
Se o dinheiro não fosse um impedimento, para onde gostarias de ir de férias?	Qual é o teu cheiro favorito? Que memórias te traz?	Que talento gostarias de ter ou de desenvolver melhor?
Qual foi o local mais interessante onde já estiveste?	Qual foi a comida mais estranha que já experimentaste?	Descreve a tua casa de sonho.
Se pudesses entrar num filme, que filme escolherias e que personagem interpretarías?	Há alguém de quem sintas saudades?	Qual foi a melhor parte do teu dia?
Se pudesses ter qualquer tipo de animal de estimação, qual seria?	O que gostarias de poder mudar na tua escola ou trabalho? Porquê?	A que gostarias de dedicar mais tempo no teu dia-a-dia?
Qual a melhor e a pior coisa sobre ter a tua idade?	O que gostas de fazer quando te sentes triste?	Qual a tua atividade favorita para fazer em família?

Recurso Pedagógico 4: PowerPoint utilizado na aula nº 3



Maná: alimento, **enviado por Deus**, que **caiu do céu** durante o tempo que o **povo de Israel** passou no **deserto**, depois da saída do Egito.



AZEITE

❖ É sinal de **bênção divina**; simboliza a **alegria**, a **riqueza**, a **fraternidade** e a **abundância**;

❖ Era usado para curar feridas, temperar os alimentos e para iluminar.



AZEITE

❖ A unção com azeite exprime a **presença do Espírito Santo**;

❖ Este gesto está presente em diversos **sacramentos** da Igreja (por ex. no **Batismo**).



VINHO



❖ Na tradição bíblica, é sinónimo de **festa** e de **alegria**.

VINHO



❖ É muitas vezes associado também ao **sangue**.

❖ Foi distribuído por Jesus na **Última Ceia** e passou a ser sinal da **Eucaristia**.

ÁGUA

❖ Simboliza a **fonte de toda a vida**;

❖ É uma representação universal da **fertilidade** e da **fecundidade**.



ÁGUA

❖ Tem um sentido **purificador** e **sagrado** para a maioria das religiões;

❖ É sinónimo de força, renascimento e **vida nova**.




CORDEIRO

❖ Símbolo antigo associado à **Páscoa**, representa a **aliança** feita **entre Deus e o seu povo** e a **passagem para a liberdade**.



Recurso Pedagógico 5: Ficha de atividades sobre a simbologia dos alimentos

	Ficha de Atividades 6ºF - E.M.R.C. E.B. 2,3 de Nogueira - Ano letivo 2018/2019 <i>O significado simbólico-religioso dos alimentos</i>	
	Nome:	Nº:

A. Encontra na sopa de letras os alimentos referenciados na Bíblia que abordamos na aula:

AMÊNDOA
MANÁ
VINHO
PEIXE

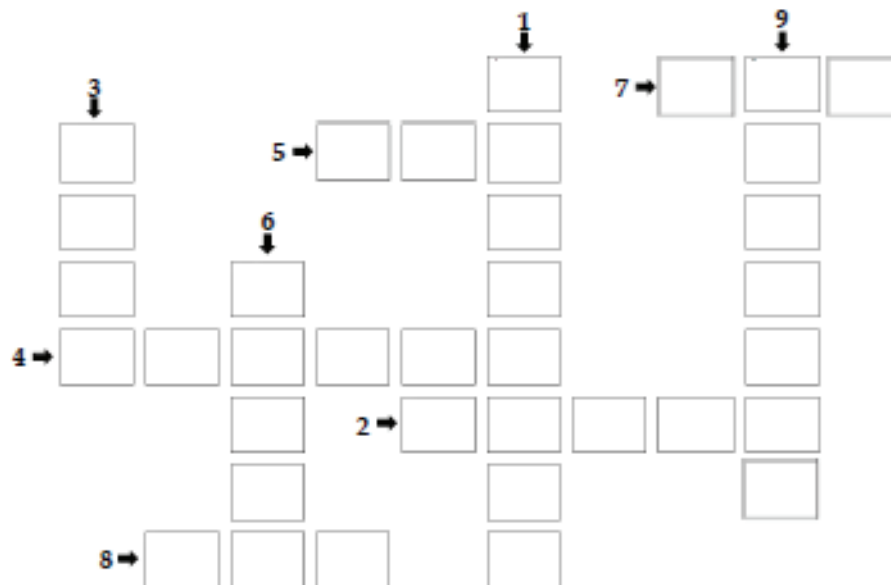
ÁGUA
MEL
LEITE
PÃO

CORDEIRO
AZEITE
SAL

T	O	A	C	P	L	E	O	Y	A	F	I	V	C	B	L
Y	Y	E	O	Ã	E	U	S	A	E	W	I	N	R	P	E
I	Y	W	R	O	I	B	F	T	O	S	B	V	V	X	U
A	Y	H	D	I	T	E	M	P	M	W	A	Q	I	Y	X
R	E	O	E	H	E	C	K	D	A	S	J	L	N	U	S
A	Z	E	I	T	E	I	V	X	N	I	L	A	H	Y	M
I	P	A	R	S	A	L	E	Y	Á	O	K	Q	O	Q	E
A	W	T	O	J	H	K	V	I	E	A	I	W	T	U	D
U	M	X	U	O	P	E	I	X	E	D	F	E	Y	E	K
V	I	U	R	Q	D	Á	U	X	U	Z	Y	N	A	A	B
B	O	J	I	Y	E	G	L	F	N	F	I	U	I	I	I
W	S	K	I	D	F	U	C	J	B	S	A	L	U	S	D
O	E	U	E	B	A	N	S	C	H	I	G	E	F	D	
A	M	Ê	N	D	O	A	X	J	O	E	V	P	H	H	B
Q	B	A	U	B	M	E	L	E	J	V	W	S	E	B	P
Y	U	G	S	I	D	A	S	U	W	F	P	O	E	V	I

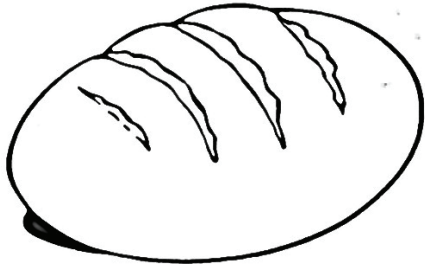

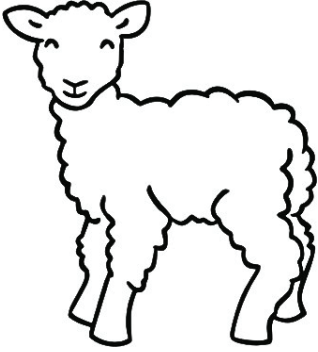


B. Completa agora este crucigrama, associando alguns dos alimentos que encontraste na sopa de letras com o seu significado simbólico-religioso.
























1. Símbolo associado à Páscoa, representa a aliança feita entre Deus e o seu povo.
2. Símbolo da alegria; usado na Última Ceia, passou a ser sinal da Eucaristia.
3. Representa a fertilidade e a fecundidade; tem um sentido purificador para a maioria das religiões.
4. Sinal de bênção divina, exprime a presença do Espírito Santo.
5. Símbolo da solidariedade e da partilha; para os cristãos, representa o Corpo de Cristo.
6. Sinal de abundância, traduz o desejo de satisfazer os mais pobres e abandonados.
7. Representa o sabor dado à vida, em paralelo com o sabor e tempero dos alimentos.
8. Expressa a doçura divina, contra o cansaço e o desalento; sinal da felicidade e da plenitude.
9. Símbolo da vigilância e da antecipação, do renascimento, da delicadeza e da esperança.

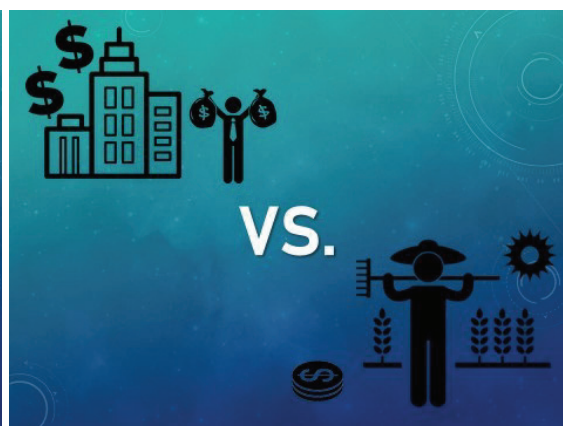
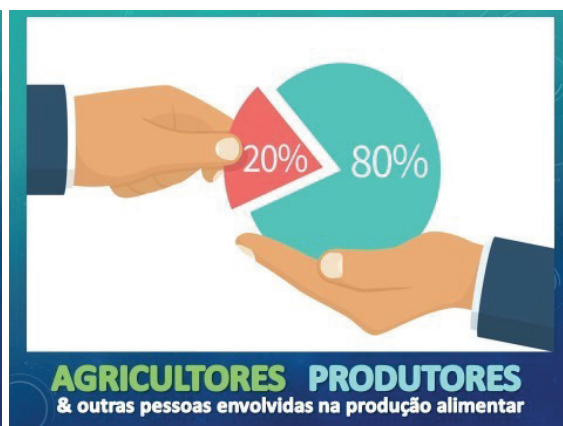
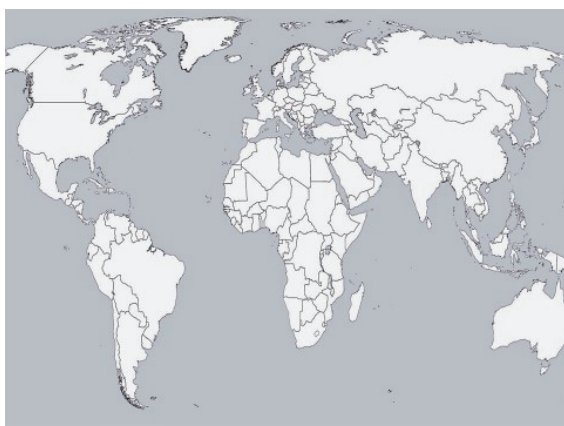
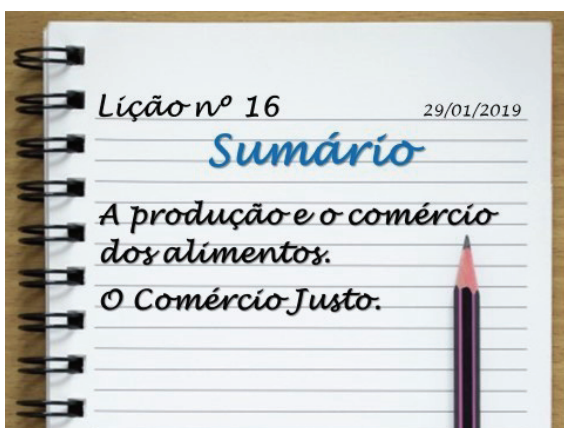
Recurso Pedagógico 6: Cartões elaborados para o jogo da memória da aula nº 3

	<p>Um dos alimentos de maior importância na Bíblia, simboliza a ideia de solidariedade e partilha. Para os cristãos, representa também o Corpo de Cristo, entregue a toda a humanidade.</p>
	<p>É sinal de bênção divina, simboliza a alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância. Está presente em diversos sacramentos da Igreja. Exprime a presença do Espírito Santo.</p>
	<p>Simboliza a fonte da vida; é uma representação universal da fertilidade e da fecundidade. Tem um sentido purificador e sagrado para a maioria das religiões.</p>
	<p>Na tradição bíblica, simboliza a alegria. Mas é muitas vezes associado também ao sangue. Foi utilizado por Jesus e os seus discípulos na Última Ceia e passou a ser sinal da Eucaristia.</p>
	<p>Símbolo antigo associado à Páscoa, representa a aliança feita entre Deus e o seu povo. Para os cristãos, simboliza o próprio Jesus Cristo.</p>

Recurso Pedagógico 7: Cartões usados na dinâmica inicial da aula nº 4

 <p>Cana de açúcar Brasil</p>	 <p>Arroz China</p>	 <p>Grão-de-bico Etiópia</p>
 <p>Carne de vaca Argentina</p>	 <p>Manga Índia</p>	 <p>Cocos Indonésia</p>
 <p>Trigo Austrália</p>	 <p>Camarão Tailândia</p>	 <p>Pimenta Malásia</p>
 <p>Ananás Costa Rica</p>	 <p>Café Uganda</p>	 <p>Cacau Costa do Marfim</p>
 <p>Mandioca Nigéria</p>	 <p>Batata-doce Tanzânia</p>	 <p>Milho E.U.A.</p>
 <p>Amendoim Sudão</p>	 <p>Azeitonas Espanha</p>	 <p>Inhame Gana</p>
 <p>Feijão Quênia</p>	 <p>Figs Argélia</p>	 <p>Leite Somália</p>

Recurso Pedagógico 8: PowerPoint utilizado na aula nº 4



COMÉRCIO JUSTO



- ✓ Combate a injustiça social e económica
- ✓ Garante que os produtores recebem uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto



Recursos Pedagógico 9: Personagens usadas na dinâmica inicial da aula nº 5

<p>América</p> <p>O meu nome é John.</p> <p>Os meus avós emigraram da Itália e criaram a minha mãe num apartamento em Chicago. Ela trabalhou muito durante a universidade e a faculdade de Direito, aceitando uma série de trabalhos, e depois começou a trabalhar como advogada. Ela é capaz de proporcionar uma bela casa para nós vivermos, e também tem sido capaz de pagar bolsas de estudo para a universidade a alunos do Secundário com notas excecionais que vêm de meios desfavorecidos.</p>	<p>Europa</p> <p>O meu nome é Jean.</p> <p>Sou de Paris. Crescendo numa parte pobre da cidade, a minha família teve de trabalhar duro para fazer face às despesas. Felizmente, quase sempre tivemos o suficiente para comer. Eu estudei muito e ganhei uma bolsa de mérito para estudar Agronomia numa faculdade de topo. Eu quero usar a minha licenciatura para cultivar plantas mais saudáveis para que todas as pessoas no mundo tenham o suficiente para comer.</p>
<p>América</p> <p>Sou a Julia.</p> <p>Os meus pais são pequenos agricultores em El Salvador. Por muitos anos cultivamos café e vendíamos-lo a um intermediário rico que nos pagava um preço baixíssimo e depois o vendia com um lucro muito elevado. Recentemente os meus pais juntaram-se a uma cooperativa. A cooperative compra os nossos grãos a preços justos, processa-os e vende-os diretamente a compradores nos EUA e na Europa. Neste sistema do Comércio Justo, não estamos a ser explorados e conseguimos ganhar mais.</p>	<p>Europa</p> <p>O meu nome é Catherine.</p> <p>Vivo com a minha família numa quinta em Piedmont, Itália. Nós cultivamos vegetais para vender no nosso Mercado de produtores local. Esta quinta está na nossa família há mais de 200 anos, e estamos muito orgulhosos do facto de cultivarmos alimentos saudáveis para os nossos amigos e vizinhos. Fazemos questão de doar as sobras de vegetais para distribuir a pessoas em necessidade.</p>

<p>Oceânia</p> <p>O meu nome é Michelle.</p> <p>Vivo em Sidney. A minha mãe é cientista numa empresa de produtos químicos, onde investiga novas formas de armazenar comida para que esta não se estrague a caminho dos locais de venda. Quando terminar a escola, também quero ser cientista, mas estou mais interessada em água e como assegurar que a mantemos limpa da poluição.</p>	<p>América</p> <p>O meu nome é Lourdes.</p> <p>Vivo no Brasil numa cidade à saída de São Paulo e tenho cinco irmãos e irmãs. A minha mãe aceitou um trabalho numa fábrica de roupa onde trabalha por longas horas. Ela ganha apenas o suficiente para alimentar-me a mim e aos meus irmãos, mas nós não passamos tempo com ela tanto como gostaríamos.</p>
---	--

<p>África</p> <p>Sou o Bareded Bekele.</p> <p>Sou um agricultor e vivo no sul da Etiópia com a minha família. Nunca tivemos um animal de trabalho até o meu pai receber um empréstimo de 330 birr (160€) de uma instituição de caridade local. Antes, demorava 7 ou 8 dias para preparar a terra para o cultivo usando apenas ferramentas manuais. Agora, desde que fizemos um acordo com um vizinho que também tem um boi, conseguimos cultivar a mesma quantidade de terreno em 4 ou 5 horas. Este ano o meu pai vai plantar mais terra; e espero que cultivemos comida suficiente para alimentar a nossa família e termos um excedente para que o meu pai possa pagar a primeira parte do empréstimo.</p>
--

<p>África</p> <p>Sou a Anna Pedro.</p> <p>Vivo em Moçambique. A minha aldeia sofreu quer de desastres naturais quer de desastres provocados pelo homem: a recém acabada Guerra Civil no meu país e a epidemia de cólera mataram muitas pessoas. Juntamente com os meus vizinhos, a minha família está a tentar combater o problema da cólera construindo uma vedação à volta de um novo poço perfurado pelos serviços nacionais de água, diminuindo assim a possibilidade de transmissão da doença através da água.</p>	<p>África</p> <p>O meu nome é Claude.</p> <p>Vivo no Botswana, África. O meu pai trabalha num cargo importante no Ministério das Finanças. Por alguns anos, trabalhou no Banco Mundial em Washington DC, mas antes de eu nascer, ele voltou para casa para colocar as suas capacidades ao serviço da melhoria da economia do nosso país. Não ganha tanto como ganhava nos EUA, mas comparado com muitos dos meus amigos, a minha família leva uma vida muito boa e próspera.</p>
<p>África</p> <p>Sou o Ayo.</p> <p>Sou um jovem pescador do Gana que descende que uma longa linhagem de pescadores. A minha família sempre teve uma vida decente no negócio da pesca, mas os meus rendimentos diminuíram uma vez que os rios e mares têm sido demasiado explorados e já não há tanto peixe. A minha família agora mal tem o que comer.</p>	<p>África</p> <p>Sou a Maria.</p> <p>Vivo no Zimbabué, onde a terra é muito árida. Lembro-me de muitos anos quando não chovia e as nossas plantações murchavam e morriam. Recentemente, um grupo local recebeu uma doação para construir uma represa no rio, de modo a termos água limpa durante todo o ano. Anseio pelo dia em que posso ter certeza de que as nossas plantações crescerão e minha família vai poder alimentar-se bem.</p>

<p>Ásia</p> <p>Sou o Simcha.</p> <p>A minha mãe tem o seu próprio negócio de cartões postais, vendendo-os aos turistas que vêm visitar a cidade antiga de Jerusalém. Ela põe-se na calçada e vende os postais desde as nove da manhã até à meia-noite, quando os últimos turistas regressam para os seus hotéis. Quando a economia nos EUA e na Europa é fraca, o turismo declina e ela não consegue vender muito. A minha família já passou por alguns anos difíceis, mas sempre nos saímos bem o suficiente para nos alimentarmos. Temos sorte por ter o nosso próprio negócio.</p>	<p>Ásia</p> <p>O meu nome é Siu.</p> <p>Tenho 15 anos. Vivo no Vietname onde a minha família vive da pesca há muitos anos. Sempre trabalhamos muito. Levantamo-nos antes do sol nascer, carregamos o nosso pequeno barco e partimos quando a luz do dia começa a aparecer. Normalmente, conseguimos pescar largas quantidades de peixe para vender às pessoas da aldeia no Mercado de peixe local. Os meus pais ganham o apenas o dinheiro suficiente para sustentar a nossa família, e eu só tive a oportunidade de frequentar o 1º ciclo quando era mais novo.</p>
<p>Ásia</p> <p>O meu nome é Ismatullah.</p> <p>Tenho 16 anos e trabalho numa loja na vila de Qadis no Afeganistão. As perspetivas para a minha loja não parecem boas. Das 300 lojas que costumavam existir na cidade, apenas vinte ainda estão abertas e a fazer negócio. É difícil de ver como vou conseguir vender os meus produtos.</p>	<p>Ásia</p> <p>Sou a Sana.</p> <p>Sou uma rapariga de 10 anos do Bangladesh. Há uns anos atrás, a minha mãe juntou-se a um grupo de mulheres. Elas ajudaram-nos a começar pequenos negócios, como a descasca do arroz, produção de tijolos e criação de vacas leiteiras. Elas também trabalham com a nossa comunidade para promover os direitos das mulheres. Agora as minhas irmãs e eu estamos muito mais saudáveis e o meu pai ajuda a minha mãe em casa.</p>

Ásia

Sou o Liang.

Vivo no norte do Vietname onde o rendimento médio no campo é menos de 200€ por ano. A minha família não tem terras, por isso o meu pai trabalha como ao dia para outros proprietários e ganha uma pequena quantia. Mal temos o que comer e eu só posso ir à escola por alguns meses durante o ano. As minhas irmãs não podem ir à escola, uma vez que os meus pais precisam da ajuda delas nas tarefas de casa.

Ásia

O meu nome é Lutfar.

Vivo no litoral do Bangladesh com a minha família. Temos frequentemente cheias e inundações e por vezes furacões. Num ano, milhares de pessoas morreram por causa de um tsunami. Depois disso, a minha família e vizinhos trabalharam com o governo e instituições de caridade para construir um abrigo para furacões. Da próxima vez que formos atingidos por um furacão, temos um lugar seguro para irmos. Por agora, usamos o abrigo como escola e lugar de encontro para a comunidade.

Ásia

Sou a Elizabeth.

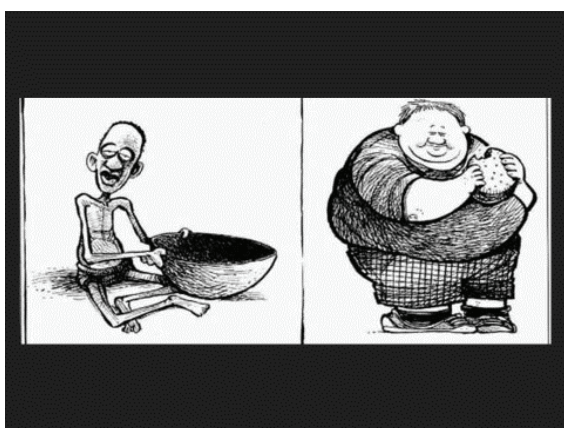
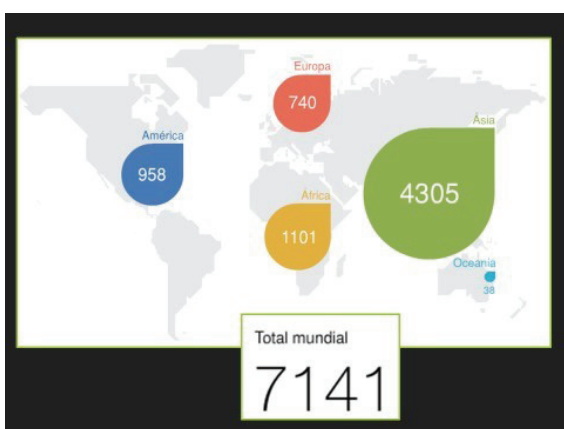
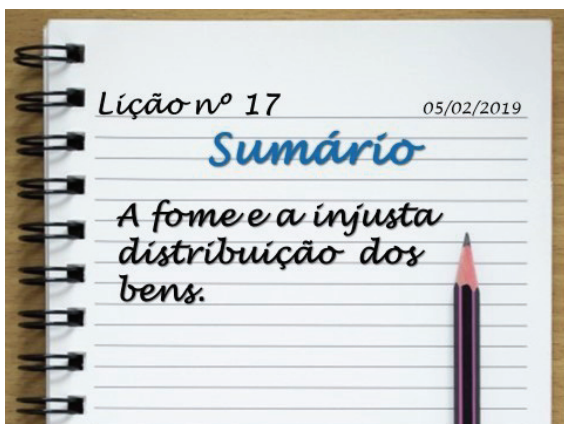
Há anos atrás, o meu pai cultivava milho, inhame e feijão mungu nas nossas terras nas Filipinas. Sempre pensei que eu iria fazer o mesmo. Mas agora as nossas terras foram compradas e fazem parte de uma grande plantação de açúcar e nós trabalhamos por 35 cêntimos por dia. Eu trabalho no campo, mas estou muito fraca porque não como o suficiente. A família está toda muito preocupada com a minha saúde.

Ásia

O meu nome é Farida.

As nossas florestas na Índia quase desapareceram, e o nosso povo tornou-se nómada, viajando de terra em terra à procura de água potável. Os homens estão constantemente à procura de trabalhos, que são escassos, e por vezes, têm de viajar para longe. Com alguma ajuda de uma instituição de caridade, estamos a trabalhar para construir reservatórios que mantêm a água das chuvas. Agora já plantamos vegetais. Nem imaginas o que isso significa para a minha família e para a nossa comunidade.

Recurso Pedagógico 10: Powerpoint utilizado na aula nº 5



- O **direito à alimentação** é um direito de todos os seres humanos.
- Há **recursos alimentares suficientes** para responder às necessidades de todas as pessoas; no entanto, muitas vezes, a ganância de uns coloca-se acima dos direitos básicos das pessoas.



A fome é um dos maiores flagelos da humanidade



Tem sido uma das grandes causas de morte de milhões de seres humanos. Muitas pessoas no mundo passam fome ou estão subnutridas, apresentando carências alimentares graves.

Causas da FOME:

- A fome tem causas que dependem da **responsabilidade humana** e tem **causas naturais**.



CAUSAS HUMANAS:



- A escassez de alimentos surge ou aumenta sempre que há **conflitos e guerras**. A destruição causada pelos conflitos armados limita ou impossibilita a produção de alimentos necessários.

CAUSAS HUMANAS:

- O **egoísmo** e a **ambição** sem medida dos mais ricos do nosso planeta, que controlam o comércio de alimentos e inflacionam os preços, são também causas para a fome de grande parte da população mundial.



CAUSAS HUMANAS:

- A **pobreza** gerada pela **difficuldade de acesso ao trabalho**, pela situação de **instabilidade laboral** e pelos **baixos salários** recebidos, contribui para que as famílias não tenham as condições econômicas necessárias para assegurar as suas refeições.



CAUSAS NATURAIS:

- Em muitas circunstâncias, a fome é também provocada por catástrofes naturais: períodos de **seca**, **inundações**, **terramotos**, ...



PROBLEMAS ECOLÓGICOS

Apesar de associarmos os **problemas ecológicos** às causas naturais, não podemos esquecer que eles são muitas vezes consequência da **exploração excessiva dos recursos naturais por parte do ser humano**.

Exemplos disso, são a **poluição** e a **deflorestação** provocadas pela ambição económica.



Consequências da FOME:

- Milhares de pessoas em todo o mundo vivem em situação de fome; crianças que não têm o acesso devido à alimentação e vivem subnutridas.
- A pobreza e a **subnutrição** originam doenças que, em situações graves, conduzem à **morte**; ou causam **problemas no crescimento físico e no desenvolvimento mental** das crianças.

SUBNUTRIÇÃO

VS.

DESPERDÍCIO ALIMENTAR

DESPERDÍCIO ALIMENTAR

a comida não é LIXO!

Cerca de um terço dos alimentos que são produzidos no mundo são desperdiçados, o que perfaz um total de 1,3 mil milhões de toneladas de comida por ano.



EVITE O DESPERDÍCIO ALIMENTAR.



- Ajuste as doses cozinhadas e servidas às suas necessidades
- Quando guarda as suas compras, tenha em atenção os prazos de validade
 - Utilize as sobras das suas refeições



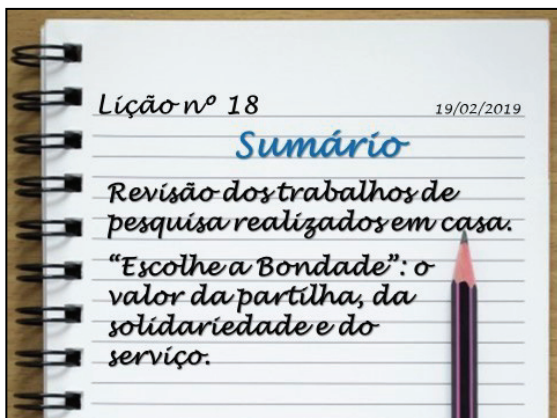
Bancoalimentar
contra a fome



REFOOD

INSTITUIÇÕES QUE LUTAM CONTRA A FOME

Recurso Pedagógico 11: PowerPoint utilizado na aula nº 6



BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

- **Data de fundação:** 1991/1992 (Portugal)
- **Fundador:** José Vaz Pinto
- **Lema:** "Alimente esta ideia"



Banco Alimentar
contra a fome

- **Objetivo:** Lutar contra o desperdício, recuperando excedentes alimentares, para os levar a quem tem carências alimentares, mobilizando pessoas e empresas, que a título voluntário, se associam a esta causa
- **Atividades desenvolvidas:** Realizam campanhas de recolha de alimentos nas superfícies comerciais; recebem géneros alimentares, ofertas de empresas e particulares, excedentes de produção da indústria agroalimentar e excedentes agrícolas; distribuem esses alimentos por instituições de solidariedade portuguesas

RE-FOOD

- **Data de fundação:** 2011
- **Fundador:** Hunter Halder
- **Lema:** "Aproveitar para Alimentar"



- **Objetivo:** Eliminar o desperdício de alimentos e a fome, envolvendo toda a comunidade numa causa comum.
- **Atividades desenvolvidas:** Os parceiros (restaurantes e superfícies comerciais) doam o excedente de comida do dia, em vez de deitar fora; os voluntários da Re-food recolhem esses alimentos, preparam-nos e distribuem-nos por famílias carenciadas.

FAO - ORGANIZAÇÃO PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA

- **Data de fundação:** 16 de outubro de 1945
- **Fundador:** ONU (Organização das Nações Unidas)
- **Lema:** "Fiat panis" ("Haja pão")



- **Objetivo:** Erradicar a fome, a insegurança alimentar e a desnutrição; erradicar a pobreza e fomentar o progresso económico e social; gerir e utilizar de forma sustentável os recursos naturais
- **Atividades desenvolvidas:** Divulgar e trocar informação e conhecimento com os Estados membros da ONU para apoiar e fortalecer o combate à fome e à pobreza; criar programas de apoio (técnico e financeiro) junto das regiões mais pobres e desfavorecidas; realizar campanhas de sensibilização para estes temas a nível mundial



caritas



Comunidade
Vida e Paz



O QUE É QUE TU VAIS FAZER?

O Miguel está sempre a aborrecer e a incomodar os outros colegas nas aulas e faltar ao respeito aos professores. O António é o melhor amigo dele e decide falar com ele sobre estes problemas.

- De que forma poderia o António falar com o Miguel sobre a forma como ele se tem comportado?
- Pode ser tentador tratar o Miguel da mesma forma que ele trata os outros. Como podes ser bondoso, mesmo numa situação destas?



CENÁRIO I

A Margarida, o João e a Cristina não gostam de fazer tarefas em casa. Quando os pais deles lhes pedem para levar o lixo ao ecoponto e levar o cão a passear, eles resmungam e não querem ajudar.



- Como podem eles mostrar carinho e respeito para com os seus pais?
- Que podes tu fazer para reagir àquilo que os teus pais te pedem de uma forma que eles gostem?

CENÁRIO 2

A irmã mais nova da Sara, a Isabel, quer estar sempre a brincar com ela. Quando os amigos da Sara vão lá a casa, a Isabel não os deixa em paz e a Sara fica sempre muito aborrecida por a irmã mais nova ser tão chata.



- Como pode a Sara ser bondosa para a Isabel?
- Como podes tu ser mais paciente e inclusive com os teus irmãos, primos ou amigos?

CENÁRIO 3

A D. Dulce é sempre muito atenciosa com as crianças do bairro; especialmente com a Joana e os seus amigos. Ela faz-lhes bolachas, vai buscá-los à escola quando os seus pais estão a trabalhar, e ouve-os sempre com muita atenção quando eles estão mais tristes ou desanimados.



- Como podem a Joana e os amigos mostrar gratidão à D. Dulce?
- De que formas podemos agradecer a quem é atencioso e simpático connosco?

CENÁRIO 4

O Hélder joga futebol numa pequena equipa da cidade de Braga. Ele não gosta de ver todo o lixo que as pessoas deixam nas bancadas do campo no final dos jogos.



- O que podem o Hélder e os seus amigos fazer para ajudar com este problema do lixo?
- Que atitudes podemos ter para sermos mais bondosos com o nosso planeta?

CENÁRIO 5



Recurso Pedagógico 12: Letra e tradução do música *I Was Here* (Beyoncé)

Letra:

I want to leave my footprints on the sand of time
Know there was something that, something that I left behind
When I leave this world, I'll leave no regrets
Leave something to remember, so they won't Forget

I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done, everything that I wanted
And it was more than I thought it would be
I will leave my mark, soul, everyone will know, I was here

I wanna say I lived each day, until I died
You know that I, been something in, somebody's life
The hearts I have touched
Will be the proof that I leave
That I made a difference
And this world will see

I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done, everything that I wanted
And it was more than I thought it would be
I will leave my mark so everyone will know

I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done, everything that I wanted
And it was more than I thought it would be
I will leave my mark so everyone will know, I was here

I just want them to know
That I gave my all, did my best
Brought someone some happiness
Left this world a little better just because, I was here

I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done, everything that I wanted
And it was more than I thought it would be
I wanna leave my mark so everyone will know

I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done
I was here, I lived, I loved, I was here
I did, I've done, I was here

Tradução:

Eu quero deixar as minhas pegadas na areia do tempo
Saber que havia algo ali, algo que ali deixei
Quando eu deixar este mundo, não me vou arrepender
Deixar algo para lembrar, para que eles não se esqueçam

Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito) tudo que eu queria
E foi mais do que eu pensei que seria
Eu vou deixar a minha marca, a minha alma;
O mundo inteiro vai saber que eu estive aqui

Eu quero dizer que vivi cada dia, até morrer
E saber que eu tenho sido algo na vida de alguém
Os corações que eu toquei serão a prova que eu deixo
Que eu fiz a diferença, e este mundo verá

Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito) tudo que eu queria
E foi mais do que eu pensei que seria
Eu vou deixar a minha marca para que todos saibam:

Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito) tudo que eu queria
E foi mais do que eu pensei que seria
Eu vou deixar a minha marca para que todos saibam: eu estive aqui

Eu só quero que eles saibam
Que eu dei tudo de mim, fiz o meu melhor
Trouxe a alguém alguma felicidade
Deixei este mundo um pouco melhor só porque... estive aqui

Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito) tudo que eu queria
E foi mais do que eu pensei que seria
Eu vou deixar a minha marca para que todos saibam:

Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito)
Eu estive aqui: eu vivi, amei, eu estive aqui
Eu fiz (tenho feito), eu estive aqui

